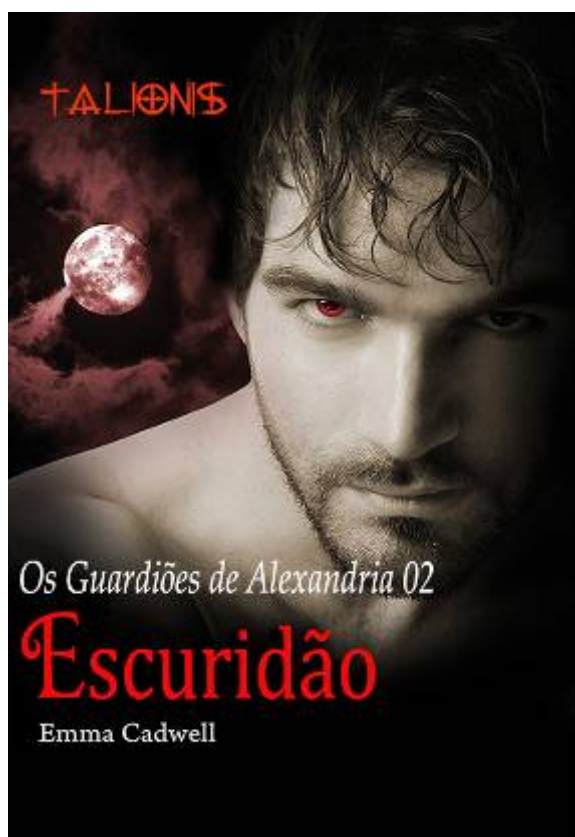




Emma Cadwell

Escuridão

Os Guardiões de Alexandria 02

Quando Simon Whelan conheceu Mara Stokes teve o pressentimento de que era a sua alma gêmea, mas é consciente de que jamais poderá estar com ela. Mara é muito jovem e muito inocente, e Simon já perdera uma vez a mulher que acreditava estar destinada à ele. Entretanto, Mara é muito mais do que aparenta, e sua única preocupação é acabar com Simon. Viveu enganada à respeito de si mesma e de sua família, sob o amparo do exército das sombras a levou a acreditar, dentre outras coisas, que havia sido o guardião quem ordenou o assassinato de seus pais. Por mais que ambos tratem de resistir à poderosa atração que sentem um pelo outro, o amor é a única coisa que conseguirá fazê-los vencer a escuridão. Juntos deverão averiguar a verdade e lutar contra o cruel exército das sombras, que usará todo seu arsenal para ganhar a batalha final.

Disp em Esp: MR

Envio do arquivo: Δίκη

Revisão Inicial: Cris Reinbold

Revisão Final: Ειρήνη

Formatação: Greicy

Capa: Élica

Talions





Para os que acreditam nas almas gêmeas

Do que um herói é feito? De coragem, valor, moral e capacidade para enfrentar qualquer adversidade? São essas as verdadeiras qualidades de um herói? É a luz a fonte da escuridão, ou vice versa? Quem são esses heróis e de onde saíram? Nasceram na escuridão ou na luz do dia?

Fiódor Dostoievsky
Memórias do subterrâneo¹

Comentário da Revisora Cris Reinbold: Olho-te e digo, sou teu, você é minha.

Você se vai, e eu fico só.

Encontro-te e digo você me pertence, você é minha!

Comentário da Revisora Eirini: *Gente, eu só tenho uma reclamação desse livro: é curto!!! Muito curto. A história merecia mais umas 100 páginas!!! Sugiro que o primeiro livro seja lido antes, ok? Vamos ao que interessa: essa história tem tudo o que gostamos: tramas, reviravoltas, amor romântico, ação, sobrenatural, mistério, seres mitológicos... Pouca cenas hot, porque o objetivo do livro é falar sobre o amor verdadeiro... AVISO: quem está esperando um livro com muitas cenas de sexo, nem leia. São bem poucas. Mas é uma história que vale a pena, por nos entreter e fazer sonhar...*

Simon, nosso herói e meu amor, é tudo o que eu esperava que ele fosse, desde o livro do Ewan (Guardiões de Alexandria 1). Com 10 anos ele conheceu sua alma gêmea. E se apaixonou por ela! Ele esperou mais de 25 anos por ela! E quando ela apareceu... não vou contar, né? "Keep reading", como diria uma famosa autora. Só posso dizer que ele é lindo: mas não só na aparência. Nos meus devaneios, ele é bonito, mas não deslumbrante...Ele é lindo por dentro. Do jeito que eu gosto. E ele não me decepcionou!! Esperei por ele e ele correspondeu ao que eu imaginava. Lindo,

¹ Esta obra é considerada como a primeira obra existencialista do mundo. Apresenta-se como um excerto das memórias de um empregado civil aposentado que vive em São Petersburgo. O livro é dividido em duas partes, e realmente muito pequeno quando comparado ao tamanho das outras obras-primas de Dostoiévski. Este é um homem amargo, isolado, sem nome (chamado geralmente de Homem subterrâneo). Este personagem, que não menciona seu nome em nenhum momento, encena na primeira parte do romance, que leva o nome de "O subsolo", um grande solilóquio com a intenção de "comover" de alguma forma seu leitor. Este leitor é de suma importância que seja detectado na leitura, pois o discurso do narrador é "moldado" por seu receptor, dessa forma o seu solilóquio, na verdade, é uma grande evocação de discursos alheios que são parodiados de uma forma zombeteira e às avessas. A personagem chega a dizer que é um homem mau, ou age como tal, mas que pode ser agradado e visto como uma pessoa de bem. Essa incapacidade de se livrar do peso moral o aflige. Diz que os homens sanguinários eram cultos e inteligentes (reforçando as ideias de Raskolnikov em Crime e Castigo), e que ele mesmo gostaria muito de encontrar um motivo pra dar sentido a sua vida, como os chamados homens de ação. Ele conclui que "o melhor é não fazer nada". Na segunda parte, nomeada de "A propósito da neve molhada", há três episódios que relatam de uma forma concreta como o nosso anti-herói é encurralado socialmente pelos discursos e ações de uma sociedade despótica. Essa narrativa é exposta com uma visão da consciência do protagonista, num dos melhores exemplos do recurso literário fluxo de consciência. O subsolo aparece como sendo o subconsciente humano. É no subsolo que se encontra pensamentos e ideias que queremos esconder de todos, até de nós mesmos, e são esses pensamentos que comandam nossos atos.



lindo, lindo. Eu me apaixonei por ele e espero que vocês não se apaixonem por ele. Aliás, como não me apaixonaria? Ele é, praticamente, meu X-Men preferido: o Wolverine!!!!

Bom, o que mais posso dizer do meu amor? Ele é um Guardião de Alexandria: seres mitológicos cuja função por sobre a Terra, é sempre defender os inocentes... São imortais até que encontrem a sua alma gêmea: a única mulher que os completará e com quem poderão ter filhos. Lindo, não é? Enquanto não encontram o amor da vida deles, são imortais. Quando a encontram, viram mortais para poder envelhecer com elas... Durante a lua cheia... “keep reading”... possuem garras, presas, bebem sangue... e não são vampiros... E mais: temos vários seres sobrenaturais: as Odisseias, as Íliadas, os Gladiadores (tem um BEM interessante, se é que vocês me entendem...). Lógico que tem os vilões, né? Bom, espero que gostem. Esse livro foi feito com muito, mas muito carinho por mim e pela Cris, porque gostamos da história e traduzimos com muito prazer. A leitura vai ser rápida e prazerosa. Apenas para fazer a gente descansar e sonhar! Aproveitem!

Capítulo 1

Nova Iorque, a vinte e três anos.

Havia sangue por toda parte, penetrava por entre os ladrilhos do chão, e as cortinas que dias atrás foram brancas, agora estavam tingidas da cor da morte. Foi um engano se separem, estavam se aproximando muito do exército das sombras, mas Tom insistiu em que queria ir ver sua mulher, Nina, e a sua pequena Maria. Como sempre, Tom disse que era um exagerado e que se preocupava em excesso. O cientista humano estava acostumado a zombar frequentemente de seu amigo guardião, mas por desgraça, desta vez Royce não errou.

Havia ficado com Tom nessa mesma noite as doze horas, em um dos escritórios que a família de Royce possuía na cidade, e quando passavam dois minutos da hora combinada, soube que algo estava errado. Tom Gebler nunca chegava tarde. Nunca. Royce discou o número de telefone ao mesmo tempo em que se aproximava da janela, e não esperou que tocasse nem uma vez. Bastou ao guardião ver a lua para que seus instintos despertassem. Correu para seu carro, um Bentley que trouxera da Inglaterra, adaptado na medida de suas necessidades, e pisou no acelerador. Durante o trajeto, deixou que o guardião saísse, as garras de aço saíram entre os nódulos dos dedos e as vértebras da coluna se separaram. Em questão de segundos, seus olhos passaram a ter a acuidade dos de um gato, e as presas enfiaram-se no lábio inferior. Royce tinha muito poucos amigos neste mundo, e não ia permitir que acontecesse nada de ruim a Tom nem à sua família. Parou o carro abruptamente diante da casa com cerca branca em que vivia o cientista e ouviu o inequívoco ruído de uma briga. Derrubou a porta e, sem duvidar, degolou o primeiro intruso que encontrou em seu caminho. Era um soldado do exército. Estava vestido com o uniforme das fileiras inferiores e tinha um olhar ávido de sangue. Ainda não se transformara de todo; os



senhores do exército outorgavam essa categoria a muito poucos, e a sede de sangue que o consumia fez com que fosse mais fácil para Royce matá-lo. Havia dois tipos mais, podia ouvir suas respirações aceleradas, mas não os via em nenhum lugar. Chegou um grito afogado até ele e Royce subiu a escada que levava aos quartos. Ali viu a Nina encolhida em cima de uma cama, com seu corpo protegendo o bebê de apenas seis meses, e ainda por cima das duas se abatia um dos homens que o guardião vira antes.

—Se afaste delas — ordenou Royce.

O assassino não obedeceu, mas sim afrouxou a garra com que puxava o cabelo de Nina e deu meia volta para enfrentar o recém-chegado.

—Disse para se afastar — repetiu, e viu que Nina o olhava com olhos suplicantes. Ia morrer, tinha uma ferida muito profunda no estômago e o coração batia cada vez mais devagar— Eu vou matá-lo, depende de você se você vai rápido ou não.

O soldado sorriu a Royce e lambeu o lábio inferior.

—De acordo, terminarei de brincar com elas mais tarde.

Royce ouviu um disparo proveniente de outro quarto e se colocou em ação. Não podia perder nem um segundo mais, assim lançou-se sobre o soldado, que, igual ao do andar inferior, não era rival para um guardião de trezentos anos, e enfiou as garras da mão direita no esterno dele, abrindo um canal. Quando o corpo caiu ao chão, cortou a cabeça para assegurar de que não haveria nenhuma surpresa. Nina, embora estivesse agonizando, conseguiu balbuciar:

—Tom...

—Fique calma. —Royce tratou de ocultar a preocupação que sentia e afastou uma mecha de cabelo ensanguentado do rosto. Pegou o pulso e a segurou com as poucas forças que restavam em seguida, se virou.

Nina o soltou e ele foi à busca de seu amigo, sem poder tirar da cabeça a imagem da pequena Maria coberta de sangue. Estaria viva?

Pisou em um atoleiro de sangue e tirou de seu caminho uma estante que havia caído durante a briga.

—Royce. —A débil voz de Tom era apenas perceptível.

O guardião encontrou seu amigo sentado no chão, com as costas apoiada contra a parede mais distante. Segurava um revólver entre os dedos de uma mão enquanto, com a outra, tratava de deter a hemorragia. Não serviria de nada, foi a primeira coisa que pensou Royce ao agachar-se ao seu lado.

—Sei que não servirá de nada — disse Tom com um meio sorriso.

—Você não pode ler mentes — respondeu Royce—, e além do mais, sempre zombou disso — lembrou-o, enquanto afastava a mão para tampar a ferida— O que aconteceu?

—Tinha razão. —Levantou um pouco o canhão da pistola e assinalou ao homem caído a uns metros— Assegure-se de que está morto.

Royce levantou-se e se aproximou do terceiro soldado do exército das sombras. Este era de uma hierarquia superior, e tinha certeza de que por isso foi atrás de Tom, ao invés das mulheres.

—Está morto — certificou-se, mas estendeu de novo as garras da mão direita, que



retrocederam para poder ocupar-se da ferida de seu amigo, e arrancou a cabeça.

—Você e seus alardes — Tom teve um ataque de tosse—, embora desta vez não me importo. Se pudesse, eu mesmo o cortaria em pedaços. —Outro ataque de tosse e cuspiu sangue— Tenho os pulmões encharcados, não tenho muito tempo.

Royce retornou junto ele e não deu falsas esperanças.

—Os resultados dos testes estão na caixa de segurança — prosseguiu seu amigo, e apertou os dentes e fechou os olhos para aguentar a dor— O resto da documentação...

—Tenho uma cópia. Não se preocupe com isso. —Cobriu com sua mão a de Tom, coberta de sangue. Estava gelada.

—Nina e Maria, eu... —Apertou os dedos de Royce— É minha culpa.

—Não. Não é sua culpa, e asseguro que elas não querem que pense isso.

—Chegaram quando Nina levava Maria para seu quarto — explicou Tom, ignorando seu comentário— Não me pediram nada. —Tossiu outra vez— Um subiu para cima e os outros dois...

—Fique calmo. — fez-se um nó na garganta de Royce. Se alguém ameaçasse Molly e Simon, ele estaria disposto a fazer qualquer coisa para protegê-los.

—Me prometa que cuidará delas. Prometa isso — Fez um esforço para levantar a cabeça e olhou seu amigo nos olhos.

—Prometo — jurou solenemente.

—Me prometa que fará tudo o que seja necessário para que Maria saia viva desta. —Viu que Royce abria os olhos— Sei que Nina está ferida gravemente, e que a pequena também, mas... — Cuspiu sangue— Sei que Maria seguirá adiante. Tem que viver, Royce. Jure-me que fará o que seja necessário para salvá-la.

—Tom... —Sabia bem o que seu amigo estava insinuando.

—Jura-me isso. Os resultados estão... —Já quase não podia respirar.

—São só teóricos. —Continuava negando-se a mentir a Tom.

—Jure-me isso — Apertou de novo os dedos— Por favor.

—Juro.

—Obrigado. —Tom afrouxou a mão— diga que as amo — escorregou uma lágrima— e diga a Nina que me perdoe.

—Tom...

—Diga que a amarei sempre.

—Farei.

Abriu os olhos pela última vez e se despediu de Royce Whelan. Este fechou as pálpebras de um dos homens mais honrados e valentes que conheceu em toda sua vida e foi cumprir suas promessas.

Entrou no quarto da menina e encontrou Nina com a pequena nos braços.

—Tom está morto — disse a mulher. Não era uma pergunta— E eu... —Engoliu saliva— Aproxime Royce.

Ele obedeceu e se sentou a seu lado.

—Tom me pediu que dissesse que a amará sempre, e que pedisse perdão.



—Sempre foi muito melodramático — sorriu Nina, e nesse instante Royce teve uma ideia da brilhante mulher que era a esposa do cientista— Sei que me ama, e agora, quando o vir, direi que não tem que me pedir perdão. Pegue a menina.

Ele pegou a pequena nos braços e acariciou a bochecha. Estava manchada de sangue, mas pôde sentir como ainda batia a vida sob a delicada pele.

—Um desses homens a apunhalou. Pressionei a ferida com a manta, mas precisa ir a um hospital.

—Não vou te deixar aqui — afirmou Royce antes que ela o pedisse.

—Me prometa que Maria será feliz. —Segurou pelo pescoço da camisa.

Os olhos da Nina brilhavam com a ferocidade dos de uma leoa.

—Prometo.

—Tire-a daqui e salve-a. Eu... —Afastou a mão ensanguentada da ferida que tinha perto do pescoço e que tampou até esse momento—... Eu tenho que ir com Tom.

Royce abraçou à pequena Maria e não se foi dali até que Nina se despediu de sua filha para sempre.

Logo correu com a menina para o carro, parando só um segundo para pegar umas mantas, e a acomodou como pôde no assento do acompanhante. Sentou-se ao volante e pisou no acelerador. O coração de Maria não ia aguentar muito mais, e a ela não ia perdê-la. Dirigiu como um possesso até o hospital no qual trabalhava Dominic Prescott, um guardião centenário, e se comunicou com ele mentalmente para que o esperasse na emergência.

—O que aconteceu? E Tom? —perguntou Dominic ao pegar o bebê nos braços.

—Morto, e Nina também. Alguns soldados do exército os atacaram esta noite. — Percorreram juntos o corredor da emergência— Poderá salvá-la?

—Farei o que posso. —Fez uns gestos para uma enfermeira, que em seguida correu para preparar uma sala de cirurgia— Espere aqui.

Royce assentiu e foi à sala de espera. Teve muita sorte de que uns anos atrás, Dominic decidisse que estava aborrecido de viver na Inglaterra e se mudara para Nova Iorque. Do contrário, teria que ter-se entendido com um médico qualquer da emergência e teria tido muitos problemas na hora de explicar por que tinha nos braços uma menina de seis meses à beira da morte, cujos pais faleceram nas mãos de aprendizes de demônio. Sim, que Dominic estivesse ali era bom sinal. Ou assim decidiu interpretá-lo quando, duas horas mais tarde, este saiu da sala de cirurgia.

—Como ela está?

—Estável, mas não sei se sobreviverá. —Ambos se sentaram nas incômodas cadeiras brancas da sala de espera— perdeu muito sangue, e é muito pequena. Tem que estar preparado, Royce.

—Não. —replicou ele—. O que me diz do projeto Ícaro?

—Não pode estar falando sério. —Mas viu que seu amigo ia muito a sério— Merda, Royce. Não me faça isto. O próprio Tom dizia que por agora só era uma teoria. Não provou nada. Nunca. Maria poderia morrer.

—E se não o testarmos, quantas probabilidades terá de sobreviver? Diga-me a verdade.



—Muito poucas. —Royce procurou o olhar de Dominic e este a sustentou— Nenhuma — reconheceu ao fim a horrível verdade— Não acredito que aconteça esta noite.

—Ela tem que sobreviver, Dominic. Eu prometi a seus pais. —ficou em pé e, exasperado, passou as mãos pelo cabelo.

—Royce, nem Tom nem Nina quereriam que se torturasse com isto.

—Não, Maria tem que sair desta. Vou procurar os papéis de Tom...

—Não precisa — interrompeu o outro guardião—, faz uma semana ele esteve aqui e me deixou uma cópia. Pediu-me que o ajudasse com os testes. —Também ficou em pé—. Está bem, de acordo. Tentarei. —antes que Royce o abraçasse, acrescentou— Mas se algo sair errado — engoliu saliva— se algo sair errado, Maria ficará em coma e se reunirá com seus pais, de acordo?

—De acordo. —Royce sabia que Dominic não ia permitir que nada saísse mal— O que precisa?

—A sala de cirurgia está equipada com todo o necessário...

—Pois o que estamos esperando — interrompeu.

—Falta o mais importante — disse Dominic.

—O que?

—Sangue. Maria é um bebê, assim, se quisermos que seu pequeno corpo tenha a mais mínima possibilidade de ir em frente, precisa de sangue de um guardião que ainda esteja crescendo, e temo meu amigo, que isso descarte a ambos.

—Simon.

—Seu filho? Quanto anos tem?

—Dez.

Dominic ficou pensando uns segundos antes de falar.

—Poderia funcionar.

—Vou buscá-lo — disse Royce, já a caminho para a saída.

Uma hora mais tarde, Royce e um Simon um pouco aturdido, estavam dentro da sala de cirurgia. O menino permanecia deitado em uma maca, com uma cânula no braço direito que ia extraíndo sangue pouco a pouco. Em uma maca a seu lado, quase perdida entre as mantas, estava Maria, que também levava um artefato similar, mas adequado ao seu tamanho.

—Papai, ela ficará bem? —perguntou Simon a Royce.

—Esperemos que sim, filho — respondeu este, e acariciou a sua testa. Estava muito orgulhoso de seu filho, pois bastou que dissesse que a vida de uma menina corria perigo para que ele se oferecesse a ajudá-lo, o convenceu especialmente. Algum dia, Simon seria um grande guardião.

Dominic seguiu com convicção as indicações que Tom escreveras obre o projeto Ícaro e ao terminar foi em busca de Royce e Simon, que ao terminar a transfusão mandou-o de novo à sala de espera.

—Maria ficará bem — anunciou sem demora.

Os dois adultos e o menino se abraçaram.



—Menos mal — disse Simon à meia voz— Minha vida não teria sentido sem ela.

Nem seu pai nem Dominic prestaram atenção à estranha frase. Uma frase que anos mais tarde adquiriria muito sentido.

Capítulo 2

Três anos mais tarde...

A família Whelan adorava passar parte de suas férias na Escócia, onde viviam os membros do clã Jura, que consideravam primos irmãos, e com os quais sempre se encontravam, no mínimo, quatro vezes ao ano. Liam Jura, um dos guardiões mais respeitados da história, era um dos melhores amigos de Royce Whelan; na realidade, dado que Royce perdera seu pai há muito tempo, Liam foi para ele uma espécie de mentor. E por isso Royce e sua família visitavam a Escócia com frequência; para que os netos de Liam, Ewan e Daniel, conhecessem seu primo Simon.

E nessa ocasião, Maria também os acompanhava.

Depois do assassinato de seus pais nas mãos do exército das sombras, Royce e Dominic decidiram que o melhor para a pequena seria que também a dessem por morta. Dominic certificou-se de seu falecimento e nem a polícia, nem ninguém do hospital o questionaram. Royce tampouco teve nenhum problema na hora de fazer desaparecer seu próprio rastro no acontecido daquela horrível noite, e se assegurou de que em todos os jornais aparecesse a trágica notícia da morte de um brilhante cientista junto com sua mulher e seu bebê.

Maria passou quase seis meses no hospital, registrada com outro nome, é obvio. Graças ao sangue de Simon, que ia vê-la todos os dias, a pequena enganou a morte, mas sua recuperação foi muito lenta. Dominic passou horas repassando todas as notas de Tom a respeito do relatório do projeto Ícaro, mas como disse a Royce, ninguém havia conseguido terminá-lo com êxito. Ao longo desses eternos seis meses, Maria sofreu diversas recaídas, passou a ter febre alta, a estar completamente gelada, e a única coisa que conseguia acalmá-la era a presença de Simon. Tanto Royce como Molly, estavam orgulhosos e encantados com a conduta de seu filho, que até então era um menino muito rebelde e despreocupado. E possivelmente seguisse sendo, exceto quando estava com Maria. Olhava-a com uma intensidade que arrepiava a pele de Molly. Sentava-se a seu lado e segurava à delicada e diminuta mão da pequena na sua e dava-lhe pequenos beijos. Falava como se ela pudesse entendê-lo, e contava-lhe os contos que mais gostava: as lendas dos guardiões. Uma noite, Simon insistiu em ficar e dormir ali, e nem sequer Dominic, que, depois de salvar Maria, Simon idolatrava, conseguiu convencê-lo de que se fosse. Royce disse a seu filho que não aconteceria nada se fosse para casa, no dia seguinte a menina seguiria ali e poderia voltar a cuidar dela, ao que ele respondeu que não, que essa noite era importante. Que Maria precisava dele.

Na manhã seguinte, quando Dominic foi visitar a pequena, a encontrou sentada na cama brincando com as mechas do cabelo de Simon, que estava adormecido. E em menos de uma



semana, quase se recuperou de tudo.

Apesar da impressionante melhoria, os Whelan continuaram sendo muito precavidos com ela e não se atreveram a afastá-la muito de Dominic, e de seu hospital. Até que Simon os convenceu de que a levasse com eles a Escócia.

Estavam há uma semana no castelo dos Jura e Royce continuava tendo a sensação de que alguém os vigiava. A primeira vez que detectou a presença de uns olhos observando-os estavam no aeroporto; os guardiões podiam se teletransportar, e inclusive levar com eles um humano, mas não quiseram arriscar-se com Maria, e Simon passou todo o voo enjoado, mas segurando a mão da menina, que o olhava com adoração. Ao chegar ao castelo, contou suas suspeitas para Liam e Robert, e pai e filho ficaram também alerta.

Liam, Robert e Royce, junto com Ewan e Daniel, saíram para pescar. Simon não quis acompanhá-los porque não queria deixar sozinha Maria, assim Molly e Alba, a esposa de Robert, decidiram também ficar e preparar algo especial para o jantar. Algo digno de acompanhar todos os peixes que trariam do rio.

—Mamãe, Maria e eu vamos passear pelo jardim — disse Simon a Molly— Quero mostrar o poço dos desejos.

—De acordo, mas tomem cuidado. E não demorem muito, seu pai retornará em seguida.

—Também eu gosto de passear junto ao poço — apontou Alba— parece tirado de um conto de fadas. Mas não estou segura de que realize desejos. Qual desejo vai pedir Maria?

—Eu só quero Simon — e apertou os dedos com os que se aferrava ao menino de treze anos— e um cachorrinho branco que se chama *Puzzle*.

Molly e Alba ficaram sem fala; Nina, a mãe da Maria, tinha um cachorro branco com esse nome, que os assassinos degolaram antes de entrar na casa dos Gebler naquela noite.

—Vamos, Maria — disse Simon a puxando— se não, não teremos tempo.

Até que os dois meninos saíram da casa, Molly não se atreveu a falar.

—Acha que se lembra do cão?

—Espero que não — respondeu Alba— Espero que não.

Alheios a essa conversa, Simon e Maria foram passeando até o poço. Foram rindo; ele não retrocedia em seu empenho de fazer sorrir à menina, e ela nunca estava tão contente como quando estava ao seu lado. Nenhum dos dois era consciente do perigo que os espreitava.

Havia demorado muito tempo para encontrá-la, mas no final valeu a pena esperar. Esperar e seguir vigiando Dominic Prescott e os Whelan. Fazia já mais de um ano que descobrira que Maria Gebler continuava viva, mas até então os guardiões cuidaram dela dia e noite, tornando impossível que pudesse aproximar-se dela. Jeremiah Claybourne era um homem paciente e muito



ambicioso, e, no final, o primeiro ia parecer imprescindível para satisfazer o segundo. O projeto Ícaro havia passado de ser uma das joias dos guardiões e cair no esquecimento, mas nem ele nem o senhor do exército das sombras o esqueceram. Tinha certeza que se conseguisse demonstrar que Ícaro era viável, lorde Ezequiel o recompensaria generosamente por isso. Eternamente inclusive, e o único modo de demonstrar isso era com Maria Gebler. Se aquela menina de três anos que viajou com os Whelan para Escócia, era o mesmo bebê que um soldado do exército apunhalou dois anos e meio atrás, então o bom do doutor Prescott não utilizou técnicas estritamente humanas para curá-la.

Tom Gebler, o cientista, que esteve por trás do projeto Ícaro, e Royce Whelan estiveram a ponto de descobrir os planos de Claybourne. Embora estivessem muito longe de averiguar o verdadeiro motivo que se escondia por trás de tudo, Jeremiah não quis correr nenhum risco, e mandou assassinar o humano, convencido de que desse modo Whelan se daria por advertido e retrocederia em seu empenho. E assim o foi. Mas por desgraça, o guardião também decidiu enclausurar o projeto Ícaro, e isso era algo que Claybourne não poderia permitir. Esteve a ponto de puxar a toalha, mas quando um de seus homens ouviu uma conversa entre duas enfermeiras do hospital falando do estranho tratamento que o doutor Prescott estava administrando a uma menina de apenas um ano, o coração pulou. Ou assim teria sido se tivesse um.

Agora, por fim a teria ao alcance da mão. Não podia acreditar que, depois de tantas dificuldades, fosse tão fácil. A menina estava sozinha com aquele menino gordinho, que a acompanhava a toda parte. E embora este menino fosse descendente de uma legendária estirpe de guardiões, não era rival para ele, um comandante do exército das sombras e o primeiro humano que seria convertido em muito tempo... Se conseguisse demonstrar sua valia. Claybourne puxou a correia do cão do inferno que levava com ele. Atrás dele estavam dois soldados, preparados para entrar em ação. Procurou o apito que pendurara do pescoço e soprou; o cão estendeu as presas e saiu correndo para os meninos. Seguiram-no os soldados, enquanto ele ficava esperando, escondido junto a uma árvore.

Simon viu o cão bem a tempo, e empurrou Maria no chão. O animal mordeu o braço, mas não atravessou a pele, embora sim, o retivesse e o impossibilitou para a luta.

—Corre Maria! —gritou assustado.

—Não. — balbuciou ela.

—Corre! —Com a mão que tinha livre, deu um murro no animal no focinho.

Os dois homens chegaram nesse instante, e as pessoas seguraram Simon pelo pescoço enquanto o outro agarrava a menina nos braços.

—Não! —gritou Simon— Solte-a!

O soldado desencapou uma adaga e Simon aproveitou para morder o outro braço. O homem o soltou, mas depois deu um golpe na cabeça que o deixou inconsciente. Maria ficou olhando Simon sem poder deixar de chorar.

—Vamos, não temos tempo para isso — disse o soldado que segurava Maria nos braços, quando viu que seu companheiro se aproximava do menino com a adaga— É um estorvo. — acrescentou com desprezo.



O outro não parecia importar com essa distinção, mas o ruído de alguém aproximando, sim, foi o que o convenceu e se foram dali correndo e levando a menina.

—Simon! —exclamou Royce assustado ao encontrar seu filho inconsciente ao lado do poço.

Sorte que, no final decidiram fazer caso, ao seus instintos e voltaram antes de tempo; já que se continuassem pescando, possivelmente não teriam chegado a tempo de salvar Simon, e então sua vida sim não valeria a pena.

—Maria. — balbuciou o menino sacudindo a cabeça— a levaram.

Robert e Liam correram para o castelo para assegurar-se de que ali não acontecera nada e para dar instruções ao seus homens.

Todos os guardiões do clã Jura, assim como os de muitas famílias vizinhas, procuraram Maria durante dias sem obter nenhum resultado.

Simon se culpava por tudo; de que a levara para Escócia, de ter ido passear junto ao poço, de não ser capaz de defendê-la. De tudo. Não importava quantas vezes dissessem que não era sua culpa, que não teria podido fazer nada, ele continuava culpando-se. Não dormia, não comia, passava o dia, e a noite, procurando-a. E o cruel destino quis que fosse ele quem encontrasse a prova irrefutável da morte de Maria.

Estava inspecionando pela enésima vez os escarpados ,quando algo captou sua atenção. Em uma rocha havia um tecido, ou isso parecia à distância, assim desceu até lá sem importar muito com os arranhões que fizera nas mãos e nos joelhos, e foi procurá-la. Era o vestido de Maria, e estava completamente empapado de sangue. Simon chorou durante horas, abraçado a ele, e quando acreditou que já não tinha lágrimas, e só depois de jurar que não voltaria a chorar até que encontrasse a menina e pudesse derramar lágrimas de alegria, voltou ao castelo. Tal como ele previu, tanto seu pai como Liam e Robert Jura chegaram à conclusão de que Maria morrera, e deixaram de procurá-la. O clã Jura e os Whelan juntos choraram sua perda, e de volta à Nova Iorque, Royce e Molly guardaram uma pequena foto da pequena na urna que continha às cinzas de seus pais. Simon observou tudo como se estivesse fora de seu próprio corpo, e nunca, nenhuma só vez, pronunciou a frase: *Maria está morta*. Inclusive proibiu seus pais que o dissessem. Ele ia encontrá-la, embora demorasse toda a eternidade, porque sem ela não havia nada, só escuridão.

Capítulo 3

New York, na atualidade.

Simon desligou o telefone. Passou meia hora falando com Ewan, e possivelmente teriam falado um pouco mais se seu primo não tivesse sido interrompido por Julia, a mulher que por fim conseguiu convencê-lo de que assumisse sua natureza de guardião. Ewan seria um grande líder, pensou Simon, o melhor em muitos séculos. Seria uma honra poder estar ao seu lado.

Os meses anteriores foram transcendentais para os guardiões de Alexandria. Depois de



eliminar Rufus Talbot, só uma coisa estava clara: ele não era o cérebro daquela operação, o que só deixava uma alternativa possível. Uma temível e aterradora alternativa: o exército das sombras voltara. Depois de passar séculos oculto, lorde Ezequiel, ou algum de seus seguidores, estava disposto a tomar de novo as rédeas do mal e ter tantas almas quanto fosse possível. Enquanto na Inglaterra os guardiões do clã Jura tratavam de averiguar até onde conseguira chegar Rufus Talbot com seu perverso afã de enriquecer e ganhar o respeito de seu pai, em New York, Simon seguia preocupado pelas constantes falhas em seu sistema de segurança e por causa de uma série de operações financeiras que não pareciam ter nenhum sentido, mas que não deixavam de acontecer.

— Senhor Whelan — disse uma voz à suas costas. Uma voz que sempre conseguia arrepiá-lo.

— Quantas vezes tenho que dizer que me chame Simon? — perguntou, com a testa apoiada contra a janela de seu escritório.

— Uma mais, senhor Whelan — respondeu Mara Stokes, sua secretária, mas desta vez pareceu à Simon que ela sorria.

— Aconteceu algo? É muito tarde, e acredito lembrar que disse que fosse para casa. — Sacudiu o pulso em busca de seu relógio— Isso foi há mais de duas horas.

— Me disse senhor, mas decidi não atender.

Sim, agora estava sorrindo, pensou Simon, e deu meia volta. Mara estava mais perto do que acreditara, ou sentira. Usava aquele estúpido coque pelo qual ele tinha tanto carinho, e os óculos de forma felina que a faziam parecer saída de um filme dos anos cinquenta. E como se ela soubesse que Simon imaginava como uma das pin-up dessa época, empenhava-se em utilizar uma agenda de couro vermelho e ar retrô que ele podia cheirar a distância. Que sempre cheirava à ela.

— E a que devo tal ato de desobediência, senhorita Stokes? — Utilizou o tratamento formal completo.

— Um dos armazéns do cais deu sinais de atividade. Não dispararam os alarmes, mas não tenho certeza de que na data de hoje tivéssemos nenhum envio — explicou a jovem.

— Chamou os seguranças, à polícia?

— Não, o senhor me disse que se acontecesse algo fora do normal não fizesse nada sem consultar e acreditei que...

— Fez bem, Mara — Simon a interrompeu, dirigindo-se já para a saída.

— Não está pensando em ir você mesmo ao porto, não é? — perguntou, deixando de lá o rígido distanciamento que sempre se obrigava a manter com ele.

— É obvio. Estou farto de não saber o que é o que está acontecendo em minha própria casa — respondeu, enquanto pegava o casaco— E se mando à polícia ou à segurança portuária, quem quer que seja, irá embora antes que possa interrogá-los.

— Não pode ir sozinho.

— É óbvio que posso. — Não tinha intenção de dizer que bastava suas mãos, melhor dizendo, suas garras, para ocupar de uns tipos, mas também não queria que acreditasse que era um estúpido— Irei, e se vir que a situação é perigosa, chamarei imediatamente a segurança.

— Acompanharei o senhor — se surpreendeu dizendo.



Durante um breve instante, a mão de Simon com a qual segurava o trinco tremeu, mas em seguida recuperou a compostura.

— Está bem — suspirou resignado. Se aprendera algo sobre Mara Stokes durante o tempo que ela estava trabalhando para ele, era que não servia de nada ir contra. E essa era sem dúvida uma das coisas que mais gostava nela. E seu sorriso, e seu olhar, e aquelas curvas...

— Senhor Whelan, está tudo bem? — perguntou a jovem interrompendo seus pensamentos.

— Claro. Quando queira, senhorita Stokes. — Abriu a porta e fez uma pequena reverência.

Estavam à dez minutos no carro e Mara ainda não sabia por que decidira acompanhar Simon ao cais. Supunha que ao descobrir que havia alguém rondando por um dos armazéns das empresas Jura-Whelan, ele iria olhar os monitores da sala de segurança e logo sairia furioso para o local que frequentavam os comparsas que o clã Talbot estava acostumado a utilizar em New York. Mas não, para variar, Simon não reagiu como era de esperar e acreditara com convicção.

Isso é o que queria, não? — perguntou com ironia a voz de sua consciência— *queria que confiasse em você.*

Sim, Mara queria ganhar sua confiança, queria saber tudo para poder destruí-lo, deixá-lo sem nada, igual à Simon fizera com ela. Então, por que estava ali sentada, sem poder deixar de olhá-lo?

Chegaram ao cais e ele apagou as luzes do carro sem dar nenhuma explicação. Mara não pôde evitar sorrir com dissimulação. Se ela fosse a garota normal e corriqueira que Simon acreditava que era, isso sem dúvida teria parecido estranho. No final, os humanos não podem ver na escuridão, e muito menos dirigir. O motor parou e Mara deixou de fingir que estava cativada pelas poucas estrelas que cintilavam no céu.

— Fique aqui. Falo sério. — E para dar mais ênfase a suas palavras, olhou-a fixamente e fechou de novo o cinto de segurança que ela havia soltado— Pegue o meu celular. — Entregou um telefone de última geração que tinha conexão via satélite. Era um protótipo de um tipo que nem sequer os militares dispunham— Sempre tem cobertura, assim, se vir algo estranho, o que quer que seja, aperte esta tecla.

— E o que acontecerá? — perguntou Mara aceitando o aparelho.

— Chegará a cavalaria — respondeu ele, e se afastou saindo do carro sem olhar para trás. Sua silhueta logo se esfumou na escuridão.

Simon se aproximou com sigilo ao armazém, que aparentemente estava vazio. Penetrou no interior através de uma janela e se dispôs a investigar. Algo não ia bem.

Mara estava sentada no carro quando viu emergir do armazém dois soldados do exército das sombras. Os indivíduos levavam um objeto entre as mãos. O que poderia ser? Parecia um detonador. Seu cérebro ainda não terminara de assimilar sobre o que acabava de pensar, quando uma explosão irrompeu no silêncio da noite. Sem pensar, sem duvidar, sem questionar sequer o que estava fazendo, soltou o cinto e correu em busca de Simon.

O armazém saltou em mil pedaços. Simon tinha lascas enfiadas nas costas e os olhos ardiam, por não mencionar o muito que custava respirar, mas estava vivo, e estava porque, por sorte, seus instintos de guardião entraram segundos antes em alerta, antes que aquele soldado das sombras



apertasse o maldito detonador. Os imbecis sabiam que não bastaria com uma explosão para matá-lo, mas estava convencido de que a única coisa que pretendiam era desfazerem-se das provas que pudesse ter no armazém e dificultar sua perseguição. E conseguiram. Simon demoraria vários dias para se recuperar daquelas feridas, possivelmente uma semana, pois se havia algo que não tinha intenção de fazer, era beber sangue de sua alma gêmea.

Furioso consigo mesmo por ter atuado tão precipitadamente e sem tomar nenhum tipo de precaução, passou por entre as vigas, que seguiam ardendo. Comportou-se como um novato, algo nada próprio dele. E deixou Mara sozinha no carro, pensou de repente, e frenético, tentou acelerar seu avanço. Aconteceu algo... Antes que pudesse terminar o pensamento, um pedaço de teto desabou. Se acontecesse algo a ela, mais valia a pena morrer.

Mara parou de repente ao ouvir o estrondo que causou o teto ao despencar, mas o atordoamento só durou uns instantes e seguiu procurando Simon sem deixar de gritar seu nome. Cada vez custava mais respirar e os bombeiros ainda não haviam aparecido; se não saísse dali em poucos minutos, desmaiaria. Tropeçou e sentiu um alívio indescritível ao comprovar que com o que topou era o braço de Simon. Afastou a viga partida pela metade que oprimia o peito e os restos que o cobriam.

— Simon! Simon! Acorde por favor. — Sacudiu-o. Primeiro com cuidado, mas ao ver que não reagia, fez logo com mais força— Senhor Whelan! — insistiu, e disse que as lágrimas que escorregavam pelas bochechas se deviam à fumaça.

— Simon — balbuciou ele— eu gosto mais Simon.

Mara sorriu e seguiu tirando entulhos de cima.

— Se quiser que volte a chamá-lo de Simon, senhor Whelan, tem que me ajudar a tirá-lo daqui.

Sorriu outra vez, mas desta vez algo impreciso e bonito brilhou nas profundidades de seus olhos, e Simon soube que não podia seguir enganando-se: Mara era a mulher que o destino escolhera para ele, e se para conquistá-la tivesse que suportar que caíssem em cima, mil edifícios, suportaria.

— Às suas ordens, senhorita Stokes. — Custou um pouco ficar em pé, mas conseguiu bem a tempo de evitar que outra viga aterrissasse sobre seu torso.

Os dois juntos, ele coxeando e ela tossindo quase sem parar, saíram do que sobrara do armazém, e alguns bombeiros foram correndo ao encontro deles.

Simon, sentado em uma maca, tentava convencer um atônito enfermeiro, de que não precisava sua ajuda, ficou olhando para Mara. Aquela mulher merecia alguém muito melhor que ele, mas como não tinha intenção de deixá-la escapar, só tinha uma saída: mudar e se converter em um homem, em um guardião, que ela quisesse amar.

Mara estava com a máscara de oxigênio e não podia deixar de se perguntar por que fora salvar Simon se o que mais queria neste mundo era vê-lo morto. Por sorte, um enfermeiro se aproximou nesse momento para ver como estava e desse modo evitou de enfrentar o que acontecera. O enfermeiro, um jovem muito amável que parecia muito atraente para várias mulheres, tirou a máscara e a examinou.



—Ela está bem? —perguntou Simon ignorando o outro enfermeiro que o perseguia para enrolá-lo em uma manta.

—Terá que se sentar — tratou de ordenar este— tenho que olhar esse corte que tem na testa.

—Ela está bem? —insistiu Simon.

—A senhorita Stokes está bem — respondeu, compreendendo que não conseguiria nada dele, até satisfazer sua curiosidade— Só inalou um pouco de fumaça. Possivelmente tossirá um pouco esta noite, mas amanhã já estará totalmente recuperada. Ao passo que o senhor...

—Eu estou bem — afirmou Simon, embora estivesse pálido e alguma das feridas continuassem sangrando, por não mencionar o par de costelas quebradas que decerto tinha e estava tratando de esconder.

—Sente-se, senhor Whelan — pediu Mara com voz rouca pela fumaça.

—Simon — insistiu ele, mas a obedeceu—. Antes me chamou de Simon.

O enfermeiro aproveitou sua mudança de postura, e de atitude, e se apressou a suturar a ferida.

—Não deveria ter entrado sozinho — começou a dizer Mara, mas teve um ataque de tosse.

—Chsst — a fez calar Simon, carinhoso— Brigará comigo amanhã. —Esperou que o enfermeiro terminasse de costurar a sobrelha e perguntou— Podemos ir?

—Sim, embora você teria que passar a noite internado, mas como nem o consegui convencê-lo a sentar-se, nem vou insistir. Assegure-se de não estar sozinho, e se enjoar ou vomitar vá a um hospital.

—Não se preocupe. — gostaria de aproveitar essa desculpa para pedir a Mara que ficasse com ele, mas não o fez— Não estarei sozinho —mentiu.

—Então, nós podemos ir. Irei perguntar ao detetive Cardoso se quer falar antes com vocês — disse o outro enfermeiro, que parecia mais experiente nessas situações que o primeiro.

O detetive Cardoso, um latino de uns quarenta anos, aproximou-se de Simon.

—Senhor Whelan — estendeu a mão para saudá-lo—, como se encontra? Sou o detetive Oliver Cardoso, pode me dizer o que aconteceu? —Tirou um caderno do bolso interior da jaqueta e uma caneta.

—Me chame de Simon, detetive. A senhorita Stokes me avisou de que nosso sistema de segurança detectou a presença de alguém em um de nossos armazéns e vim me assegurar de que tudo estava bem.

—Por que não chamou a polícia?

—Estava convencido de que só se trataria de uns vagabundos, e não quis incomodar com essa trivialidade.

O detetive tomou nota, mas a julgar pelo jeito que arqueou uma sobrelha, ficou claro que não acreditou na educada resposta de Simon.

—Compreendo. Viu alguém antes da explosão?

—Não. —respondeu, e Mara brincou nervosa com a manta. Não queria ter que mentir à polícia, mas também não iria delatar os homens de seu tio. Os soldados que colocaram aquela



bomba fizeram uma autêntica porcaria.

Cardoso levantou o olhar e deixou de escrever.

—Meus homens procurarão restos do explosivo entre os escombros — explicou— Ligue se lembrar de algo. —Deu um cartão— Eu o irei ver o dentro de uns dias.

—Estarei esperando, detetive.

Capítulo 4

Simon entrou em seu apartamento e, zangado, lançou as chaves sobre o móvel da entrada. Disse a Mara que a acompanharia até a sua casa. Queria acompanhá-la. Precisava acompanhá-la e assegurar-se de que estava bem, mas não, a senhorita Stokes rechaçou seu oferecimento e aceitou o do maldito detetive Cardoso.

Respirou fundos três vezes e se encaminhou para o móvel onde guardava o uísque. Sabia que beber não era a solução, mas estava tão furioso que se não se acalmasse daria rédea solta ao guardião, que sairia em busca de briga. E ele já não fazia essas coisas, ou isso foi o que disse enquanto esvaziava o copo num gole só. Voltou a respirar e encheu de novo o copo para esvaziá-lo também imediatamente. Doíam as costelas, mas com certeza, após uma ducha de água quente se sentiria muito melhor. Foi à cozinha para deixar o copo sujo, e quando se dispunha a ir para o banheiro, seus pés o guiaram até a chaminé. Ali, seus olhos foram parar à última fotografia que tirara com seu pai.

Agarrou o porta retrato e acariciou a imagem com o polegar da mão, com a qual o segurava. A foto era do dia do casamento de Simon. Sim, de todas as idiotices que cometera em sua vida, sem dúvida casar com Naomi foi a pior de todas. Por sorte, ela não aparecia na fotografia, só estavam Simon e Royce sentados em uma das mesas, quando o banquete já havia acabado. Pai e filho estavam com os botões do pescoço da camisa desabotoados, e Simon, sem a jaqueta do fraque, estava sentado com a cadeira para trás e os antebraços apoiados no respaldo. Royce segurava um copo de uísque em uma mão e com a outra gesticulava. Nenhum dos dois viu que o fotógrafo captava aquele instante tão íntimo, mas Simon estaria eternamente agradecido. Royce Whelan morreu quatro meses depois, no mesmo dia em que fazia um ano da morte de Molly, sua esposa. Simon sempre agradeceu ao seu pai que se esforçou para ficar com ele mais tempo, pois ambos sabiam que, quando um guardião perde a sua alma gêmea, não demora em segui-la.

Ficou olhando a foto e lembrou-se do que Royce estava dizendo naquele instante: que estava cometendo o pior engano de sua vida e que jamais seria feliz com Naomi. Quanta razão ele tinha, pensou Simon, oxalá o tivesse escutado; teria economizado os meses de brigas contínuas e um divórcio muito caro. Casar foi uma estupidez, e não serviu para que o abismo de solidão que havia em seu interior, diminuísse. Ao contrário, cada vez que tocava em Naomi, ficava pior, até que chegou um momento em que não pôde suportar mais. E ela, é obvio, o recompensou deitando-se com todos os homens que cruzavam em seu caminho e esbanjando dinheiro, até que



os inesgotáveis cartões de crédito de Simon viraram fumaça.

Conheceu Naomi em um dos locais da moda de New York. Por sorte, isso havia sido há cinco anos, se passaram três de seu divórcio. Ela era a filha caçula de um destacado banqueiro, e sua vida consistia em ir a todas as festas importantes da cidade. Era muito bonita, possuía um corpo escultural que era absolutamente natural, e sabia como utilizá-lo. Para falar a verdade, Simon continuava sem compreender o que o atraía.

Sim, claro que sabe, sussurrou o guardião que habitava em seu interior. O guardião se pôs alerta depois da explosão e, parecia, decidiu acompanhá-lo naquela viagem por suas lembranças. Simon se fixou em Naomi porque era a mulher mais diferente de Maria que pôde encontrar; ou melhor, dizendo, era o tipo exato de mulher na qual Maria nunca se converteria se não tivesse morrido.

A noite em que Simon conheceu Naomi era o aniversário do desaparecimento de Maria, e ele estava bêbado, pois era a única maneira de superar esse maldito dia. Sabia que não era normal sentir aquele desespero por ter perdido uma mulher que jamais chegou a existir, mas era incapaz de sobrepôr. Durante sua adolescência, tratou de se fixar em outras garotas, mas sempre que alguma chamava a atenção era porque tinha algum traço similar à Maria. *Maria tinha os olhos dessa cor avelã. Maria tinha esse sorriso. Maria. Maria.*

Já grande, quando seus amigos, a maioria humanos, falavam de sexo, ele não entendia nada. Sim, como exercício não estava mau, mas nunca sentiu o abandono ou a obsessão que alguns diziam ter experimentado. Dentro de sua medíocre vida sexual, a melhor de todas foi com Naomi... E por mais triste que isso parecesse, casou-se com ela por causa disso. Naomi era uma perita na cama, conhecia todos os truques e, durante um breve instante, Simon pensou que possivelmente, se continuasse com ela, ambos terminariam por se apaixonar um pelo outro. Nada mais longe da realidade.

Naomi o utilizava sexualmente. Segundo ela, ninguém a satisfazia como ele, mas quando Simon começou a deixá-la de lado, não demorou em procurar outro companheiro de cama mais predisposto. Aquela primeira noite na discoteca, Naomi o seduziu, embora ele jamais se defendesse atrás dessa frase, sempre foi ela a que o perseguiu.

Foram para a cama nessa mesma noite, e no meio do álcool e da relativa euforia sexual, Simon acreditou que por fim encontrara alguém com quem compartilhar sua vida. Casaram-se meses mais tarde; a rapidez se devia em parte ao fato de que ele queria assegurar-se de que seu pai estaria presente, e, depois da morte de sua mãe, sabia que não tinha muito tempo. Por outro lado, Naomi se encarregou pessoalmente de agilizar as coisas. Ela era uma menina rica, mas sua fortuna não podia se comparar com a dos Whelan, e não queria correr o risco de que Simon escapasse de suas mãos.

Durante os poucos meses que duraram os preparativos, e inclusive no mesmo dia do casamento, Royce tratou de dissuadi-lo. Disse que cometia um engano casando com uma mulher que não só não era sua alma gêmea, como também carecia totalmente de alma e de bondade. Uma parte de Simon sempre soube que seu pai tinha razão, mas outra estava farta de estar sozinha. Estava farto de sentir falta de um fantasma, farto de que ninguém o tocasse, de que



ninguém o quisesse. O problema era que Naomi pareceu ser uma péssima escolha, e o guardião se encarregou de fazê-lo pagar com acréscimo.

Simon jamais se sentiu tão esmigalhado por dentro, tão perdido, como quando estava casado. Era como se todo seu ser se opusesse a estar com aquela humana tão frívola e vazia. E para somar ironia ao assunto, Naomi, por sorte, nunca soube da verdadeira natureza de Simon, tanto fazia. Logo as diferenças entre ambos foram mais que evidentes e irreconciliáveis, segundo a sentença de divórcio, e os dois seguiram diferentes caminhos; e embora para Simon tivesse custado uma verdadeira fortuna, foi sem dúvida o dinheiro melhor gasto de toda sua vida. Pena que seu pai morreu antes de vê-lo divorciado.

Naomi já não era sua esposa, mas por desgraça continuava aparecendo de vez em quando em sua vida. Basicamente para pedir mais dinheiro, ou para insultá-lo, ou para tratar de seduzi-lo. Os motivos dessas visitas eram múltiplas e variadas, mas ele nunca caía na armadilha. E, apesar do que aparecia nas revistas, estava muito distante de ser um mulherengo. Para falar a verdade, não esteve com uma mulher desde a última vez que se deitou com Naomi, e isso já fazia muito tempo. Chegou à conclusão de que, embora pudesse passar um momento agradável, nenhum tipo de sexo compensava a sensação de vazio que o dominava quando terminava. Era um sentimento horrível, às vezes inclusive se retorcia fisicamente de dor e terminava vomitando. Não podia aproximar-se de uma mulher, e muito menos tocá-la. Mas com Mara era diferente.

Suspirou e passou o polegar pelo rosto de seu pai. Oxalá estivesse ali para dar conselhos. Sentia falta dele, e de sua mãe também, mas entre pai e filho existiu uma relação muito especial. Sempre que Simon estava confuso, Royce o ajudava, e nunca esteve tão confuso como nesse momento.

Estivera convencido de que Maria, aquela doce e tímida menina, teria terminado por se converter em uma mulher incrível... E em sua alma gêmea. Depois de seu desaparecimento, ainda custava assumir a verdade de que ela havia morrido. Simon passou anos convencido de que em seu interior podia senti-la, de que seu guardião sabia sem dúvida nenhuma que estava viva e esperando em alguma parte. Mas uma noite de lua cheia, quando tinha vinte e sete anos, teve um pesadelo horrível e despertou empapado de suor e com lágrimas nos olhos. Maria estava morta. Já não podia senti-la. Por que então? Por quê? Passou uma semana inteira preso em seu apartamento. Sua mãe estava desesperada e seu pai terminou derrubar a porta. Dentro, encontrou Simon completamente abatido, bêbado, quase ausente, com o olhar perdido e preso à uma fotografia dele com Maria. Royce não disse nada e se limitou a abraçá-lo e a levá-lo até a cama, onde o deitou. Logo saiu de seu lado e ligou para Molly para dizer que estava bem. Essa noite, seu pai contou a história de Ricardo Ponce de Leão, o guardião fundador do clã espanhol.

História de Ricardo Ponce de Leão
Diário dos guardiões

Corria o ano de 1477 quando Ricardo, nobre cavaleiro da corte dos Reis Católicos, foi chamado ao palácio. Convencido de que sua presença era requerida para comentar alguma



questão relativa às suas terras ou aos seus navios, foi à entrevista sem temor algum, mas bastou cruzar a soleira da residência dos monarcas para saber que aquele não era um encontro qualquer. Na sala de espera do trono estava o marquês de Montemar, um calhorda que colaborava frequente e apaixonadamente com a Inquisição, tribunal que Ricardo repudiava. Não, a presença do marquês não era casual.

Ricardo cumprimentou os reis com respeito e esperou a que explicassem o motivo de sua chamada.

—Mestre Ponce de Leão, pedimos que viessem porque têm que se casar.

De todas as coisas que passaram pela cabeça de Ricardo à caminho do palácio, casamento nem sequer ocorreu. De fato, ficou tão surpreso que, saltando qualquer norma de protocolo imaginável, perguntou:

—O que disse majestade?

O rei se limitou a sorrir e explicou:

—Dentro de duas semanas, vais se casar com Catalina, a filha mais velha do marquês de Montemar. Será uma boa aliança para ambos.

Ricardo ia dizer ao monarca que ele não precisava, nem queria tal aliança, mas as seguintes palavras da rainha o silenciaram.

—Com seu casamento, estou convencida de que sua irmã poderá por fim retornar à corte.

Madalena, sua irmã caçula, estava à um ano presa em um convento por culpa de um escândalo sem nenhum fundamento. Todos a julgaram mal, e se não a tirasse logo daquela prisão terminaria morrendo. E a rainha estava dizendo que se ele se casasse com a tal Catalina, Madalena poderia voltar e que contaria com o apoio da Coroa.

—Obrigado, majestade — respondeu Ricardo.

Depois, abriram as portas e entrou o marquês levando consigo uma jovem quase arrastada.

—Ponce de Leão — disse o rei — apresento-lhe à dama Catalina.

Esta o fulminou com o olhar, mas fez a reverência com rigor e logo, umas damas da corte a levaram dali.

Ricardo abandonou o palácio horas mais tarde, comprometido e furioso com o mundo. Ele não queria casar, e muito menos com uma menina rica e malcriada que certamente estava grávida de outro. Ricardo não disse a ninguém, mas sempre sonhou apaixonando e formar uma família. Queria ser um bom filho e um bom irmão, mas o que mais desejava em seu coração era ser marido e pai. E agora já nunca poderia ser assim. Casaria, mas já não seria com a mulher que ele escolhesse. E nenhum dos estava apaixonado.

Ricardo e Catalina não voltaram a se ver até o dia do casamento, e durante a cerimônia se limitaram a repetir os votos. A única alegria que teve foi ver sua irmã Madalena, sorrindo e sentada de novo entre os seus. Terminaram os festejos e Ricardo e Catalina se retiraram para os seus aposentos, onde a jovem dirigiu a palavra a seu marido pela primeira vez.

—Sinto muito — disse com a cabeça encurvada.

—Quando nascerá o bebê? — perguntou ele como se não a ouvisse.

—Bebê? — Demorou uns segundos em compreender o que insinuava — Não estou grávida!



Ricardo arqueou uma sobrancelha, incrédulo.

—Sei, tenho certeza que é virgem. —Ele nunca falava assim com as mulheres, mas já que o obrigaram a casar com aquela, acreditava ter direito a desabafar.

—E você, é virgem?

—Uma dama não fala dessas coisas! —exclamou indignado.

—Se uma dama não fala dessas coisas, meu querido marido, como quer que eu responda? —Ela abandonou sua postura recatada e o olhou desafiante.—Olhe Catalina, é óbvio que nós dois estamos cansados, assim o melhor será que nos deitemos.

—Não penso me colocar na cama com você — sentenciou ela, ainda ofendida porque Ricardo acreditava nos costumes. Nos dias prévios ao casamento, Catalina averiguou muitas coisas a respeito de seu marido: que era um homem honesto, incrivelmente ardiloso para os negócios, e que o seu pai, o marquês, não gostava dele. E com essa pouca informação começou a apaixonar-se um pouco por ele.

—Nem eu também, senhora — respondeu Ricardo firme.

Catalina sentiu um nó na garganta, mas dissimulou. Tinha certeza que ele fora informado de seu interesse pela medicina e que também acreditaria que era uma bruxa. Por certo sentia asco por ela, ou desprezo. Se ao menos possuísse o ápice da beleza de sua irmã menor, poderia tratar de seduzi-lo, pensou Catalina, mas em seguida esqueceu a ideia. Atônita, viu como Ricardo agarrava um travesseiro e uns lençóis e caia no chão. Quando por fim pôde reagir, caminhou até a cama e se deitou nela.

Depois de sua peculiar noite do casamento, Ricardo insistiu em manter-se à distância e se centrou como sempre em suas terras e em sua família, mas pouco a pouco, Catalina foi fazendo notar sua presença. Pelas manhãs, encontrava-a sentada a uma mesa, repassando as tarefas do dia com a governanta. Pela tarde, saía a passear com um cesto que retornava cheio de ervas, e pelas noites lia ou escrevia em um caderno enquanto ele descansava no salão. Durante as primeiras semanas, trocaram só as frases de rigor, mas o interesse de Catalina por sua gente e por suas terras parecia sincero, assim Ricardo começou a contar-lhe coisas, até que um dia, de repente, deu-se conta de que já as contava sem que ela tivesse que perguntar nada. Outra coisa que notou foi que todos os membros de sua casa, assim como muitos aldeãos, saudavam afetuosamente Catalina e a agradeciam. Um dia, depois de que uma mulher a abraçou chorando, Ricardo não pôde resistir mais:

—Por que isso? —perguntou.

—Por nada — respondeu ela, colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha.

—Deu-lhe obrigado mil vezes — insistiu ele.

—Preparei um xarope para seu filho pequeno.

—E?

—Até ontem estava prostrado na cama, e agora está brincando de correr pelo campo.

—Sei. Entende de ervas?

—Um pouco.

Ricardo teria gostado de seguir falando com Catalina, em especial depois de ver como estava



bonita ruborizada, mas um de seus homens foi buscá-lo e teve que ir.

Dias mais tarde, ouviu como alguns camponeses comparavam a sua esposa com um anjo do céu, e se sentiu muito orgulhoso dela. Muito orgulhoso e ciumento, tanto que essa noite tratou de tirar o assunto das camas separadas, mas Catalina disse que compreendia perfeitamente a situação e que podiam seguir assim para sempre.

Diante da sua negativa, Ricardo sentiu ainda mais curiosidade por sua complicada esposa, e muita mais atração. Mas nada parecia funcionar com ela, e ele voltou a manter a distância.

Catalina tinha o coração quebrado. Estava apaixonada por seu marido, mas este não queria nem tocá-la. Sim, Ricardo foi muito delicado com o assunto, e inclusive um dia insinuou que, a modo de agradecimento por sua vinculação com os aldeãos, estava disposto a estar com ela. Mas Catalina não queria que a tocasse por obrigação, nem por gratidão, queria que a tocasse com paixão, com amor. E isso era impossível. Seu próprio pai a chamara de bruxa.

Passaram-se meses, e ao castelo dos Ponce de Leão chegou o rumor de que o Tribunal da Inquisição ia a suas terras. Ricardo o descartou por absurdo, mas uma tarde, enquanto estava no campo, Luis, o filho da governanta, apareceu gritando.

—A senhora, querem levar à senhora!

Ricardo montou em seu cavalo e cavalgou como uma alma que leva o diabo. Entrou furioso no salão e o que presenciou quase partiu-lhe a alma. Havia quatro homens armados, vestidos com o uniforme da Inquisição; dois retinham às seus serventes, as pessoas estava sentado em uma cadeira, esperando, e o quarto segurava a Catalina pelo pescoço enquanto apertava uma adaga no lado.

—Viemos levar a sua esposa — informou o que estava sentado.

—Por cima de meu cadáver — respondeu ele sem duvidar, e chamou a espada.

—Mestre Ponce de Leão, de todos é sabido que não há afeto entre você e ela.

Ricardo se aproximou do homem sem alterar.

—Dormem em dormitórios separados — acrescentou o homem— compreendo também me daria asco me deitar com uma bruxa.

Ricardo desviou o olhar para a Catalina um segundo e viu que o comentário lhe fazia mal. Isso era o que pensava sua esposa?

—Cale-se, e saia daqui — ordenou.

—Lamento muito, mas não podemos satisfazer o senhor. Veja, temos a obrigação de queimar uma bruxa nobre de vez em quando. E sua esposa já nos evitou uma vez.

Certo, ao que parece o marquês, em um gesto inesperado, tratou de salvar a sua filha maior casando-o com Ponce de Leão.

—Fora de minha casa agora mesmo — repetiu Ricardo.

—Cavalheiros, temo que o senhor Ponce de Leão precise que recordem quem está ao mando.

Depois dessas palavras cheias de desprezo, todos, exceto o que retinha Catalina, equilibraram-se sobre ele. Ricardo lutou como nunca fizera antes e, apesar de ter sido ferido gravemente, conseguiu matar os três. O quarto lançou Catalina ao chão e foi ao nobre. Os dois homens se encetaram em uma violenta briga, e quando o inquisidor levantou uma adaga para



cravar no coração, Catalina tratou de ocupar seu lugar, mas Ricardo viu o gesto a tempo e foi ele quem cobriu o corpo de sua esposa com o seu. A adaga afundou na omoplata direita. Uma ferida mortal que o enfureceu muito, que deu as forças suficientes para dar meia volta e tirar a vida ao homem que roubara a sua.

Ricardo desabou no chão e, com seu último fôlego, sussurrou a Catalina que a amava. Esta repetiu entre soluços que ela também, e seu pranto foi tão dilacerador que conseguiu despertar os deuses.

Os deuses levavam tempo observando Ricardo Ponce de Leão. Era um homem pouco corrente, discreto e grande defensor da justiça. Sempre demonstrou valentia, mas a briga dessa noite deixava claro que inclusive estava disposto a morrer por outra pessoa; pela mulher a quem amava. Um homem assim seria sem dúvida um grande guardião, e com uma esposa como Catalina, com certeza seus descendentes seriam guardiões legendários. Assim, com sua esposa ainda chorando em cima dele, Ricardo voltou para a vida e a beijou pela primeira vez.

Simon devolveu a foto ao suporte e continuou seu caminho para voltar a banheiro. Sabia por que seu pai contou essa história naquela noite. Era seu modo de dizer que, às vezes, as pessoas encontram o amor onde menos o esperam, e que este precisa de tempo para crescer, para amadurecer, até se converter em algo eterno. Simon compreendia perfeitamente o significado dessa história, e por isso precisamente cometeu o engano de se casar com Naomi. Seu problema, pensou ao colocar sob a ducha, não era não dar tempo ao amor, mas sim o encontrara muito jovem, e perdeu. E agora não tinha mais remédio do que se conformar. Possivelmente o melhor seria que não voltasse a tentar estar com ninguém.

Capítulo 5

Mara se despediu do detetive Cardoso e entrou em seu apartamento. Fechou a porta com rapidez, assegurando-se de não esquecer nenhuma tranca, e se apoiou contra ela. Não podia tirar da cabeça a imagem de Simon ferido e olhando-a como se precisasse abraçá-la. E ela também teve vontade de abraçá-lo, por isso rejeitou seu oferecimento de acompanhá-la a casa e aceitou o do detetive atraente.

Tudo se deve ao estresse pós-traumático — disse — à adrenalina de ter estado no meio daquela explosão. E por que diabos entrou no armazém?

O que aconteceu? Os homens do exército das sombras estavam acostumados a serem muito precisos, e nenhum se atreveria a pôr em perigo a sobrinha do Ronan Stokes, general do exército e assessor pessoal de lorde Ezequiel.

Ainda se lembrava a primeira vez que vira seu tio; ela tinha cinco anos e despertou aturdida em uma cama de hospital. Ronan acabava de chegar aos trinta anos, e o via ali, sentado e abatido,



naquela cadeira tão incômoda e dando-lhe a mão. Em poucas palavras, explicou que estivera muito doente, e quando Mara perguntou por seus pais, disse-lhe que haviam morrido. Até uns anos mais tarde não soube que tanto seu pai como sua mãe, foram assassinados pelo clã Whelan.

Ronan nunca ocultou que não parecia capacitado para cuidar de uma menina, era físico nuclear e passou metade da vida em um centro de investigação da Alaska, então a mandou estudar em um caro internato na Suíça. Ia visitá-la, mas sempre mantinha distância com seus professores e com o resto dos alunos, incapaz de estabelecer a mais mínima conversa com alguém. Por isso mesmo, Mara sempre se surpreendeu que alguém tão reservado e estudioso como seu tio, tivesse uma amizade tão estreita com uma criatura que não pertencia a este mundo e com seu exército de soldados sem alma. Quando era pequena, acreditava que o que contava a respeito desses homens era pura fantasia, mas com o passar do tempo viu que era verdade. E ao completar quinze anos, nesse mesmo dia em que explicou como faleceram seus pais, Ronan revelou também que papel jogava o exército das sombras em suas vidas. *Sem eles nunca a teria encontrado — disse — E precisamos deles para poder nos vingar.*

E Mara queria vingar. Queria se vingar daqueles que roubaram a sua família, dos que a deixaram órfã e a obrigaram a crescer em um internato, sem o carinho de seus pais. Sim, Ronan se assegurou de proporcionar uma educação, a melhor que se podia pagar com dinheiro, mas não a abraçou de noite, nem explicou contos, nem nada. Mara não queria ser ingrata, mas às vezes não sabia como tratar seu tio. Sabia que ele gostava dela, em mais de uma ocasião ela o pegou olhando-a com lágrimas nos olhos e disse que era igual a sua mãe, mas quanto mais se foi vinculando ao exército das sombras, mais sombrio seu caráter se tornou.

Mara nunca vira lorde Ezequiel em pessoa, mas ouvira sua voz e isso bastou para a arrepiá-la; e também coincidiu que em algumas ocasiões, se encontrara com outro dos assessores de Ezequiel, quando estes se reuniam com seu tio, e não gostava do modo que a olhavam. Horripilante.

Separou-se da porta e se dirigiu à cozinha. Prepararia um chá e iria para cama; com certeza, pela manhã, tudo voltaria ao normal. O telefone tocou e se assustou.

—Está bem? —perguntou seu tio quando atendeu.

—Sim — respondeu ela sem questionar como sabia ele o da explosão; tinha certeza que alguém do exército das sombras o pôs a par do acontecido.

—Por que entrar no armazém? —perguntou zangado.

Que estranho, pensou Mara, Ronan nunca perdia a calma.

—Queria me assegurar de que Whelan se achasse dentro — mentiu sem saber muito bem por que — Vi os soldados das sombras saindo e temi que fosse atrás deles. —Como desculpa não estava mal — De onde saíram esses tipos?

—Não se preocupe com eles, não voltarão a se envolver — assegurou seu tio — Não deveria ter se colocado em risco — brigou — Estamos muito perto de conseguir, Mara.

—Sei, tio.

—Enfim, não vai acontecer nada. Sabe se Whelan suspeita de algo?

—Não, não tem nem ideia do que está acontecendo. Sabe que alguém de suas empresas o



traíu e acredita que tem que ver com o clã Talbot. Tudo está indo perfeitamente, tal como planejou.

—Amanhã voltará a vê-lo?

—É obvio.

—Perfeito, já sabe o que tem que fazer — lembrou-lhe Ronan — Eu ainda demorarei algumas semanas para voltar, me ligue se acontecer algo. —Não acrescentou que tinha alguém vigiando-a. Não era preciso.

—Claro tio.

—Descanse, Mara, e não se esqueça: estamos muito perto.

Ronan Stokes desligou o telefone e Mara sentiu um estranho calafrio nas costas. Seu tio nunca fora carinhoso com ela, e estava obcecado por se vingar dos Whelan. A princípio, estava acostumado a concentrar toda aquela ira na figura de Royce Whelan, mas depois da morte deste há uns quantos anos, ficou obcecado com Simon. Mara estava muito longe de defendê-lo, mas no pouco tempo em que estava trabalhando para ele, descobriu que era um homem muito inteligente, trabalhador e que se preocupava muito com seus empregados. Possivelmente flertasse mais do que devia com ela, mas Simon Whelan sabia quase tudo a respeito das pessoas que trabalhavam ao seu redor, e se alguma tinha um problema, oferecia para solucioná-lo sem esperar nada em troca. E isso não se encaixava com a descrição que seu tio Ronan fazia do herdeiro do clã Whelan.

Um dia, antes que seu tio partisse de novo para o Alaska, tratou de tirar o assunto à limpo, mas quando insinuou que possivelmente Simon não tivesse nada que ver com seu pai, Ronan a fulminou com o olhar e disse que não fosse estúpida, que tinha certeza que ele estava fingindo com o único objetivo de levá-la para cama. Seu tio a magoou muito, insultando-a desse modo, e os seus olhos se encheram de lágrima, quando viu que Ronan apertava os dedos de uma mão para não cair na tentação de tocá-la. Assim, decidida a não confrontar seu tio, se autoconvenceu de que Simon não era tão bom como aparentava. *Só está fingindo*, repetiu uma e outra vez. Mas nada evitou que entrasse correndo no armazém, quando acreditou que ele poderia ser pego.

—Está cansada, Mara — disse em voz alta, e com movimentos mecânicos preparou uma xícara de chá e sentou-se no sofá.

Fechou os olhos convencida de que não poderia dormir, mas em questão de segundos seu corpo relaxou e sua mente viajou àquele jardim que só visitava em sonhos.

No sonho, Mara tinha três ou quatro anos e caminhava pelo jardim mais bonito que já vira; parecia um bosque, mas não, sabia que era um jardim. Sua mãe e seu pai estavam sentados em um banco de pedra, falando, sorrindo um ao outro. Ela se aproximava dos dois e seu pai, carinhoso, punha uma flor no seu cabelo. Logo, sua mãe a agarrava nos braços e a sentava em seu colo, e começava a contar um conto. Um conto lindo a respeito de fadas que viviam em um castelo encantado e que cuidava dos humanos. A rainha das fadas se chamava Claire, e graças à ela e às suas amigas o mundo vivia em harmonia.

Mara adorava esse sonho e quando tinha a sorte de poder visitá-lo, não queria despertar. Nele podia sentir os dedos de seu pai a acariciando, ouvir a melodiosa voz de sua mãe, respirar o



aroma do mar. E sempre terminava igual, com sua mãe dando um beijo na testa e dizendo que tudo ia sair bem. Mara se moveu incômoda no sofá, algo estava errado no sonho; notou que sua mãe se esticava e entrelaçava os dedos com os dela.

—Tem que procurar Claire — sussurrou sua mãe ao ouvido— Confie no guardião.

Mara tratou de perguntar à ela do se tratava, mas um trovão riscou o céu do jardim onírico e despertou.

Tinha as costas encharcadas de suor e a respiração entrecortada. E quando levantou as mãos, viu que tremiam. Ficou em pé e caminhou para o escritório que tinha em seu dormitório, e de uma gaveta tirou um caderno e anotou as palavras de sua mãe. Procurar Claire, uma fada? O que era um guardião? O melhor seria que não se importasse; afinal eram só divagações fruto do cansaço. Sim, seria isso. Foi ao banheiro, abriu a torneira de água quente da ducha e entrou debaixo do jorro, e apesar repetir a si mesma uma e outra vez que só foi um sonho, não pôde tirar de si a sensação de que vira seus pais de verdade.

Recém-tomada banho e com um pijama limpo, Mara se deitou e voltou a ficar adormecida. Se tivesse sorte, possivelmente voltaria a sonhar.

Simon chegou aos escritórios na primeira hora da manhã. O porteiro do edifício, que obviamente se inteirou da explosão da noite anterior, olhou-o como se estivesse vendo um fantasma... Ou um louco. Para não delatar sua condição de guardião, Simon fingiu que as costela e a cabeça continuavam doendo, e teve um convincente ataque de tosse. Para falar a verdade, guardião ou não, tivera muita sorte; se alguma daquelas vigas atravessassem um órgão vital, só teria podido se regenerar bebendo sangue de sua alma gêmea. E Simon não tinha. Nem teria jamais, pensou ao apertar o botão do apartamento de cobertura no elevador. Respirou fundo e afastou esses pensamentos negativos de sua mente; chegou o momento de seguir o conselho de seu pai e dar tempo ao amor. E tinha que deixar de pensar em Maria.

—Bom dia, senhor — o saudou um dos empregados do turno de noite, ao cruzar com ele pelo corredor.

O grupo tinha interesses em todo mundo, assim nos escritórios sempre havia alguém trabalhando. Alguns de seus empregados eram guardiões, e o resto eram escolhidos com esmero, assim o fato de que alguém pudesse traí-lo, doía duplamente; primeiro, por estar tão cego e não saber reconhecer um mentiroso, e segundo, pelas consequências que a dita traição pudesse ter para todos. Uma coisa era a espionagem industrial, o grupo ostentava e administrava múltiplas patentes industriais milionárias, e outra que saísse à luz pública a existência dos guardiões.

Ao longo da história, os guardiões de Alexandria tiveram que enfrentar em mais de uma ocasião a ameaça de serem descobertos. Eram muito poucos os humanos que sabiam deles e nunca eram pessoas quaisquer, como o caso de Tom e Nina Gebler, ou Mitch Buchanan e Julia Templeton, o melhor amigo e a esposa de Ewan Jura. Quando os guardiões encontravam sua alma gêmea, eram incapazes de mentir, por isso sempre contavam ao seu companheiro o que eram e as obrigações que teriam que suporta. Simon nunca contou a Naomi, nunca sentiu a necessidade de



fazê-lo. O guardião sempre deixou claro que não tinha nenhum problema em mentir àquela harpia sem coração. Com esse último pensamento, Simon entrou em seu escritório e se dirigiu diretamente ao computador. Começava estar farto de sofrer acidentes e de que acontecessem coisas estranhas em suas empresas.

Uns meses atrás, depois de voltar de sua viagem pela Europa, criou um arquivo oculto onde anotava tudo o que lhe acontecia, as pistas que acreditava encontrar, e suas diferentes teorias. A primeira anotação fazia referência à Berlim e à aparição de um grupo de jovens mortos por overdose de uma droga não identificável e o posterior desaparecimento dos cadáveres desses mesmos jovens. A segunda estava relacionada com o que aconteceu em Praga; Simon estava em um bar frequentado por guardiões quando ouviu uma conversa interessante. Dois comparsas de Rufus Talbot, o guardião líder do clã dos Talbot, estavam fanfarronando sobre o lançamento de uma nova droga de resultados espetaculares.

Logo, houve um acontecimento igual à esse, na Inglaterra. Em Londres, também apareceu morta uma jovem por overdose. Esta, de nome Stephanie, trabalhava no Vivicum Lab, os laboratórios de propriedade de Rufus Talbot, e a melhor amiga da garota, Julia Templeton, a agora esposa de Ewan Jura, estava convencida de que era impossível que Stephanie se drogasse. Simon repassou rapidamente os documentos que enviou à Ewan. Depois de uma operação encoberta em que seu primo quase perde a vida e a prudência, junto, com a ajuda de Mitch Buchanan, descobriu e desmantelou o plano de Talbot. Este pretendia fabricar uma droga capaz de causar vício nos guardiões e cujo uso prolongado, os converteria em marionetes sem vontade que obedeceriam cegamente a qualquer um que proporcionasse mais.

Para desenvolver a substância tóxica, Talbot e seus comparsas sequestraram Dominic Prescott, um dos poucos guardiões centenários que ainda existia, e o submeteu a milhares de testes. Ewan e Mitch conseguiram resgatar Dominic a tempo, embora, conforme contou seu primo, o guardião desapareceu logo depois.

O laboratório Vivicum Lab voou pelos ares e com ele todas as assim denominadas “drogas” que existiam, e Julia, graças ao caderno que Stephanie lhe mandou antes de morrer, conseguiu eliminar toda a documentação relativa à dita substância.

Após isso, na Inglaterra tudo parecia estar voltando pouco a pouco para a normalidade, exceto Dominic que continuava sem aparecer e que Mitch estava se comportando de um modo muito estranho; Daniel, o outro primo de Simon, também não sabia de nada. A tudo isso, teria que somar o acontecido no Japão, o acidente que ele mesmo sofrera os freios do Maseratti e os roubos em seus armazéns portuários. Estaria tudo relacionado, ou eram feitos isolados que só colocavam em alerta que seu sistema de segurança não era tão infalível como acreditava? O timbre do telefone interrompeu suas divagações.

—Sim?

—Senhor Whelan — era o porteiro do edifício— detetive Cardoso está aqui.

—Diga que suba.



—Em seguida, senhor.

—Obrigado. —Simon desligou e teve o pressentimento de que o tal Cardoso ia ser um osso duro de roer.

Uns minutos mais tarde, Oliver Cardoso, vestido com um impecável traje cinza e com olhar perspicaz, entrava em seu escritório.

—Bom dia, senhor Whelan — saudou e estendeu a mão— Vejo que se recuperou muito rápido.

Apertou a mão com força. *Sim, um osso duro de roer. E sarcástico, além disso.*

—Me chame de Simon, detetive.

—Oliver — ofereceu a outra em troca.

—No que posso ajudar, Oliver? —perguntou Simon.

—Meus peritos encontraram isto no armazém. —Colocou em cima da mesa uma bolsa de plástico que continha o que sobrara da bomba— É um detonador.

—E?

—Este detonador não existe. Ninguém o fabrica. —Procurou o olhar de Simon antes de continuar— É um protótipo militar. —Fez outra pausa— Quero saber quem diabos anda atrás de você, que está disposto a utilizar tecnologia de última geração para apagá-lo do mapa.

Certo, parece que o detetive frio e educado desapareceu para dar lugar àquele homem rude e sem censura.

—Não tenho nem ideia — respondeu ele à defensiva.

—Olhe não me importa o mínimo se irá evadir impostos, ou se tem uma grande fraude montada, mas não permitirei que haja alguém rondando por minha cidade com equipamento de exercito de última geração.

—Nem eu — afirmou terminante Simon, sua natureza de guardião não o permitiria— Não sei quem são, mas estou a meses tratando de descobrir. —Supôs que uma verdade pela metade era o menor dos males, e Oliver relaxou um pouco.

—O atentado de ontem não foi o primeiro? —Fulminou-o com o olhar e passou as mãos pelo cabelo— Merda. Por que não avisou à polícia?

—Tal como disse ontem — o olhou nos olhos— não queria incomodar.

—Me conte o que aconteceu das outras vezes. —Oliver Cardoso tirou seu caderno do bolso— Tudo.

—Nossos armazéns sofreram diferentes atentados. Veja. —Abriu uma gaveta e passou uma pasta— Aqui tem as fotos que tiraram as câmaras de segurança e a informação relativa aos edifícios. A princípio, achávamos que nos roubaram, mas depois de fazer inventário dos destroços descobrimos que não levaram nada.

—Deduzo que, até ontem, nenhum dos armazéns saiu voando pelos ares.

Oliver pegou a pasta e começou a folhear os papéis que estavam nela. Antecipando-se que poderia acontecer algo assim, Simon pediu a Mara que a preparasse dias antes.

—E faz umas semanas, meu carro ficou sem freios. Quando o levei a oficina, disseram-me que os cortaram.



—E não aconteceu nada?

—Tive sorte.

—Entendo. —Fechou a pasta — é tudo? —perguntou cético.

—Sim, isto é tudo.

Sustentaram o olhar durante uns segundos.

—Ok —Cardoso foi o primeiro a ceder— levarei isso e direi aos meus homens que o revisem, mas...

—Se averiguar algo mais, ligarei à polícia.

—Certo.

O detetive levantou e abandonou o escritório de Simon, e este, que havia desligado o computador antes que chegasse sua visita, o religou para seguir lendo suas notas. Pegou um bloco de papel e escreveu as datas dos roubos e as dos acidentes para ver se encontrava algum padrão, um costume herdado de seu pai. Nada. Fez o mesmo com os endereços, nada também. Mesclou ambos os dados e também não teve sorte. Bateu na mesa com o lápis. Tinha que haver algo. Levantou e caminhou para a janela e, durante uns minutos, deixou o olhar fixar no edifício da frente. O último andar estava vazio. Vazio. Correu ao seu escritório e procurou entre os documentos. Sim, como não percebera antes?

Capítulo 6

O primeiro Whelan que chegou aos Estados Unidos, o fez em 1862 como mais um imigrante irlandês. Kieran Whelan fugia da miséria que arrasara seu país natal e estava disposto a fazer o que fosse necessário para seguir em frente. Tinha apenas dezesseis anos, e sua história era uma das mais lidas do diário dos guardiões.

História de Kieran Whelan

Diário dos guardiões

Conta à lenda que Kieran Whelan chegou à New York morto de fome e cheio de piolhos. Passou semanas preso na porão e o fedor da morte e a enfermidade, colara-se de tal modo ao corpo, que já não o notava. Durante os primeiros dias foi feliz, apesar de que continuava passando fome e de que não tinha onde cair morto, mas logo percebeu de que saíra do fogo para cair nas brasas. Ou no inferno.

O país inteiro estava em guerra, e os recém-chegados viravam soldados à força; jovens que desciam de um navio para retornar pouco tempo, depois metidos em ataúdes. Kieran conseguiu escapar do primeiro recrutamento voluntário, que aconteceu no bairro onde conseguiu um miserável trabalho como lavador pratos em troca de uma cama de armar, mas não do segundo. Assim, se viu lutando em uma guerra na qual não acreditava e defendendo um país que não



amava, ao menos ainda não. Mas a guerra tem um efeito curioso nos soldados, estes logo se esquecem da bandeira pela qual supostamente combatem, e se limitam a cuidar dos homens que estão ao lado. No meio do cruel campo de batalha, os soldados não protegem os ideais políticos ou as exigências territoriais de um bando ou de outro; no fragor da batalha, um soldado só pode confiar em si mesmo e em seus companheiros de armas.

Kieran fazia parte do batalhão de infantaria do capitão Wilkins, um texano de quarenta anos, de poucas palavras. Na Irlanda, Kieran era pastor, assim, sem temor de se enganar, podia dizer que não tinha nem ideia de como utilizar uma baioneta; mas embora faltasse perícia sobre armamento, sobrava vontade de viver, e logo aprendeu o necessário para defender a si mesmo e ao resto de seu pelotão.

Uma noite, depois de vários dias de luta, desfrutaram de uns estranhos momentos de paz, certamente devidos à necessidade que ambos os bandos tinham de se reagrupar e de repensar as estratégias. Essa noite, Kieran ouviu como Fredo, um italiano recém-chegado como ele, e Sal, conversavam sobre suas respectivas mulheres e filhos. Ao escutar as emotivas palavras dos dois soldados, a garganta de Kieran fez um nó e os olhos se encheram de lágrimas, e jurou que faria tudo o que estivesse em suas mãos para protegê-los. Alguém os estava esperando. Precisavam voltar.

Na manhã seguinte, aconteceu uma batalha que passou para os livros de história e Kieran cumpriu sua promessa.

Fredo e Sal ficaram presos atrás dos troncos que utilizaram como trincheira e as chamas causadas por um tiro em seus inimigos, se estavam aproximando. Kieran só tinha duas opções: ou os tirava dali ou apagava o fogo. E as duas eram um suicídio. Sem se importar em morrer, limitou-se a avaliar qual das duas oferecia maiores probabilidades de êxito, e se decidiu pela segunda: apagar o fogo. Possivelmente seu ofício não o ensinara a utilizar uma arma; mas sim, sabia que um fogo como aquele só havia uma maneira de apagá-lo, e era acendendo outro. Se estivesse na Irlanda, teria cavado uma cova no chão como corta fogo e as chamas não teriam podido seguir avançando. Mas ali não tinha nenhuma pá, e não tinha tempo de fazê-lo com as mãos. O que tinha sim, era pólvora, madeira e fósforos; então iria provocar o maior incêndio possível para sufocar o outro.

Passou correndo pela frente de Fredo e Sal e ouviu que o italiano dizia aos gritos que estava louco e que saísse dali em seguida. Acompanhou suas palavras com vários insultos e os dois companheiros olharam para Kieran horrorizados ao compreender o que iria fazer.

Este construiu a pira e acendeu o fogo, e apesar de ver que vários soldados inimigos estavam indo para ele, não se afastou até se assegurar de que as chamas se avivavam o suficiente para se enfrentarem e se apagarem mutuamente. Às suas costas, ouviu que Fredo conseguiu se soltar e que estava ajudando Sal enquanto os dois continuavam gritando para que fosse embora. Kieran sentia o calor do fogo no rosto, ouvia o ranger das lascas, e, de repente, uma baioneta o atravessou pelas costas. Caiu ao chão de joelhos, mas antes de morrer viu como Sal e Fredo se afastavam dali antes que as chamas alcançassem um barril de pólvora que também ficou sob os troncos.



Como bom irlandês, Kieran conhecia um montão de lendas sobre duendes e fadas, mas nunca havia imaginado nenhum ser com o aspecto daquele que o visitou no campo de batalha. E quando aquela criatura misteriosa contou que iria convertê-lo em guardião e que sua missão seria proteger os humanos, soube que morreria e que estava no inferno, no inferno aonde iam parar todos os incrédulos. Fechou os olhos e se deixou levar, e dias mais tarde, voltou a abri-los.

Kieran Whelan demorou vários anos para retornar à New York, e pelo caminho, aprendeu muitas coisas a respeito do que significava ser um guardião. Ao chegar à cidade, a primeira coisa que fez, foi assegurar-se de que Fredo e Sal estavam bem, embora não fora visitá-los em pessoa. Parecia incapaz de explicar como sobrevivera àquela explosão. Com o pouco dinheiro que economizou, fruto dos diferentes e variados trabalhos que encontrou em seu caminho de volta, Kieran comprou uma pequena casa perto da onde desembarcou pela primeira vez. Pensou que já que aquela esquina da cidade era a primeira coisa que vira, bem que poderia ser um bom lugar para começar sua nova vida. Essa pequena casa, anos mais tarde, se converteu na primeira sede de Manufaturas Whelan, e foi nesse bairro onde conheceu Lucy, sua alma gêmea, e onde nasceu seu primeiro filho.

Kieran foi o primeiro guardião de seu clã, que a história lembra como um homem justo e valente. E aquele local do cais de New York, passou a formar parte do impressionante patrimônio dos Whelan.

O local de Kieran, assim como o chamavam Simon e seu pai quando se referiam a ele, era agora uma espécie de esconderijo secreto. Royce se encarregou de que instalassem nele todas as comodidades próprias de seu tempo e o utilizava para se reunir com Tom Gebler. Simon o visitava com relativa frequência enquanto estava casado, para se esconder de Naomi. Mas não voltara ali desde seu divórcio. Ninguém sabia exatamente onde estava; assim, era um local vazio que mantinha por razões sentimentais, mas todos os armazéns que foram invadidos formavam um círculo a seu redor.

—Senhor Whelan, aconteceu algo? Simon?

—O que? —Levantou a vista do papel que tinha à frente. Estava tão concentrado que nem sequer ouviu Mara entrar—. Mara, o que está fazendo aqui?

—Trabalho aqui, a não ser que tenha me despedido. —Sorriu e sentiu um comichão no estômago ao ver que ele levantava o canto do lábio. Não, tinha que deixar de pensar nessas coisas.

—Não diga tolices. —Olhou-a nos olhos— Deveria ter ficado em casa.

—Você também. —Sustentou o olhar e caminhou até ele— cruzei com Oliver, o detetive Cardoso. Encontraram algo?

—Sim. —Simon fingiu que não se incomodava que Mara, resistia em chamá-lo por seu nome, não tivesse nenhum problema em utilizar o do detetive— Parece que o artefato que utilizaram para voar o armazém, é um protótipo militar.

Nunca contou que era um guardião, ou que suspeitava que as invasões e atentados, foram



causados por membros de um exército formado por criaturas de outro mundo, mas sim, que a manteria a par de muitos detalhes da investigação. Além disso, encarregou-a que fiscalizasse pessoalmente certas operações, confiando nela completamente, algo muito incomum em Simon.

—Um protótipo militar? Mas que tipo de ladrões utilizam essa tecnologia? —Ela sabia perfeitamente; ladrões que não têm intenção de roubar nada— A polícia tem alguma pista?

—Nenhuma, mas o detetive Cardoso me disse que me manterá informado. Ontem à noite acompanhou-a casa, o que achou? —Tratou que a pergunta soasse profissional.

—Profissional, mas a verdade é que chegamos ao meu apartamento em vinte minutos e me despedi dele rapidamente. —Com a agenda que segurava na mão direita assinalou para a porta— chegou um pacote da Escócia, e sua ex-esposa...

—Diga que ligue mais tarde.

—Está ai fora.

—Naomi está ai?

—Sim. Veio acompanhada, e me disse que é importante.

—Disse algo mais?

—Pareceu que ouvi alguma de suas habituais insinuações de mau gosto, mas estou certa de que foi minha imaginação.

—Faça-a entrar, Mara. —Simon ficou em pé— Lamento que lhe disse isso, seja o que for.

—Não é sua culpa. —O fato de que Simon fosse tão educado com ela sempre a desarmava— Pedirei para que entre, e quando se forem trarei o pacote.

—Sim, com certeza precisarem de algo para me animar, e os pacotes de Ewan sempre são interessantes.

Mara sorriu e saiu do escritório, meio minuto mais tarde entraram Naomi, impressionante como sempre, e um atrativo homem de têmporas grisalhos.

—Olá Simon, apresento-lhe Jeremiah Claybourne, meu noivo.

Simon estendeu a mão estupefato.

—Simon Whelan, encantado.

—Igualmente. Tenho que confessar que tinha muita vontade de conhecer o homem que deixou escapar à esta preciosidade — disse Claybourne sedutor, e Naomi ruborizou satisfeita.

—Sei, bom, suponho que não sou digno dela — respondeu, para seguir o jogo, embora sentisse-se como se despertasse uma úlcera. O guardião não gostou do comentário— Sentem-se.

—Não, não se incomode Simon querido — disse Naomi, e maldição se Simon não sentiu um grande alívio— Só queria dizer de meu compromisso em pessoa. Este fim de semana Jer me levará a festa do Metropolitan, e não queria que se inteirasse pelos jornais.

—Agradeço — respondeu. Na realidade não se importava com nada, e sabia que Naomi não o fazia por educação, mas sim porque morria de vontade de esfregar no nariz que encontrara um substituto. Bem feito, pensou inclusive o guardião, quem sabia assim a perdiam de vista para sempre— E quando é o casamento?

—Dentro de seis meses — respondeu Claybourne— Viajo muito, e gostaria que fosse antes, mas Naomi deseja e muito se casar na Igreja e não nos deram data até então. Nós adoráramos



que viesse.

—É obvio. —Simon ainda lembrava o quanto furiosa ficou Naomi, quando não conseguiu que ele aceitasse se casar na Igreja. E já podia imaginar as armas às quais teria recorrido para convencer Claybourne, mas apesar disso, não pôde sentir pena pelo outro homem. Havia algo nele que o inquietava.

—Temos que ir, Jer. —Naomi puxou o antebraço de seu noivo— Enviaremos o convite, Simon.

Este apertou de novo a mão de Claybourne e Naomi deu um beijo na bochecha dele. Simon teria querido evitar, mas ela grudou no seu pescoço e aproveitou para sussurrar ao ouvido:

—Finalmente entendi tudo Simon, e acredite, tenho pena de você.

Capítulo 7

Jeremiah Claybourne demorou vários anos para se recuperar do fiasco de Maria Gebler. Sequestrar essa fedelha não servira para nada, e seus superiores o fizeram pagar com acréscimo. Menos mal que houvesse se desfeito da menina e que, graças ao nefasto trabalho de investigação dos Jura, nenhum guardião sabia que ele estivera por trás de tudo aquilo.

Sim, demorou mais de quinze anos para recuperar os favores de lorde Ezequiel e agora, graças à estúpida mulher que estava dependurada em seu braço, ia entregar ao seu senhor algo que estava tempo procurando: um Whelan. Um guardião pertencente à uma das poucas famílias que, ao longo da história, deram só grandes guardiões, líderes indiscutíveis entre os de sua espécie. E os idiotas nem sequer sabiam o que isso significava, pensou ao apertar a mão daquela criatura mítica.

Jeremiah era humano, completo, absoluta e desgraçadamente humano. No passado, tratou de convencer ao seu senhor de que o deixasse entrar para fazer parte do exército das sombras, e embora lorde Ezequiel outorgasse um status e certo poder, mas jamais ofereceu o presente de passar a ser um dos seus. A princípio, achou muito ruim, mas seu senhor explicou que estava destinado à algo muito maior e Jeremiah terminou por aceitá-lo. Mas fosse qual fosse esse destino superior, estava demorando muito em chegar, e para ele, que era um mero mortal, o tempo estava se esgotando... E a paciência.

Junto com Naomi abandonou o edifício dos Whelan. Jeremiah não podia deixar de sorrir, e Naomi tomou como adulação, e no caminho de volta presenteou-o com um aperitivo que o esperava quando chegassem ao seu apartamento de cobertura. Ter chofer e um vidro de separação entre a parte da frente e detrás do carro tinha suas vantagens, pensou, embora a verdade fosse que não estava com disposição para o trabalho; a causa de sua alegria era que, por fim encontrara o modo de achar Simon Whelan.

Durante todos os anos que Jeremiah teve que desaparecer de cena, Dominic Prescott desaparecera e Royce Whelan morreu. O primeiro decidiu abandonar os Estados Unidos durante



um tempo e instalar-se na Inglaterra, e pelo que sabia Jeremiah, não estava muito bem, e agora ninguém sabia onde estava, nem se continuava vivo. E quanto a Royce Whelan, depois do assassinato dos Gebler, abandonou por completo a investigação que estava fazendo sobre o exército das sombras e enclausurou o projeto Ícaro, que, por outro lado, sem a participação de Tom Gebler e Dominic Prescott, não tinha sentido.

O filho de Royce Whelan, Simon, naquela época tinha só dez anos, assim era lógico pensar que não tinha nem ideia do que aconteceu, nem do que seu pai tinha entre mãos. Depois da morte de seu progenitor, Simon seguiu adiante com os negócios da empresa e realizou vários investimentos muito acertados, mas no momento não havia reaberto nenhum dos projetos científicos de Royce, assim Jeremiah chegou à conclusão de que, ou não se importava, ou não sabia de sua existência.

Fosse como fosse, para ele dava na mesma. A única coisa que interessava era que por fim, encontrara o modo de aproximar-se do guardião e que, se jogasse bem suas cartas, poderia entregá-lo ao seu senhor numa bandeja de prata. O que fizesse lorde Ezequiel com Simon Whelan também não se preocupava absolutamente; depois daquela menina, deixou de ter qualquer tipo de escrúpulos. Jeremiah Claybourne merecia passar para história.

—Simon, posso entrar? —perguntou Mara da porta, meia hora depois da estranha visita de sua ex-esposa.

—É obvio. Como verá o sangue não chegou ao rio — respondeu ele, compreendendo sua reticência e agradecendo que desse um momento para recuperar a compostura. O guardião se alterava muito sempre que via Naomi; era como jogar sal em uma ferida.

—Fico feliz. Trouxe a encomenda. —Deixou-a em cima da mesa— Estarei em minha mesa se precisar.

Simon assentiu e agarrou umas tesouras. Embora tanto ele como Ewan pertencessem à esse século e utilizavam as novas tecnologias, ambos recorriam frequentemente ao serviço de mensageiros da empresa, para mandar documentos importantes. Não só estavam seguros de sua rapidez, mas também de que ninguém se atreveria a abri-los. Deslizou as afiadas folhas pela separação entre os cartões e levantou as duas peças. Dentro havia uma caixa de segurança e algumas pastas. Primeiro abriu as pastas; continham cópias do caderno de Stephanie, a amiga de Julia assassinada, e das análises e de outros testes de laboratório que Julia conseguiu recuperar de seus arquivos no Vivicum Lab. Muito interessante. Deixou de lado e, com cuidado, abriu a caixa de segurança. Em seu interior encontrou dois vidros de sangue; a julgar pelo nome da etiqueta, em um havia sangue de Dominic, e no outro do próprio Ewan. Embaixo viu uma carta. Era de seu primo e estava escrita à mão; a combinação pareceu tão estranha que a leu em seguida.

Simon,

Suponho que se surpreenderá que esteja mandando esta carta — Eu que o diga, pensou Simon—, mas não sei a quem contar tudo isso, exceto à Julia, que já sabe, e acredito que é importante que alguém mais esteja a par. E bom, embora tenho certeza que ficará louco, estou



convencido de que você é o único capaz de me ajudar e contribuir com um pouco de luz.

Em um vidro encontrará uma amostra de sangue de Dominic, a extraíram durante o tempo em que esteve preso no Vivicum Lab. Não sabemos exatamente que diabos estavam injetando, e a verdade é que Dominic não me contou muito do assunto, mas na noite em que o tiramos dali tinha o olhar perdido e injetado de sangue, e quando acreditava que não podia ouvir não deixava de sussurrar um nome: Claire. Não contei nada disto por telefone porque não queria preocupar mais ainda Julia, e porque me ferve o sangue cada vez que penso em Dominic preso nessa maldita cela durante meses a mercê do louco do Cochran. Se não estivesse morto, juro que voltaria a matá-lo. Mil vezes.

Sei, parece que seu primo passou de ser um homem frio e comedido, para ser um guardião férreo defensor dos seus. Continuou lendo.

No segundo vidro está a minha amostra. Na noite em que sequestraram Julia — Simon teria jurado que o pulso de Ewan tremeu ao escrever essa frase — Cochran me obrigou a tomar uma droga. Disse-me que se não o fizesse a mataria, e não preciso dizer que obedeci sem questionar. Primeiro pensei que não faria efeito, mas de repente... Não sei como explicar. Foi libertador. Foi como se tudo deixasse de me importar, e durante um instante, um muito pequeno instante, pensei que era uma sensação maravilhosa. Até que percebi que minha mente ansiava outra dose, e que para consegui-la estaria disposto a fazer o que fosse necessário, obedecer a qualquer um. E Cochran sabia, e com um sorriso que saiu do mesmo inferno, me ordenou que matasse Julia. Jamais esquecerei o olhar de minha esposa nesse instante... O guardião enlouqueceu e tomou o controle, e teria acabado com minha própria vida se me atrevesse a fazer mal à Julia. Não fiz, mas jamais atuei com tanta violência como nessa noite. Nem sequer quando era pequeno e matei aquele soldado para salvar Daniel e a mim. Salvei Julia e, enfim, suponho que já sabe o resto. O que não sabe é que antes de ir à ilha de Skye, parei um momento em meu apartamento de Londres e extraí uma amostra de sangue. Não sei o que encontrará ao analisá-la, nem sequer sei se haverá vestígios de algo. Não me atrevi a fazê-lo eu mesmo. Por todos os deuses confesso primo, que até me deu medo tocar no vidro para mandá-lo, mas quero que você o faça. Confio em você. E se o que encontrar for algum perigo para os meus, ou para o resto dos guardiões, pedirei que faça o impossível, primo.

Se era verdade o que Ewan estava pedindo que Simon acreditava que estava, teria uma grande decepção. Ele jamais mataria um de seus melhores amigos, e provavelmente, um dos melhores guardiões da história. Tinha certeza que seus temores eram infundados, e, no improvável caso de que não fossem, juntos encontrariam um remédio.

Tenho o pressentimento de que algo acontecera à Dominic algo muito grave nessa cela, e acredito, a verdade é que estou quase certo, que ali conheceu sua alma gêmea. Se aparecer por New York, lembre-o de que não está sozinho. E quanto a Daniel, mandou-me um SMS para me



dizer que estava no Amazonas e que descobriu algo muito importante sobre o exército e outras criaturas. Não sei se é verdade, mas desde esse dia nenhum satélite consegue encontrar nenhum rastro do celular de meu irmão.

Sei que nem sempre estivemos de acordo em tudo, Simon, mas quero que saiba que tinha razão; não se pode negar a natureza do guardião, e é impossível ser feliz sem sua alma gêmea ao lado. Sei que segue convencido de que Maria era a sua, mas tão somente tinha dez anos quando a conheceu, assim, talvez devesse dar uma oportunidade à alguém, e desta vez procure uma que não seja uma idiota completa.

Simon sorriu diante do descarado intento de seu primo. de aliviar a seriedade da carta.

Despeço-me, Simon. Faça todos os testes que ache necessário para ambas as amostras de sangue, e escreva-me com os resultados... Ou venha nos ver. Julia adoraria conhecê-lo.

Ewan

Guardou a carta dentro do envelope e depois, junto com as pastas cheias de documentação, colocou-o tudo no cofre de seu escritório. Devolveu os vidros à caixa de segurança e a deixou em cima da mesa. Simon se licenciou em biologia e em matemática. Outra das vantagens dos guardiões, era sua capacidade de memória e suas ânsias de conhecimento, mas depois da morte de seu pai, deixou por completo as tarefas de investigação que antes estava acostumado a fiscalizar pessoalmente.

A multinacional Jura-Whelan abrangia muitos campos, mas ao grande público se limitavam a se apresentar como uma empresa gestora de patentes e de I+D². O conglomerado de empresas que a formavam era tão diverso como complexo, e tanto os Jura como os Whelan, assim como o resto dos clãs que participavam e trabalhavam nelas, cuidavam e defendiam tenazmente. Como dizia Liam Jura, se uma raça com seus dotes e a possibilidade de alcançar a imortalidade não conseguia encontrar o modo de fazer dinheiro, eles seriam um rebanho de idiotas. Além disso, se alguma constante se repetia ao longo da história, era que o dinheiro move montanhas, e os guardiões, frequentemente, precisavam removê-las.

Na realidade, Simon teria preferido não ter que se dedicar nunca à vertente mais econômica dos negócios; bom, na verdade gostaria que seu pai e sua mãe não tivessem morrido. Respirou e soltou o ar muito devagar. Estava sendo uma manhã das mais intensas; recebera a visita do detetive Cardoso, tinha uma nova pista a seguir no relativo aos armazéns, sua querida ex-esposa anunciou que logo se casaria com outro — graças a todos os deuses— e seu primo escreveu uma carta que ainda estava digerindo. Sim, chegou o momento de tomar um café.

Capítulo 8

² Informática e Desenvolvimento



Na mesa que havia bem diante do escritório de Simon Whelan, sentava-se Mara Stokes. Qualquer um que passasse pela frente dela, teria acreditado que a moça estava perdida em alguma tarefa do mais que relevante e crucial para a empresa, com o olhar fixo em alguns papéis e a testa franzida, e nada parecia poder desconcentrá-la, mas estaria errado. Mara não estava lendo nada, nem remotamente relacionado com o seu trabalho, nem com seu chefe, nem com sua empresa. Não, Mara estava repassando as notas que tomara sobre o sonho tão inquietante que a surpreendeu na noite anterior. Durante anos, o sonho se manteve inalterável, sempre igual, etéreo e surrealista, igual de reconfortante. Por que mudara? Por que precisamente, então? E quem diabos eram Claire e o guardião?

A vibração de seu celular a afastou de tais inquietações.

—Tio Ronan — saudou-o surpreendida— aconteceu algo?

—Não, não é nada. Só queria me assegurar de que estava bem.

Embora Mara gostasse do gesto, também a desconcertava; seu tio não estava acostumado a ter esses cuidados.

—E também queria pedir algo — continuou ele.

Ah, isso sim tinha sentido.

—O que quer tio.

—Lembra-se de quando contei que Royce Whelan matou seus pais?

—É obvio, como quer que o esqueça — replicou brava pela insinuação.

—E lembra-se de quando me pediu alguma prova? —proseguiu Ronan Stokes. Aos quinze anos, Mara acreditou com convicção o que contou seu tio, mas uns meses depois de conhecer Simon, e de ouvi-lo falar de seu pai, perguntou a Ronan se tinha provas de que o falecido Royce Whelan estava por detrás da morte de seus pais.

—Sim. —Mara se envergonhava de ter duvidado de seu tio, mas não podia evitar.

—Meu amigo conseguiu uma cópia do relatório policial da cena do crime. Vou mandar isso para seu Black Berry.

Mara notou que seu celular vibrava ao receber o arquivo.

—Leia.

Ronan desligou sem despedir e ela não demorou nem meio segundo para abrir o documento. Tal como antecipou seu tio, tratava do primeiro relatório policial que fora relacionado ao assassinato de seus pais, e nele se destacava que na cena do crime, sua casa, encontraram as impressões digitais de Royce Whelan e de três indivíduos mais difíceis de identificar. Se isso era assim, por que a polícia não prenderam Royce? E, contou seu tio, o pai de Simon nem sequer foi interrogado. Por quê?

O telefone voltou a vibrar.

—Agora acredita?

—Sempre acreditei, tio — disse, tratando de conter as lágrimas.

—Não é verdade.



—Por que demorou tanto tempo em conseguir este relatório?

—O policial que se ocupou do caso se encarregou pessoalmente de fazê-lo desaparecer, e meu contato levou todo este tempo para encontrá-lo.

—Compreendo. —Respirou fundo— Quando volta?

—Ainda não posso. Maldição, estou impaciente para fazer os Whelan pagar o que fizeram a minha pobre irmã, mas tenho que ficar mais uns dias aqui. Se fosse agora... Não, tenho que ficar.

—Tio — duvidou um instante— eu também quero me vingar, mas nessa época Simon era só um menino e seu pai nem sequer está vivo. —jurou não fazer mais, e, entretanto continuava rejeitando a ideia de fazer mal a Simon.

—Possivelmente nessa época fosse um menino, mas sempre estive a par das atividades de seu pai. Sempre soube que Royce Whelan matava pessoas inocentes e seguiu protegendo o nome da família. Se não acredita — acrescentou— leia o segundo documento.

Com dedos inseguros e o coração em um punho, Mara abriu o segundo arquivo; estava repleto de informação muito detalhada a respeito dos múltiplos subornos que Simon Whelan pagava mensalmente à certos membros do departamento de polícia e de justiça. Subornos que começaram quando seu pai ainda estava vivo.

—Mara, está bem, Mara? —Simon colocou uma mão no ombro e a jovem se assustou tanto que pensou que inclusive ia desmaiar— O que aconteceu? Está bem? —perguntou olhando-a nos olhos.

—Sim, obrigado, senhor Whelan — respondeu, aferrando ao ódio que estava florescendo em seu interior— Queria algo?

—Acreditava que por fim decidi me chamar de Simon — assinalou com um meio sorriso. E como estivesse nervoso, que estava, colocou as mãos nos bolsos— Queria perguntar se você gostaria de jantar comigo esta noite.

Mara abriu sua agenda antes de responder:

—Não temos nada pendente, senhor Whelan.

—Não, não, Mara. Eu... Eu gostaria de jantar com você. Você e eu. Sem mais. Não seria um jantar de trabalho.

—Então não, senhor Whelan.

Que rejeitasse seu convite não era o que mais doeu, era o modo em que o olhava. Com brilhos de ódio.

—Mara... —Levantou uma mão para afastar uma mecha do cabelo do rosto, mas conseguiu parar antes de fazê-lo. Se tinha certeza de algo, era de que ela não queria que a tocasse, apesar da vontade que ele tivesse de fazer—. O que aconteceu?

—Não é nada, senhor Whelan. Precisa de algo mais? —Fulminou-o com o olhar, mas ele resistiu a ir — recordei que, recentemente, obrigou que todos seus diretores assistissem a um curso sobre perseguição sexual.

Simon retrocedeu como se tivesse sido esbofeteado.

—Desculpe-me, senhorita Stokes — balbuciou— Não era minha intenção ofendê-la. Eu acreditei que... —respirou— Tudo, é evidente que estava errado —terminou, embora revolvesse



as vísceras.

Mara fingiu que se concentrava de novo em seu trabalho, e não voltou a levantar a cabeça até que ele se fechou em seu escritório. A perseguição sexual fora um golpe baixo, mas foi a única coisa que lhe ocorreu para não lançar-se em cima e exigir que dissesse a verdade.

Simon se aproximou do pequeno móvel de bar que havia em seu escritório e serviu um copo. Igual à noite anterior, tinha que encontrar o modo de acalmar o guardião. As bruscas respostas de Mara, somadas ao frio e ao desprezo que emanavam de seus olhos, afetaram muito mais do que parecia lógico.

Esvaziou o copo e serviu outro, que bebeu de um gole. Passou uma hora inteira pensando na carta de Ewan e no final chegou à conclusão de que tinha que deixar para trás Maria e Naomi e tratar de conhecer alguém que pudesse fazê-lo feliz. A primeira mulher que veio à mente, a única na realidade, foi Mara, assim por fim se atreveu a pedir um encontro. Não como seu chefe, mas sim como um homem cansado da solidão. E disse que não. E o olhou como se fosse um ser repugnante.

Esvaziou outro copo, pegou a caixa com as amostras de sangue e foi para sua casa. Com o dia que levava, possivelmente tivesse sorte e um ônibus o atropelasse. *Não tenha ilusões* — disse a voz do guardião, rindo— *ainda é imortal*. Era que faltava, agora falava consigo mesmo. Genial.

Mara viu que a porta de Simon voltava a se abrir e se preparou para outro enfrentamento, mas quando ele se foi sem despedir, não se sentiu aliviada, o que teria sido o mais lógico, mas sim o nó que tinha na garganta ficou ainda maior. Negou a sensação e voltou a ler os arquivos que seu tio havia mandado, mas agora com atenção.

E ainda acreditava que as coisas não podiam piorar, pensou Simon olhando a lua cheia que presidia o céu naquela noite. Apertou o marco da janela até que os nódulos ficaram brancos e sentiu que as vértebras de suas costas rangiam entre si. Ele, à diferença de seu primo Ewan, sempre assumira sua natureza de guardião e, desde pequeno, quando começou a sentir que este despertava, dava boas vindas. Tinha aprendido a dominar sua força, dar a liberdade justa e necessária a cada noite de lua cheia, e a escutar seus conselhos. Exceto por Naomi, lembrou. Na noite em que Simon pediu que se casasse com ele, o guardião aflorou à superfície com uma brutalidade incomum e quase destroçou Simon de dor. Essa noite passou no bosque que rodeava a mansão de seus pais, brigando com as árvores e gritando até desafogar. Quando amanheceu, tinha os nódulos completamente destroçados, as costas e o torso cheios de arranhões e lhe doía a garganta.

A única outra vez que o guardião agonizou tanto, foi quando Simon assumiu que Maria morreu. O dia em que a deixou de sentir, acreditou morrer, e a partir de então, seguiu vivo, mas



com parte de sua alma, sua melhor parte, morta. E agora que, por fim se atreveu a acreditar que possivelmente errara com Maria, que possivelmente depositara muitas esperanças em uma menina que conheceu quase uma vida atrás, quando se atreveu a convidar Mara para que saísse para jantar com ele, ela o rejeitou. *E me olhou como se fosse um monstro.*

Sim, essa noite ia ser muito difícil controlar os instintos do guardião. Podia sentir as presas se alargando na gengiva superior. O pulso diminuindo. Não, não ia poder controlá-lo. Tinha que sair dali. Por mais compreensivos que fossem seus vizinhos, com certeza algum deles chamaria à polícia se o ouvissem uivar ou lançar a mesa contra a parede, que era o que tinha vontade de fazer. Ouviu de novo o ranger das vértebras da nuca e soube que não tinha tempo a perder. Com um gesto quase inconsciente, pegou a caixa com os dois vidros de sangue que Ewan lhe mandara e as chaves. Sabia aonde tinha que ir.

A caminho do apartamento de Simon, Mara repetiu mil vezes que ia ali para terminar de uma vez por todas com aquela angústia. Passou o dia repassando o relatório policial e os comprovantes dos subornos em busca de algo, o que quer que fosse que proporcionasse uma explicação; e não o encontrou. Royce Whelan matou seus pais e Simon, que estava a par do crime, o encobriu. Ela ficou órfã, viveu em um internato sem o carinho de seus pais. Sozinha. Cresceu rodeada de solidão, e as únicas amostras de carinho que recebeu, foram as proporcionadas por seu tio Ronan. Um homem consumido pela ânsia de vingar a morte de sua irmã. Mara não teve baile de fim de curso, nem também nenhum Natal, nem aprendeu a fazer bolachas, ou a pescar. Não, ao longo de sua infância e adolescência, a única coisa que teve, foi escutar seu tio dizendo que não tinha nada por causa dos Whelan, e que tinham que vingar-se de Royce Whelan e de toda sua família.

Se Mara permitisse que seu tio Ronan enfrentasse Simon, certo que algum dos dois, ou os dois, acabariam mortos. E ela não podia perder ninguém mais. Assim não lhe restava mais do que enfrentar Simon sozinha. Iria procurá-lo e exigiria que se entregasse à polícia. Mas se ele se negasse... Tocou a pistola que estava em bolso de gabardine. Seu tio a comprou ao fazer dezoito anos. Uma Glock 26 não era o que ela esperava receber como presente, mas foi o único que teve, e Ronan também ensinou a utilizá-la. Foi um dos poucos verões que passaram juntos, pena que foi na inquietante mansão de lorde Ezequiel, seu misterioso chefe.

Respirou fundo. Ela não nunca havia disparado em ninguém, só em alvos e numas latas, mas se Simon se negava a lhe dizer a verdade e a cooperar com ela, o faria. O tremor em seus dedos a contradisse e desceu do carro no qual esteve esperando. Ele saiu do edifício que estava, seu luxuoso apartamento, e ia tão concentrado que nem sequer a viu na outra calçada. Parecia alterado, pensou Mara, e optou por segui-lo. Possivelmente pudesse pegá-lo em flagrante, pagando algum suborno, ou praticando algum outro delito.

Simon chegou à zona mais antiga do cais de New York e se dirigiu ao local de Kieran. Não



visitava o refúgio de seu antepassado desde seu divórcio, mas o guardião estava a ponto de tomar as rédeas e precisava ir à algum lugar onde pudesse estar tranquilo. Procurou as chaves e abriu a porta. Não acendeu a luz, os olhos já se transformaram e podia ver perfeitamente na escuridão. O local de Kieran consistia em um espaço diáfano no que não havia dois sofás e uma mesa. No porão, havia um pequeno laboratório que, se não falhava a memória de Simon, era onde trabalharam seu pai, Dominic e Tom Gebler, o pai de Maria. Na parte detrás, na garagem, continuava estacionado o Range Rover de Royce. O pai de Simon adorava esse carro, e seu filho ainda não se atreveu a tirá-lo dali, pois Royce poderia repreendê-lo do além. Sorriu ao pensar em tal sentimentalismo e o guardião se acalmou um pouco, ao lembrar-se dos bons momentos que a família Whelan passou com esse carro. Uma madeira rangeu atrás dele e Simon se voltou de repente e mostrou as presas.

Mara.

Graças aos deuses que estavam às escuras e ela não podia vê-lo bem.

—O que está fazendo aqui? —perguntou, ocultando de novo os caninos nas gengivas.

Ela levantou o braço direito e apontou uma arma.

—Você matou meus pais.

Capítulo 9

—Você matou meus pais.

—O que disse? —Apesar dela ter repetido a frase duas vezes, Simon estava convencido de que não a ouvia bem. Precisava resolver aquela situação o quanto antes, não poderia deter o guardião durante mais tempo.

—Você matou meus pais. Bom, seu pai os matou, mas você ocultou as provas.

—Meu pai nunca matou ninguém. —Simon defendeu o melhor homem e guardião que conhecera. Deu um passo para Mara, e o único que conseguiu foi que ela martelasse a pistola— Do que está falando? —Outro passo, e ela sujeitou a arma com as duas mãos. Ele parou— Mara, o que está acontecendo?

—Seu pai assassinou o meu, e a minha mãe também. Meu tio contou isso tudo há anos, e agora por fim tenho as provas que o demonstram. E também tenho as provas que demonstram que você subornou meia delegacia de polícia para que ninguém jamais averiguasse.

—Eu nunca subornei ninguém, e você deveria saber melhor que ninguém.

—Quero que se entregue à polícia — ordenou ela como se ele não tivesse falado— E quero que todo mundo se inteire de que o maravilhoso Royce Whelan matou a sangue frio um jovem casal enquanto estavam em sua casa, indefesos.

Os instintos do guardião ficaram alerta ao escutar essa última frase. Não podia ser. Impossível.

—Na ficha da empresa colocou que seus pais faleceram em um acidente de carro, e que se



criou com seu tio, Ronan Stokes. —Simon se obrigou a analisar as coisas com calma— Como se chamavam seus pais? —Um suor frio escorregava pelas costas, e notava que as presas queriam voltar a se estender. A lua brilhava onipresente proporcionando a pouca luz que entrava através das janelas.

—Não se faça de tolo. Diga-me onde posso encontrar o resto das provas. Tem que tê-las escondido em alguma parte.

—Não tenho nenhuma prova — respondeu entre os dentes. Podia se aproximar dela e tirar a pistola à força, mas não queria fazê-lo. Não queria assustá-la— me diga como se chamavam seus pais.

—Sabe perfeitamente.

—Diga-me isso.

Produziu um silêncio que na realidade só durou uns segundos, mas as palavras que o quebraram foram tão transcendentais para Simon, que teve a sensação de que durou uma eternidade.

—Tom, meu pai se chamava Tom, e minha mãe...

—Nina — disse ele, embora a palavra ficasse presa em sua garganta— Maria... — quebrou a voz e esteve a ponto de cair de joelhos. Maria. Sua Maria. Titubeou e deu outro passo para ela. Como não percebera antes?

—Ninguém me chama assim. —Mara levantou de novo a pistola. Seu tio Ronan sempre a chamou de Mara, e, com o passar do tempo, ela mesma preferia do que Maria. Tinha a sensação de que Maria era a menina que perdera os seus pais, e Mara a que sobrevivera e seguira em frente— Não se mova, ou juro que dispararei.

—Maria...

—Não me chame assim! —ordenou nervosa. Que diabos estava acontecendo com Simon?— me diga onde escondeu as provas.

—Não se lembre de mim? —perguntou mais dolorido do que jamais esteve. Ele passara a vida sentindo a falta dela e ela o esquecera? —Mara lera algo sobre pessoas que perdem a prudência sob pressão, mas Simon nunca pareceu uma dessas.

—De mim. —Cada vez estava mais furioso. E machucado— De quando fomos pequenos.

—De que diabos está falando?

—De quando nos conhecemos.

—Nos conhecemos quando comecei a trabalhar para você.

—Não. —Apertou os punhos— Nos conhecemos quando nasceu e... —Custava pronunciar cada palavra. O guardião estava desesperado por abraçá-la e Simon teve que recorrer às todas às suas forças para não ceder a tal necessidade.

—Pare de mentir! Está tratando de me distrair, e asseguro que não funcionará. Passei toda a vida esperando este momento.

Esse comentário inquietou Simon, e recuperou um pouco de controle.

—Que momento?

—O momento em que pudesse vingar a morte de meus pais.



—E o que pretende fazer?

—O que seja necessário. Estou disposta a me conformar com viver por entre as grades durante o resto de seus dias, mas se não colaborar — respirou — não terei inconveniente em apertar o gatilho.

Ele queria gritar de raiva e de dor. Maria estava viva, estava a menos de dois metros de distância, e queria vê-lo morto. O destino era um bastardo do mais cruel.

—Meu pai não matou a sua família. Juro isso. Tem que acreditar em mim — pediu com sinceridade.

—Por quê? Por que diabos ia acreditar em qualquer coisa que dissesse? Tenho um arquivo cheio de documentos que demonstram como é desprezível.

—Maria, por favor... Saia daqui — suplicou.

Cada vez que ela o insultava, o guardião se retorcia mais e mais dentro de Simon. Estava a ponto de perder o controle, e quando o guardião tomasse as rédeas, se Maria estivesse ali com ele, procuraria o modo de demonstrar que lhe pertencia. E então sim: a perderia para sempre.

—Nem sonhe. Daqui iremos juntos e diretos à delegacia de polícia.

—Tem que sair daqui. —Eliminou a distância que os separava e colocou as mãos sobre os ombros— Por favor.

Mara nem sequer o viu mover, mas Simon estava grudado a ela, e a pistola continuava entre os dois.

—Vá embora, Maria. —Fechou os olhos e apertou os dedos em cima de sua pele. As mãos queimavam. Por fim a estava tocando. Por fim podia deixar de perguntar como seria Maria, como levaria o cabelo, qual seu cheiro, que tato teria— Vai. —Pouco a pouco, levantou os dedos.

Apoiou o canhão da pistola no ombro direito.

—Já disse que dispararei — lembrou, e implorou para que ele não notasse que tremia o pulso.

—Maria. —Simon parecia incapaz de dar o primeiro passo que o afastaria dela— Confie em mim.

—Eu não confio em você, Simon. Posso saber que diabos está acontecendo?

—Não confia em mim.

—Não.

—Não se lembra de mim. —Inclinou a cabeça, procurando os olhos, possivelmente ali veria o que Maria se negava a reconhecer pessoalmente.

—É impossível que me lembre de algo que não aconteceu.

—Você... —Já não podia seguir retendo o guardião e se rendeu ao inevitável. Sujeitou o rosto de Maria entre suas mãos e, sem dar a oportunidade de rechaçá-lo, beijou-a.

Quando notou a sensação dos lábios dela sob os seus, sentiu que por fim podia voltar a respirar. Levara anos se afogando. Sonhou com aquele primeiro beijo durante milhares de noites. O imaginou doce, romântico, apaixonado, incrível. Mas nunca dilacerador, cruel, selvagem. Nunca achou que ela não quisesse. Em seus sonhos, Maria queria, Maria dizia que sentia sua falta, que o esteve procurando com o mesmo desespero que ele. Percorreu o interior da boca com a língua,



ansioso por encontrar aquela porta secreta que o conduziria até seu coração. Simon a beijou, consumindo-se com a esperança de que, ao terminar, ela o olhasse nos olhos e dissesse que se lembrava de tudo. E que o amava. Mas Maria disparou. Oxalá pudesse retroceder no tempo e não beijá-la. Um primeiro beijo era irreversível, e eles perderam o seu.

Mara não podia acreditar que apertara o gatilho. O beijo de Simon foi feroz, inclusive violento, mas o que de verdade conseguira fazer seu coração parar de bater, foi sentir que ele tremia. Ela mal o tinha abraçado; assim, o fato de que Simon estivesse se contendo para não estreitá-la entre seus braços era demolidor. E soube que tinha que fazer algo para afastá-lo; algo que lembrasse a ambos, o que na verdade estava acontecendo ali. Ela e Simon não estavam se despedindo depois de um encontro romântico. Mara fora atrás dele para exigir que contasse a verdade e para que se entregasse à polícia. Assim, quando o beijo esteve a ponto de fazê-la esquecer, sentiu que ainda tinha a pistola na mão e disparou, mas antes a moveu com intenção de afastá-la o máximo possível do coração. A bala entrou e saiu, e o impacto jogou Simon para trás. Atônito, levou uma mão à ferida, que sangrava profusamente. Os dedos em seguida ficaram coberto de sangue e os aproximou dos olhos como se não pudesse acreditar.

—Atirou.

—Disse que o faria — respondeu ela para justificar-se. Se Simon podia falar, sinal de que a ferida não era muito grave. O local estava às escuras, e a luz da lua só permitia ver os olhos. Uns olhos que pareciam desolados... E confusos. Perdidos.

—Atirou — repetiu e ao escutar a si mesmo dizer essas palavras, algo sagrado se quebrou em sua alma. A mulher que amava (nunca se enganou nisso e não ia começar a fazer então) não se lembrava dele e não lhe importava o mínimo fazer mal. Acaso Simon já não sofrera bastante? Uma coisa foi perdê-la quando eram pequenos, isso foi muito cruel, mas pode superá-lo. Mais ou menos. Mas que Maria fosse capaz de atirar enquanto ele a estava beijando pela primeira vez, era uma tortura. Possivelmente seu pai tinha razão ao dizer que ela não era nem foi nunca sua alma gêmea. Os deuses não podiam ser tão injustos com ele e emparelhá-lo com uma mulher que, a julgar pelo que acabava de acontecer, nunca o amaria. De verdade estivera tão errado? Se Maria não era sua alma gêmea, por que se sentira tão perdido sem ela? Por que não se lembrava dele, que foi incapaz de passar um dia sem pensar nela? A ferida começou a fechar e a pontada de dor o devolveu à realidade. Tinha que conseguir que se lembrasse do passado— Maria...

—Mara.

—Está bem, Mara. —Se esqueceu, bem podia chamá-la Mara — juro que meu pai não matou o seu. Tom era um de seus melhores amigos, lembro-me de...

—Cale-se.

Simon fez precisamente isso e ficou olhando-a. Podia tirar a arma em questão de segundos, segurá-la pelos braços e obrigá-la que o escutasse. Ou voltar a beijá-la e não parar até que um dos dois se rendesse. Ou ir antes que desse outro tiro. Ou tratar de voltar a raciocinar com ela.

—Me escute, Mara. —Escolheu a última opção— Seu pai e meu pai não só eram amigos. Também trabalhavam juntos. —Interpretou o silêncio dela como um bom sinal— antes que matassem Tom, estavam metidos em algo muito importante.



—Está inventando tudo isso.

Simon fechou os olhos em busca de algo que pudesse dar credibilidade ao seu relato.

—Tem uma cicatriz que começa no esterno e traça uma linha até a metade de suas costas.

Na noite em que os soldados do exército das sombras mataram Gebler, um deles feriu brutalmente Maria, que naquela época era só um bebê. Dominic, o guardião que a curou, trabalhou depressa para salvar a vida, assim não se preocupou muito com a questão estética. Simon observava fascinado aquela cicatriz, milhares de vezes, ao longo dos dias em que Maria estivera internada.

Tremeu o pulso.

—Viu em algum relatório médico.

—Você adora o musical Annie.

—Odeio.

Esse joguinho estava enchendo a paciência do guardião, que continuava sem compreender por que diabos ainda não tinha Maria entre seus braços.

—Lembre-se.

Os dois se mantiveram firmes. Nenhum estava disposto a ceder, o que estava em jogo era muito importante.

—Me diga uma coisa, Simon. Se é verdade seu pai e o meu eram tão amigos, por que meu tio não sabia? Por que não vieram me visitar nas férias? Por quê? Eu direi por que, porque é mentira. Seu pai matou os meus. E você e eu não nos conhecemos até que entrei para trabalhar para você. A única coisa que estou disposta a admitir, é que quando me contratou não sabia quem era eu.

Se soubesse — pensou Simon—, agora as coisas seriam muito diferentes.

—E agora, senhor Whelan, mova-se.

—Não sei por que seu tio não contou que meu pai e o seu eram amigos. Pra ser sincero, nem sequer sabia que Tom tivesse um irmão.

—É o irmão de minha mãe.

—Dá no mesmo, isso também não sabia. Mas o que sim sei, maldição se sei, é por que não fomos vê-la durante estes anos.

—Por quê?

—Porque estava morta.

—Chega Simon. Não parece que está levando toda esta farsa muito longe? Dê-me os papéis que peço de uma vez. Estão nos esperando na delegacia de polícia.

Ele não tinha intenção de entregar à polícia e confessar o montão de tolices que lhe atribuía Mara, mas se queria convencê-la de sua inocência precisaria provar a amizade entre Royce e Tom.

—Ao menos deixe-me que me cure a ferida — pediu para ganhar tempo.

—Cinco minutos — concordou.

Simon caminhou até o banheiro e abriu a torneira para limpar a ferida. Não fechou a porta para continuar controlando Mara, embora tivesse certeza que ela faria o mesmo. Tinha o cérebro saturado de informação, e o coração destroçado, mas tratou de fazer uma lista mental das coisas



que acreditava saber: Maria não estava morta, mas era evidente que não se lembrava dele. Tinha um tio, um suposto irmão da Nina, que lhe fizera uma lavagem cerebral e a convenceu de que a família Whelan eram todos uns assassinos e delinquentes. Maria não estava morta e disparara. Maria não estava morta e não sentia nada por ele. Maria não tinha nem ideia de que ele lhe salvara a vida e também não sabia nada a respeito dos guardiões. Onde diabos estivera todos esses anos? Quem era o homem que a criara? Era o mesmo que a sequestrou de pequena? Muitas dúvidas, muitas perguntas, e uma só certeza: Maria estava viva.

Possivelmente deveria conformar-se com isso.

Ouviu um clique e deu meia volta em busca de Mara.

—Para o chão! —saltou em cima dela um segundo e meio antes que comessem os disparos.

Capítulo 10

Depois de transar com Naomi, que pareceu ser uma grata surpresa na cama, Jeremiah foi ao seu escritório em busca do celular. Ligou para Demétrius, um dos soldados mais sanguinários e mais obedientes do exército, e explicou, passo a passo, o que queria que fizesse essa noite.

Na curta, mas frutífera conversa que manteve com sua prometida durante o trajeto de volta à sua mansão, Naomi teve o detalhe de contar que Simon, quando queria pensar ou ficar sozinho, se escondia em um local quase vazio que a família Whelan possuía na parte velha do cais de New York

—Ele sempre acreditou que eu não sabia. O idiota — explicou Naomi, muito orgulhosa de si mesma— Mas depois de que desapareceu por três noites consecutivas, pensei que tivesse uma amante e contratei um detetive para que o seguisse. Se Simon fosse infiel, teria que me pagar uma autêntica fortuna, segundo nosso contrato pré matrimonial. Quando o detetive me entregou as fotografias, pensei que era o ser mais patético que jamais vira. Simon não tinha nenhuma aventura, simplesmente ia a esse lugar imundo para não ficar comigo.

Assim que soltou tal pérola, passou toda a vontade de sexo de Jeremiah, que se convertera em ânsias de planejar seu próximo movimento. Mas como sabia perfeitamente que Naomi não ia tolerar nada bem ser ignorada, optou por se deitar com ela do modo mais eficiente e rápido possível, e logo se centrou no que de verdade era importante: capturar Simon Whelan.

Disse a Demétrius que levasse uns quantos homens e a alguns cães. E também disse que se não conseguiram apanhar vivo Whelan, não precisavam que se incomodassem em retornar.

Demétrius tinha muitos músculos hiper desenvolvidos, mas o cérebro não era um deles. Ele e o resto dos capangas, três soldados do exército das sombras, estavam escondidos atrás dos pilares do cais. Tinham tudo preparado, a única coisa que faltava era que o maldito guardião saísse



dali, e como ele não parecia ter intenção de fazer isso, ocorreu que o melhor modo de tirá-lo seria disparando contra o local. Brilhante.

—Poderia dizer a seus amigos que esperassem a que você saísse — disse Simon entre dentes, enquanto continuava cobrindo Mara com seu corpo.

—Não são meus amigos. E saia de cima de mim. —Tratou de empurrá-lo, mas foi inútil. Seria como tentar mover um muro de aço.

—Temos que sair daqui. — Simon levantou um pouco a cabeça e analisou a situação. Todos os disparos provinham da parte dianteira; certamente, os atiradores estavam entre os pilares do cais. E a julgar pelo número de rajadas que foram disparadas, Simon chegou à conclusão de que no mínimo eram quatro. Embora estivesse ansioso por brigar com alguém, ainda doía a ferida do ombro direito, e não queria pôr em perigo Mara, apesar de que ela bem podia ser cúmplice, ou inclusive chefe, de quem o estava atacando.

Cessaram os disparos e ouviu o inconfundível som de botas militares pisando em atoleiros. Entraram. Simon ficou em pé de um salto e levantou Mara com ele. Colocou-a atrás de suas costas e estendeu as garras.

—Meu Deus! —exclamou ela— O que...?

Não pôde terminar a pergunta, na realidade, nem sequer pôde completá-la em sua mente. A porta saltou pelos ares e quatro homens, três com o mesmo uniforme, entraram no local. Eram soldados do exército das sombras, e Mara se perguntou se seu tio os teria mandado ali. Impossível; não disse que estaria com Simon, e nem ela, nem seu tio sabiam da existência daquele local no cais até então.

Os três soldados se equilibraram como um único homem sobre Simon, mas este os tirou de cima. Voltaram a atacá-lo, e enquanto um brigava a murros com ele, os outros dois trataram de lançar em cima uma espécie de rede magnetizada. A ferida que tinha no ombro entorpecia seus movimentos, mas aquelas horríveis garras de aço que apareceram em suas mãos estavam parecendo ser letais. Enfiou no estômago do soldado com o que estava brigando e logo se dedicou aos outros dois. As pessoas conseguiram feri-lo em um lado com uma adaga, e a outra em uma coxa, mas ao final ambos terminaram inconscientes no chão. O quarto ainda não se movera, e continuava de pé junto à porta, observando a cena.

Conhecia aquela garota, pensou Demétrius, vira na casa de lorde Ezequiel. O que estava fazendo ali? Ele levava anos às ordens de Claybourne, mas em alguma ocasião realizou algum trabalho para o senhor das sombras e sabia que não gostava que ninguém se misturasse em seus assuntos. Se a garota estava ali por causa de lorde Ezequiel, tinha certeza que não gostaria que ficasse ferida. Além disso, Whelan a estava protegendo com unhas e dentes, assim provavelmente significasse algo para ele. Se conseguisse capturá-los, os dois, provavelmente seria generosamente recompensado, tanto por Claybourne como por lorde Ezequiel. Jogou do látego³ que estava

³ Tipo de chicote.



pendurando atrás das costas, sua arma preferida, e caminhou para Whelan. O guardião estava ferido e tinha a respiração entrecortada, mas Demétrius conhecia os de sua classe e sabia que não se deixaria apanhar sem lutar.

Simon jogou os ombros para trás e girou o pescoço a ambos os lados, preparando-se para seu próximo competidor. Esse não ia ser tão fácil como os outros três, assim teria que recorrer a todas as forças que sobravam. O soldado aproximou-se com passos firmes, arrastando um látigo pelo chão, um látigo que deveria estar envenenado. O exército das sombras não era famoso precisamente por jogar limpo. Não deixou de notar o olhar que seu inimigo lançou à Mara. Conhecia-a, e isso demonstrava que ela estava claramente em seu bando. Sua Maria nunca teria se aliado com o exército das sombras, pensou Simon, e o guardião agonizava em seu interior. Maria morrera, possivelmente seu corpo não, possivelmente Mara fosse ela, mas em seu interior já não habitava a mesma pessoa. Gritou furioso e estendeu as presas ao máximo, entregando-se por completo à raiva e a dor que sentia. Alguém tinha que pagar por isso, e o primeiro candidato estava se aproximando com vontade de briga. Fantástico, assim poderia desafogar.

Mara nunca viu nada igual. De onde estava, presenciou quando Simon passava de ser um atraente homem de negócios, à uma criatura selvagem com garras de aço e afiadas presas. Tinha as costas mais largas, e as feições do rosto um pouco alteradas, mais angulosas. E se movia como se fosse um animal. Uma pantera pensou. E também lutava como um felino. Se não fosse por estar vendo, não o teria acreditado. A primeira vez que seu tio falou do exército das sombras, achou o nome estranho, mas Ronan disse que era só isso, um nome. Ao longo dos anos, encontrara-se muito pouco com outros membros do dito exército, e estes, igual ao seu tio, eram pessoas normais, assim logo deixou de se importar com a curiosa denominação. Mas agora que via Simon enfrentando, como se fosse o mais normal do mundo, a um soldado que brandia um látigo, essas velhas dúvidas voltaram a assaltá-la de novo. E a pior de todas era: que tipo de relação tinha seu tio com aquelas pessoas?

Um grande estrondo a tirou de sua concentração e viu que Simon jogou o soldado contra um muro de carga e o homem caiu inconsciente ao chão.

—Vamos. —Simon apareceu ao seu lado e a agarrou pela mão.

Ela tratou em vão de se soltar, e levantou a outra mão, em que ainda tinha a pistola. Ele a tirou sem piscar.

—Agora vai escutar Mara. —Pronunciou seu nome como se o ofendesse e ela baixou o olhar para a mão com que prendia o pulso. As garras de aço desapareceram, mas tinha os nódulos salpicados de sangue — você vem comigo, e juntos... —Mara foi abrir a boca, mas ele o impediu— Não acabei. Juntos resolveremos tudo isso, assim mais vale que seus amiguinhos não nos sigam, porque não penso perdê-la de vista.

Puxou-a e, com a mão que tinha livre, abriu um dos armários que havia na pequena cozinha. Dele tirou uma sacola na qual guardou a pistola e a caixa com os vidros que Ewan lhe mandara. Depois, encaminhou-se até um pequeno dormitório que havia na parte detrás e pegou um pouco de roupa, e uma pequena de nécessaire de banho. Não sabia se aquele grupo de soldados era o único que mandaram atrás dele, mas não ia ficar para averiguá-lo. Mara não havia voltado a tratar



de se soltar, embora pudesse sentir a tensão e o ressentimento que emanava de seu corpo.

Simon colocou a sacola no ombro ferido e se dirigiu para a garagem que havia na parte detrás. Fazia anos que não passava pelo local de Kieran, mas se não falhava a memória, seu pai explicou que por baixo de uma falsa coluna guardava um kit para emergências. Procurou a coluna e com um murro quebrou o gesso, fingindo que não ouvia o grito de Mara. Sim, graças aos deuses, dentro havia um pequeno pacote envolto em plástico protetor. Conhecendo seu pai, certo que continha dinheiro, cartões, passaportes, remédios e possivelmente inclusive alguma arma.

Colocou o pacote na sacola e levou Mara até o carro. Sentou-a no assento do acompanhante e colocou o cinto de segurança. Cada vez que passava uma mão por cima do corpo tinha vontade de tocá-la, mas bastava olhá-la nos olhos para não fazê-lo. Implorava. Em seus olhos vira também que não podia confiar nela, assim esquadrinhou a mesa de ferramentas que tinha junto ao carro em busca das algemas.

—Não se atreva — disse Mara entre dentes.

Simon não parou nem meio segundo e a algemou ao carro.

—Disse que não confia em mim. Pois bem — olhou nos olhos antes de terminar a frase— eu também não confio em você.

Fechou a porta com um golpe seco e se dirigiu ao assento do motorista. Junto ao kit de emergência encontrou uma cópia das chaves, embora também pudesse ter feito ligação direta e ligado o carro.

—Isto é um sequestro — a assinalou furiosa quando Simon girou a chave— Claro que, com a lista de delitos que já cometeu, um mais não importa.

Ele abriu a porta da garagem e dirigiu-se para fora dos cais, ignorando por completo Mara e seus comentários sarcásticos. Tinha que pensar.

—Quando a polícia descobrir que...

—Cale-se. —Girou a cabeça e a contemplou com os olhos negros— Por favor.

Ela sustentou o olhar e aproveitou para fazer recontagem das múltiplas feridas que tinha Simon. Finalmente, decidiu não fazer caso e não voltou a abrir a boca. Não serviria de nada seguir provocando-o, e podia aproveitar para tentar encontrar algo que fizesse sentido ao que acabava de acontecer.

Simon tinha que reconhecer que Mara não errara em uma coisa: os Whelan falharam. Deveriam ter seguido procurando-a; e mais, tendo em conta seu pressentimento de que continuava viva. Como diabos teria sobrevivido ao ataque daquele soldado do exército das sombras? Onde estivera todos esses anos? Por que não se lembrava de nada? Devia haver algum modo de que recuperasse essas lembranças, vivências que compartilharam e que para ele significavam a diferença entre estar vivo ou morto. Um carro passou por seu lado e tocou a buzina, e Simon se concentrou em dirigir sem deixar de olhar atrás se por acaso alguém os seguia. Essa mesma tarde, e antes de ir ao local de Kieran, decidiu ir passar uns dias no Canadá, à mansão que sua família tinha nesse país. Era um velho casarão que herdara de sua mãe, e quase ninguém conhecia sua existência. Ali estariam a salvo. Seu pai sempre dizia que aquela casa era uma fortaleza, e Simon tinha o pressentimento de que se Royce quisesse esconder algo, esconderia



nela. Certo que ali encontrava os documentos do projeto no qual este estivera trabalhando junto com o pai de Maria. E possivelmente, se tivesse sorte, daria com algo para que ela recuperasse a memória. Sim, Canadá era a melhor escolha, mas antes tinha que fazer uma ligação.

Fazia muito tempo que não falava com seu velho amigo Sebastian Kepler, e nunca teria imaginado que o dia em que voltaria a fazê-lo, seria para pedir que se desfizesse de uns cadáveres.

Sebastian e Simon se conheceram quando ambos tinham dezesseis anos e muita testosterona. Colidiram em um local, se é que podia chamar assim aquele antro no qual ambos entraram sem ter ainda a idade mínima para fazê-lo, e logo estavam na delegacia de polícia a que foram parar por tentar evitar uma briga. Ainda lembrava o sermão que deu seu pai quando foi tira-lo dali, e que este, a pedido de Simon, tirou também Sebastian.

Ficaram amigos em seguida, e confiavam tanto um no outro que Molly, a mãe de Simon, brincava dizendo que possivelmente tivera gêmeos e os separaram quando pequenos. A amizade entre Simon e Sebastian ficou a prova, quando o segundo se alistou no exército. Logo o selecionaram para que formasse parte de um corpo de elite, e com cada missão seu caráter foi ficando mais e mais taciturno. Em uma ocasião, certamente a pior de todas, estivera fora quase um ano e, quando retornou, Simon deduziu que vira os olhos da morte. O único bom daquela época, lembrou, foi que Bastian teve que ficar em New York durante um tempo para sua recuperação, e sua amizade voltou a ser como antes. Simon chegou inclusive expor possibilidade de contar a verdade a respeito dos guardiões, mas seu amigo ainda não era o mesmo e decidiu esperar.

Bastian voltou a ir e, quando voltou, ele já estava comprometido com Naomi e tiveram uma grande briga. Simon ainda não entendia muito bem como seu amigo fora capaz de prever com tanta clareza o futuro e ele não, mas uma noite, depois de que fora apresentado a Naomi e dissesse que ia se casar com ela no final de poucas semanas, Sebastian disse que era uma estupidez, que estava cometendo um grave engano e que tinha certeza que terminaria pagando muito caro. Simon, que nessa época não via assim, ficou na defensiva e os dois começaram a discutir e a se insultarem, e a dizer umas barbaridades tremendas. Disse a Bastian que só se alistou no exército para satisfazer seu complexo de super herói e que não se importava uma merda em ajudar alguém. Depois dessa frase, Sebastian deu um murro que o jogou no chão e ambos se meteram em uma briga que teria terminado muito mal se Royce não tivesse chegado. Quando o pai de Simon os separou, Sebastian olhou para seu amigo e disse:

—Tenho que ir e não sei quando voltarei, mas quero que saiba que é meu melhor amigo e que seguirá sendo. Você e sua família é a única boa lembrança que tenho.

E antes de sair da casa dos Whelan, também se dirigiu a Royce:

—Obrigado por tudo.

Dias depois, quando o aborrecimento de Simon passou, lembrou dessas frases e fez algo que esteve tentado a fazer várias vezes, mas que nunca fizera por respeito a seu amigo: investigar seu passado. O que averiguou o deixou estupefato: Sebastian se criou basicamente em lares de



adoção. Sua mãe, uma alcoólica, estava na prisão por ter matado o caixa de um supermercado, e seu pai, que o maltratou sempre, havia falecido em uma briga.

Por desgraça, nos lares de adoção também não teve sorte; em dois deles também o maltrataram, e no último basicamente o ignoraram. Ao fazer dezesseis anos, uns meses antes de conhecê-los, Sebastian abandonou o lar de adoção, alugou um quarto com as economias que conseguiu reunir a base de duros esforços e procurou um trabalho. Por isso se alistou no exército, pensou Simon, para tratar de ter um futuro melhor.

Simon amaldiçoou mil vezes por não ter dado conta de que seu melhor amigo estava passando tão mal, e o amaldiçoou mil vezes mais por não ter dito. Sebastian precisava saber que eles o teriam ajudado. Ele e seu maldito orgulho, tinha certeza que não contara por causa disso.

Tratou de encontrá-lo para se desculpar, mas apesar dos contatos dos Whelan não conseguiu encontrar ninguém do exército, que soubesse dizer onde estava. E teria seguido sem saber nada dele a não ser porque, um ano atrás, seu serviço de segurança informou que Sebastian Kepler voltara à New York. Simon sabia que Bastian não o chamaria, e ele também não o fez. Mas agora precisava de ajuda, e seus instintos de guardião diziam que podia confiar em seu amigo.

Segurou o volante com a mão esquerda enquanto com a direita agarrava o celular e discava o número que os seguranças forneceram.

—Kepler — respondeu Sebastian no primeiro segundo.

—Bastian, sou eu, Simon.

Uns segundos de silêncio.

—Simon? De onde demônios achou esse número?

—Eu também me alegro de falar com você, Bastian — disse ele, surpreso de que sua primeira pergunta tivesse sido aquela— Preciso de sua ajuda.

—O que aconteceu?

Simon suspirou aliviado; parecia que Sebastian continuava considerando-se seu amigo.

—Agora não tenho tempo de explicar isso tudo. Lembra-se do local de Kieran?

—Claro, fomos ali algumas vezes com seu pai. Está no cais, não?

—Sim. Está em New York?

—Sim — respondeu direto.

—Preciso que vá ao local de Kieran e assegure-se de que ali não fique nada que possa chamar atenção.

—O que fez Simon?

—Houve uma briga. Eram quatro, um o deixei inconsciente, e os outros três...

—Merda, Simon! Chame à polícia.

—Não posso fazer isso.

Simon chegou à conclusão de que alguém da polícia trabalhava para o exército das sombras; pois o relatório do assassinato dos Gebler não chegara às mãos da Mara. Durante um instante, quis chamar o detetive Cardoso, que parecia ser de confiança, mas ao final descartou a ideia.

—Está bem. Irei ao local de Kieran, mas mais vai me contar que diabos está acontecendo.

—Farei.



—Logo.

Voltou a fazer um silêncio, mas desta vez não foi tão incômodo quanto o primeiro.

—Fico feliz em saber que está bem — disse Simon após pigarrear.

—E eu o mesmo— respondeu o outro um pouco envergonhado, e desligou.

Capítulo 11

Sebastian levou uma mão ao pescoço e tocou a marca que identificava como soldado do exército das sombras. De todos os enganos que cometera ao longo de sua vida, aquele era provavelmente o pior de todos. Embora em sua defesa tivesse que dizer que se não aceitasse o oferecimento do senhor das sombras, teria morrido. E o mais triste era que, na data de hoje, ainda não sabia qual das duas coisas era pior: a morte ou saber que parte de sua alma pertencia ao inferno.

Tudo aconteceu há quatro anos. Ele e sua equipe foram destinados ao Iraque. Sebastian formava parte de um corpo de elite que não recebia nenhum nome caipira, desses que saem nos filmes. Esse grupo era inclassificável, inexistente para o mundo, e letal. Sua missão consistia em fazer desaparecer um grupo de empresários que estavam financiando várias células militares, e, desde o começo, Sebastian teve o pressentimento de que era uma armadilha. E foi, a pior de todas. Quando entraram na casa em que supostamente estavam escondidos seus objetivos, uns homens armados até os dentes se equilibraram sobre eles, que não estavam preparados para enfrentar aquelas criaturas de dentes afiados. Quando os dominaram, os amarraram à cadeiras e um deles, que obviamente parecia ser de hierarquia superior, ofereceu um trato: se Sebastian e seus homens aceitassem se converter em soldados do chamado “exército das sombras”, não só os deixariam viver, mas também outorgariam uma força e poder inimagináveis. Se não, morreriam, mas antes os serviriam de comida a seus cães: uns enormes dogos⁴ negros de olhos injetados em sangue.

O primeiro que teve que escolher foi Sam Bradley, que disse não, e foi a última palavra que saiu de sua boca, um dos cães arrancou a jugular de uma dentada. O segundo, Martin Fisher, aceitou o trato, e o cara de uniforme sorriu encantado. Logo, ficou em pé e disparou em Martin no estômago. Depois, mordeu o pulso e, quando este começou a sangrar, aproximou dos lábios de Martin e o obrigou a beber.

À essa Sebastian estava convencido de que foram sequestrados por loucos fanáticos e que todos acabariam mortos, mas alguns minutos mais tarde, Martin começou a ter convulsões e





quando estas terminaram abriu os olhos... Sebastian ainda não sabia como. Mas era como se Martin deixasse de ser ele e se convertera em uma casca de ovo.

Então era sua vez e, embora gostaria de poder dizer que escolheria morrer, não foi assim. Não sobreviveu aos abusos de seu pai para terminar morto no meio do deserto. Nem pensar. Não disparou, outro dos soldados do exército das sombras afundou uma adaga na femoral e logo ofereceu também seu sangue. Sebastian bebeu e perdeu o conhecimento. Quando despertou, a diferença de Martin continuava, se lembrando quem era e o que fez. E imediatamente começou a arrepender-se.

Os primeiros meses foram horríveis, a sede de sangue o fez enlouquecer em mais de uma ocasião, e, numa noite, depois de presenciar várias atrocidades e de participar de uma delas, decidiu tirar sua vida. Fechou os olhos e lembrou a paz que sentiu ao tomar por fim a decisão de pôr um ponto final à sua existência. Esperou a que todos dormissem e subiu ao telhado com uma pistola. Sentou e esperou. Respirou fundo e aproximou o cano à têtora. E então apareceu Elliot Montgomery.

—Não faça isso — disse, ao mesmo tempo que lhe segurava o pulso.

Ele nem sequer o ouviu aproximar-se.

—Você não sabe o que sou. O que fiz. O que tenho que fazer — se limitou a dizer Sebastian.

—Sim, sei. —Elliot agarrou a pistola e com a outra mão afastou do pescoço da camisa— Também me converteram. Meu nome é Elliot — se apresentou— Venha comigo. Não vai ser fácil, mas podemos fugir daqui e superar isso. Há mais como nós.

—Verdade? —Sebastian, que até então se sentiu completamente sozinho, pensou que possivelmente não era assim.

—Temos que ir o quanto antes. Eles não gostarã de perder um soldado como você, mas se de verdade está disposto a lutar contra o que sente, acredito que nós podemos te ajudar.

—Como...?

—Como soube o que estava a ponto de fazer? —Elliot terminou a pergunta por ele— Faz dias que estamos lhe vigiando. Por desgraça, o único de sua equipe que sobreviveu com a mente intacta é você.

Ouviram um ruído proveniente do andar inferior.

—Vamos — apressou Elliot— não temos muito tempo.

Sebastian voltou a tomar uma decisão vital, e desta vez foi a adequada, porque a partir desse dia se dedicou a lutar contra os perversos instintos que corriam por suas veias e os aproveitou para fazer o bem. Já estava à um tempo em New York e graças a Elliot e ao resto dos soldados rebeldes, podia sentir-se orgulhoso de si mesmo, mas apesar de tudo não se achou capaz de ir ver Simon. Seu amigo o acusou de querer ser um herói, e ele terminou por converter-se em um vilão. E o pior de tudo era que, embora Simon não tivesse lhe contado, agora Sebastian sabia que ele era um guardião.

Deus, sua vida parecia tirada de um gibi e já não se importava nada. Elliot Montgomery contou sobre o que era o exército das sombras e qual era sua finalidade, e também falou da existência dos guardiões. A história por si só era fascinante, e quando Elliot disse que os Whelan



eram um dos clãs mais poderosos, Sebastian soube que jamais poderia voltar a ver Simon.

Montgomery também explicou que na Europa havia mais homens como eles: soldados do exército que fugiram de suas filas e que queriam recuperar sua humanidade. Agora estavam tratando de organizar-se e, quando conseguissem, sairiam à luz.

Sebastian já não se iludia, mas pensou que por uma vez ficaria bem se as coisas chegassem a isso. Esfregou de novo a marca e pensou na ligação de Simon. Seu amigo não sabia nada de tudo aquilo, e ligou para pedir ajuda. Pois bem, ia lhe dar e quando tudo terminasse contaria a verdade.

—Para quem ligou? —perguntou Mara sem deixar de olhar a paisagem— À um de seus sevos?

—Eu não tenho servos— respondeu Simon— Isso deixo para você e seu tio.

—Já disse que esses homens não estavam comigo.

—Claro, e por isso não tocaram em nenhum fio de seu cabelo. —Apertou o volante— Olhe, será melhor que se cale.

—Ou o que? Matará com essas horríveis garras de aço, ou com essas presas? É um monstro. O guardião se retorceu de dor.

—Monstro, acha que sou um monstro. E os soldados do exército da sombra o que são? Meninos cantores de Viena? —Esperou uns segundos— Vejo que não se surpreende ao ouvir o nome deles. Por todos os deuses, desde quando está com eles?

—Eu não estou com ninguém. Meu tio e eu...

—Isso, me fale de seu tio.

Ela voltou a ficar em silêncio e Simon seguiu dirigindo. Algumas horas mais tarde, notou que as feridas não deixavam de sangrar e que começava a enjoar, assim quando avistou um motel se dirigiu para ele.

—Ficaremos aqui para passar a noite —disse a Mara— Coopere ou a deixarei presa no carro.

Não seria capaz de fazer isso, mas ela não sabia e Simon se aproveitou d essa vantagem. Procurou um casaco que viu na parte detrás e o pôs para ocultar o sangue. Desceu do carro, pôs a bolsa no ombro que não estava ferido e coxeou até a porta do acompanhante. Abriu e cortou a corda com uma navalha. Quando Mara esteve de pé diante dele, olhou-a nos olhos:

—Tem celular?

—Não. — mentiu ela.

—Por que será que não acredito? —Simon a revistou e se demorou em percorrer a cintura ou as pernas, não percebeu— Aqui está.

Tirou o telefone do bolso traseiro dos jeans e o colocou dentro da bolsa. Pensou em quebrá-lo, mas possivelmente poderia ser útil. Puxou Mara para a entrada.

—Vamos.

O cara da recepção, que devia ter visto gente com muito pior aspecto do que Simon e Mara, nem sequer se alterou, e entregou a chave de um quarto sem fazer nenhuma pergunta fora das habituais. O quarto que deu, no andar de baixo, a pedido de Simon perto do estacionamento, era horrível. A colcha das camas, duas individuais, era um altar de manchas e o carpete parecia



radioativo. Apesar de tudo, Mara estava tão cansada que pensou que provavelmente seria capaz de dormir no chão.

Simon se dirigiu ao banheiro e ao entrar deixou a bolsa no chão. Continuava retendo Mara pelo pulso e parou o lado do aquecedor.

—Sente-se — disse, e amarrou o pulso com outra tira de plástico que logo passou pelo aquecedor.

—Se arrependerá — balbuciou Mara.

Já me arrependi.

—Tenho que curar minhas feridas — disse Simon ao ficar em pé— E tomar banho.

Ao compreender que ela estaria no banheiro enquanto ele fazia ambas as coisas, Mara sentiu um sufoco e algo mais que não se atreveu a qualificar.

—Se pudesse confiar em você, a deixaria sozinha no quarto — prosseguiu ele tirando o casaco— Mas ambos sabemos que não é assim. —Fez uma careta de dor— Assim — estendeu os braços— aconselho que feche os olhos.

Feche, por favor, se me olhar perderei o pouco controle que tenho.

—Como se fosse olhar — respondeu ofendida— O único modo que quero lhe ver é entre grades — acrescentou antes de voltar e se fixar os olhos em alguns ladrilhos que estavam muito diferentes de limpos.

Simon suspirou aliviado e tirou o pulôver e a camisa. Os dois objetos estavam empapados de sangue, e os guardou em uma sacola de plástico para jogar fora mais tarde. Tirou o estojo de primeiro socorros da sacola e o abriu; continha o indispensável para curar as feridas mais básicas, mas teria que se arrumar com isso. Os guardiões eram imortais até que encontravam a sua alma gêmea, e Simon não sabia se passara para o lado dos humanos. Uma parte dele estava convencido de que Maria, Mara, era sua alma gêmea, mas outra começava a ter suas dúvidas. O guardião precisava estar perto dela para poder assegurar-se, e estava claro que tal aproximação não ia acontecer. *Por agora.*

Preparou as tesouras, as ataduras, o álcool, e uns envelopes que continham um preparado químico que ajudava no processo de cicatrização. No estojo de primeiro socorros havia também analgésicos, antipiréticos e... Um pequeno vidro com sangue. Tinha certeza que era de sua mãe, pensou Simon. Quando um guardião se tornava mortal e passava a ser vulnerável, a única coisa que poderia impedir de morrer, em caso de resultar gravemente ferido era beber sangue de sua alma gêmea. Tinha certeza que Molly se empenhara para que seu pai levasse um pouco dela.

Simon pegou o vidro e o olhou com inveja. Seus pais se amaram muito, e o que mais queria ele no mundo, era uma relação como aquela, mas a julgar por como Maria o olhava, ou melhor, dizendo, o evitava olhar, não acreditava que chegasse a tê-la jamais. Guardou de novo o pequeno vidro e desabotoou as calças; a ferida da coxa o estava matando. Oxalá servisse o sangue de qualquer um, pensou ao sentir uma pontada de dor, mas não era assim. Se não podia beber de sua alma gêmea, fosse quem fosse, teria que se conformar com os remédios tradicionais. No livro negro dos guardiões leu a história de um guardião que sobreviveu bebendo de seu próprio sangue, mas terminou por ficar louco. Ficou de cueca, e embora Maria continuava dando-lhe as costas,



não se atreveu a despir de tudo. Entrou na ducha e tirou o último objeto. Abriu a torneira da água quente e apoiou a testa contra a parede.

Maria não se atreveu a dar a volta até que ouviu a água correr. Tratou de manter-se indiferente. Repetiu uma e outra vez que aquele homem, aquele monstro, era filho de quem assassinara seus pais. Por todos os Santos, acabava de vê-lo matar a três tipos com suas próprias mãos e nem sequer se alterou. E todas essas mentiras a respeito quando eram pequenos, que se conheciam fora um truque muito cruel. Oxalá fosse verdade o que insinuou. Oxalá ela, quando pequena, tivesse tido alguém com quem brincar, alguém a quem amar. Mas não. Mara se criou sozinha em um luxuoso internato, e ele inventou tudo aquilo para atormentá-la, para fazê-la duvidar de seu tio, que no final era o único que cuidou dela.

Fechou os olhos e apertou as pálpebras com força, e a única coisa que conseguiu foi ver o olhar de Simon quando disparou. Parecia triste, perdido, em vez de distante e decidido, como esteve durante todo trajeto até aquele horrível motel. Não, não se deixaria enrolar, repetiu, mas abriu os olhos e todos esses propósitos se desvaneceram igual ao vapor que escapava por acima da cortina da ducha. Deus, a silhueta de Simon a deixou sem fôlego.

Estava de perfil, com os braços levantados e as palmas apoiadas contra a parede da frente. Mantinha a cabeça agachada para que a água escorregasse pela nuca e percorresse as costas. Permanecia completamente imóvel, e a não ser pelo calor que parecia emanar de sua pele, teria acreditado que era uma estátua. Hipnotizada, Mara percorreu o corpo com os olhos. Começou pela frente, uma frente limpa que sempre admirou, e logo desceu pelo nariz e os lábios. Através da cortina não podia distinguir se os olhos estavam abertos ou fechados, mas sua imaginação decidiu que deviam estar fechados. Mara passou a língua pelos lábios e quando percebeu o que fez se ruborizou, mas não deixou de olhar Simon. Seguiu com o percurso, que agora a levou até o pescoço e os ombros, que tinha tensos pela postura. Seu torso parecia ocupar toda a minúscula ducha...

— Pare de olhar — disse Simon entre dentes. Estava tão excitado que se ela o olhasse um segundo mais não poderia se conter. Não se conter.

— Eu...

— Deixe de me olhar.

— Não posso — respondeu Mara, e tão logo disse soube que era verdade. Por nada do mundo poderia deixar de olhar Simon. Não sabia por que, e depois do acontecido essa noite não estava certa de que queria saber.

Ele abriu a cortina da ducha e a enfrentou magnificamente nu. A primeira coisa em que se fixou foi em que tinha o peito coberto de um pelo negro e suave, e apertou os punhos de tanta vontade como tinha de tocá-lo. E a segunda é que tinha várias feridas que não deixavam de sangrar.

— Feche os olhos e pare de me olhar — ordenou, embora, soasse como súplica, e deu outro passo para ela.



Apenas os separavam uns centímetros e Mara levantou a mão que não tinha algemada para tocar a coxa.

Ele fechou os olhos e apertou os dentes. Era a primeira vez que ela o tocava, e que fizesse pele contra pele o queimou por dentro. O guardião rugiu e Simon sentiu que sacudia as vísceras. Agora já não podia seguir negando.

Com um dedo, Mara percorreu a coxa ferida, muito, muito devagar. E parou em cima da ferida.

—Dói? —perguntou.

—Sim — respondeu ele, embora não se referia à punhalada— Toque-me. —Engoliu saliva— Por favor.

Ela parou a mão e levantou a cabeça, que até esse momento manteve inclinada. E o que viu fez com que o coração desse um salto. Simon tinha os olhos fechados e mantinha os punhos fortemente apertados ao lado. Todo ele tremia do esforço que estava fazendo para não se mover. E era mais que evidente quão excitado estava. Mara nunca vira um homem nesse estado. E nunca se imaginou capaz de despertar tal desejo em nenhum. Deveria sentir-se horrorizada, pensou, estava amarrada a um aquecedor, no banheiro de um motel perdido em meio de uma estrada. O homem que a retinha era um mentiroso e um assassino, e ela tinha vontade de tocá-lo. Deus, que demônio acontecia?

Simon notou que parara a carícia, e abriu os olhos para ver o que acontecia. Esforçou-se muito em não assustá-la, mas era consciente de que, em seu estado, seu aspecto devia ser algo que intimidasse. Os olhares dos dois se encontraram e ao ver as dúvidas e os medos que transbordavam seus olhos, ele levantou uma mão e acariciou o cabelo dele.

—Maria — sussurrou com a voz quebrada, e a jovem, embora durante um segundo movesse o rosto em busca da carícia, esticou imediatamente.

—Meu nome é Mara.

Simon afastou a mão e a deixou cair a um lado ao tempo que dava um passo atrás.

—Está bem, Mara. Pare de me olhar ou asseguro que a próxima vez que sair da ducha ,acontecerá algo muito diferente.

Furioso por ter baixado de novo a guarda, Simon se colocou sob a água e ensaboou o corpo e o cabelo o mais rápido que pôde. Queria eliminar qualquer rastro de sangue, e suas carícias, de seu ser. Da ereção que tinha entre as pernas não pôde se encarregar. Supôs que para Mara seria bem merecido que se masturbasse ali mesmo, mas não quis cruzar essa linha, e bastou pensando no desprezo no rosto dela, com que deu no local de Kieran para que passasse a vontade. Mais ou menos.

Mara já não o olhava, sabia por que já não sentia seus olhos em cima, mas sabia que também estava excitada. Quando o guardião aflorava à superfície, se aguçavam todos os sentidos, incluindo o olfato, e um guardião podia distinguir o aroma do desejo de sua alma gêmea. E com esse pensamento, voltou a excitar-se ao máximo.

Esgotado e resignado a deitar-se nesse estado, fechou a torneira e saiu da ducha. Mara havia voltado a fixar o olhar na parede, e parecia fascinada com o desenho dos azulejos. Ele não se



vestiu e ficou só com uma toalha enrolada na cintura. Disse a si mesmo que fazia isso, porque tinha que curar a ferida da coxa, mas nem sequer ele acreditava nessa mentira.

—Eu também quero tomar banho — disse ela.

Simon virou o rosto e não pôde evitar de sorrir.

—Nenhum problema. Ajudarei a se despir — ofereceu.

—Nem pensar. Quero tomar banho — pronunciou a última palavra com ênfase.

—Nem pensar — imitou — Ou toma banho aqui comigo ou não toma banho. Você escolhe.

Simon sabia que podia atar a fita ao encanamento da água e permitir que tomasse banho sozinha, mas depois de tudo o que suportou pelo o que ela lhe fez essa noite — atirando inclusive— supôs que merecia vê-la nua.

Capítulo 12

—Vejo que não quer tomar banho — disse Simon, concentrando-se de novo na ferida que estava limpando com álcool. Uma vez que ficou satisfeito com o resultado, a cobriu com uma gaze. Essa era só a primeira de uma larga lista—. Também não está tão suja — apontou, assinalando a camisa cheia de pó e os jeans rasgados de quando ele a tinha puxado ao chão para protegê-la—, e possivelmente amanhã também possamos parar para descansar.

—Aonde vamos? —perguntou Mara zangada.

—Já verá. Acredito que me barbearei. —Procurou no estojo de primeiro socorros, mas não encontrou nenhuma lâmina, e não pensava utilizar as do motel— Ou possivelmente não. —curou outra ferida, a do tiro, e notou que começou a cicatrizar.

O que significava isso? Que Mara não era Maria, ou que seu corpo ainda não a identificou como sua alma gêmea? A verdade era que estava muito cansado para seguir pensando em todo isso. Precisava dormir e se recuperar. Satisfeito de como ficou o curativo do ombro, procurou um dos envelopes com pós químico cicatrizantes, para a ferida da coxa.

Mara continuava castigando-o com seu silêncio, e ele agradeceu. Levantou um pouco a perna e apoiou o pé descalço na ducha. Afastou a toalha e viu que a ferida continuava sangrando em profusão. Sim, não tinha mais remédio que voltar àqueles malditos pós. Abriu com os dentes e, sem dar tempo para pensar, jogou em cima do corte. A ardência percorreu todo o corpo como uma língua de fogo, e teve que apertar os dentes para não gritar de dor. Com uma mão, continuava pondo o pó que ficara no envelope, e com a outra segurava-se na parede do banheiro, com tanta força, que os nódulos ficaram brancos. A ferida desprende uma fumaça e Simon cheirou o distintivo aroma da pele queimada, mas pouco a pouco a dor foi aliviando e só ficou a sensação de que sua coxa começava a curar. Baixou devagar o pé no chão e voltou a respirar. Abriu o grifo e salpicou o rosto para recuperar-se. E ao dar meia volta, viu que Mara o estava olhando e, embora ela dissesse que não o reconhecia, parecia preocupada.

—Tem certeza que não quer tomar banho? —voltou a perguntar.



—Vai deixar que o faça sozinha?

—Não. — respondeu sincero. Embora ele estivesse disposto a conceder tal desejo, o guardião não o permitiria.

Voltaram a olhar-se nos olhos e, surpreendendo-os a ambos, Mara cedeu:

—Está bem. —Levantou as mãos em sinal de rendição— Quero tomar banho, e se não sair daqui poderei acrescentar o abuso à sua lista de delitos.

Simon a fulminou com o olhar e não se dignou responder. Agarrou a sacola do chão e a levou ao dormitório. Segundos mais tarde, retornou ao banheiro e deixou uma camiseta limpa junto à ducha. Ele continuava levando a toalha ao redor da cintura. Teria podido se vestir, mas viu Mara percorrendo o torso com o olhar fingindo de que não o estava fazendo, assim decidiu seguir como estava.

—Tem que me tirar — disse ela levantando o braço que algemou.

Simon se aproximou —mais do que necessário— e soltou a fita, e depois passou por seu pulso.

—O que está fazendo? —perguntou Mara com os olhos totalmente abertos.

—Assim não irá à nenhum lugar — limitou a dizer ele.

—Pretende que me dispa e tome banho algemada a você? —Viu assentir e o insultou— É desprezível.

—Depois de me acusar de encobrir um assassino e de subornar a polícia, isso é quase um cumprimento. Vamos, estou cansado e quero me deitar.

—Pois me solte e deixe que eu tome meu banho em paz — sugeriu, fulminando-o com o olhar.

—Não insista, Mara.

Ela inspirou fundo e quando o soltou voltou a insultá-lo. Tentou desabotoar os botões da camisa, e depois de cinco ou seis tentativas falhas, engoliu o orgulho e disse:

—Não posso.

—Utiliza as duas mãos — sugeriu fazendo-se de tolo.

—É desprezível — repetiu Mara, mas fez o que dizia, arrastando Simon atrás.

—Isso já me disse.

Ambos ocultavam sob seu aborrecimento, o desejo que a proximidade de seus corpos despertava no outro. Durante cinco segundos, Simon se manteve imóvel, deixando que desabotoasse sozinha os botões, mas quando a mão ficou em cima do coração de Mara e notou o rápido que batia, já não pôde se conter mais.

Ela tinha a cabeça inclinada, e o olhar fixo nos cinco botões brancos de sua camisa, e cada vez que movia a mão algemada e sentia a pele de Simon roçando com a sua, encolhia o estômago. Como era possível que sabendo o que sabia daquele homem tivesse vontade de abraçá-lo, beijá-lo, tocá-lo... Ele deu um passo e se colocou diante dela. Tinha a respiração entrecortada, Mara o notou ao ver como moviam os abdominais. Viu que levantava muito devagar a mão livre e fechou os olhos. Passou um segundo, e toda uma eternidade, e de repente sentiu que acariciava a bochecha e afastava o cabelo do rosto. Logo, bem devagar e permitindo que ela sentisse que



tremia o pulso, Simon acariciou o lábio. Mara estremeceu e ele também.

O guardião baixou a mão até chegar ao decote onde estavam as dela, obstinadas a um botão como se fosse um escudo. Simon colocou os dedos em cima dos seus e acariciou os nódulos até que sentiu que relaxavam, e então afastou as mãos e começou a despi-la. Desabotoou os botões um a um e, ao fazê-lo, ia acariciando a pele do esterno com os nódulos dos dedos. Nenhum dos dois disse nada, negando-se a reconhecer a intimidade que estava sendo tecidas entre ambos. Ao chegar ao último botão, Simon separou os dois extremos do tecido e quando viu a cicatriz lembrou o horrível ataque que Maria sofreu quando pequena. Deslizou o objeto pelos braços, e no final ficou pendurando por cima dos pulsos que algemara. Simon se incomodava, assim, sem pensar duas vezes, puxou com força do tecido até que o rasgou. O ruído da roupa ao rasgar, fez com que Mara abrisse os olhos e tomasse consciência do que estava acontecendo, mas ele a beijou antes que o cérebro dela pudesse negar o que seu coração desejava.

Esse beijo, a diferença do primeiro, acendeu o fogo imediatamente. Simon capturou o lábio inferior entre os dentes e depois o percorreu lentamente com a língua. Mara levantou a mão que não estava presa a dele e a colocou sobre o peito de Simon, em cima do coração. Sua pele desprendia tanto calor que inclusive queimava, e ela jamais se sentiu atraída por ninguém com aquela intensidade. Ele ficou sem respiração quando notou que o tocava, e durante um instante acreditou que ia afastá-lo, mas não fez.

Mara deixou ali a mão e moveu um pouco os dedos para sentir como os músculos dele se flexionavam sob a carícia. Colocou a outra mão, algemada, na cintura de Simon e se segurou a ele, que fez o mesmo com ela. Existiam quatro pontos de contato entre os dois: as mãos na cintura, a outra mão dela no torso dele, os lábios que não deixavam de beijar, e os quadris que, inconscientemente, aproximaram um ao outro.

Simon a estava beijando, consumindo, percorria o interior da boca uma e outra vez, parando só para dar pequenas dentadas no lábio. A mão que tinha em sua cintura a retinha grudada a ele e Mara podia sentir a força controlada que corria por suas veias. Com a outra mão, Simon segurava o rosto, e pouco a pouco foi deslizando até a nuca para enredar em seu cabelo.

Mara não permanecia passiva: ao contrário, devolvia o beijo com uma paixão que até então ela mesma desconhecia possuir. Era como se ardesse todo o corpo e só tocando-o pudesse aliviar esse calor que ameaçava consumindo-a.

Simon soltou o cabelo e, depois de outro beijo no que se assegurou de memorizar seu sabor, separou de seus lábios e se centrou em seu pescoço. Podia sentir como alargavam as presas, mas sabia que ainda não tinha direito de realizar algo tão íntimo como beber dela, e se conformou roçando a pele da curva do pescoço com as afiadas pontas. Mara apertou a mão que tinha em cima do torso e gemeu de prazer. Simon estava tão excitado que a toalha que amarrou à cintura estava adquirindo uma forma muito absurda. Acariciou as costas e notou que arrepiava a pele. Ia tirar o sutiã, mas então ela lhe mordeu o pescoço e Simon perdeu a capacidade de raciocinar. Abraçou-a e a atraiu mais para si, algo que segundos antes teria parecido impossível, e desejou poder colocar-se sob sua pele; assim nunca, ninguém, poderia separá-los. Abriu um pouco as pernas e colocou Mara no meio, e ao notar as calças dela, decidiu que tinham que desaparecer.



Queria senti-la dos pés à cabeça. Baixou a mão até a cintura dos jeans e procurou os botões. Puxou-os com tanta força que esteve a ponto de rasgar as costuras, e quando os teve desabotoado, deslizou uma mão dentro. E ao sentir o calor de sua virilha, Simon gemeu de prazer.

Por mais que tivesse sonhado com aquele encontro, nada o preparou para saber o que sentiria ao comprovar que Maria também o desejava. Era uma sensação embriagadora, algo pelo que valeria a pena viver. E morrer, pensou, ao lembrar que esteve a ponto de perdê-la anos atrás. Se assim fosse, jamais teria conhecido esse prazer. Esse pensamento, a gratidão que o encheu ao dar conta de que era Maria e não outra que estava entre seus braços, o fez cair de joelhos. Agarrou-a pelos quadris e deslizou as calças até tirar, abraçou-se de novo a ela e apoiou a bochecha contra sua roupa íntima. Se não estivesse tão desesperado por fazer amor, certamente começaria a chorar, e quando sentiu que passava uma mão pelo cabelo e sussurrava seu nome, uma lágrima escapou de seus olhos.

—Simon — repetiu Mara em voz baixa.

Ele levantou a cabeça e permitiu que seus olhares se fundissem um com o outro. Desenhou a maçã do rosto com um dedo e o guardião reconheceu à mulher que esperara por toda a vida. Inclinou e beijou o umbigo com reverência, percorreu o estômago com a língua e respirou profundamente para impregnar-se de sua essência. Com a mão que não estava algemada à Mara, acariciou a parte posterior de uma perna, e ao chegar ao joelho desfez o caminho.

Ela podia sentir a agitada respiração dele em seu sexo e tinha certeza que Simon notava como estava excitada. A mão seguiu subindo e parou ao chegar à roupa íntima. Percorreu a parte superior da calcinha com muita lentidão, e cada milímetro de pele que tocava, incendiava-a. Seu incendiário dedo indicador terminou seu caminho, por debaixo do umbigo de Mara, em cima do diminuto laço rosa que decorava o simples objeto de algodão. Ela aguentou a respiração, incapaz de compreender a intensidade do desejo que estava sentindo, duvidando entre... Ele a beijou por cima do tecido e derreteu os joelhos e as dúvidas.

Ficou de joelhos diante dele e aproveitou para beijá-lo. Simon devolveu o beijo e deu outro que ameaçou consumi-la. Ao afastar os lábios, apanhou de novo os de Mara entre os dentes, e desta vez ela pôde sentir claramente as pontas das presas. Abriu os olhos e se encontrou com os de Simon completamente negros... E lembrou o que vira no local do porto. Não sabia o que era aquele homem, e, entretanto deixou que a despisse que a beijasse.

Simon não podia deixar de tocar Maria. Por fim compreendia aquela sensação de vazio que o embargou desde sua infância: sentia a falta dele. Teve a sorte de encontrar sua alma gêmea quando era um menino, e logo o destino infligiu o mais cruel dos castigos e a roubou de suas mãos. Simon teve que crescer sem ela, teve que sobreviver à sua morte sem chegar jamais a saber se tudo era fruto de sua imaginação. Agora por fim sabia. E precisava recuperar o tempo perdido. Precisava dar todos os beijos que não dera, todas as carícias. Tudo. Fazer amor pela primeira vez no chão do banheiro de um motel não era romântico, e sem dúvida Mara merecia algo melhor, mas Simon não estava disposto a deixar de beijá-la o tempo suficiente para levantar-se e ir ao dormitório. Percorreu o peito com beijos, desenhando o esterno com a língua e seguiu até o umbigo. Ali se agachou para poder beijar de novo e logo parou os lábios em cima da calcinha. Ele



nunca se fixou na lingerie das mulheres com as quais se deitara, mas naquele preciso instante decidiu que não havia nada mais erótico que a roupa íntima branca. Segurou um extremo do objeto com os dedos e a enormidade do que estava a ponto de fazer o sobressaltou.

—Maria — sussurrou com voz rouca.

Maria. Está convencido de que sou aquela menina. Ou isso é o que quer que eu ache, contra-atacou outra voz dentro da cabeça de Mara.

—Não. — respondeu assustada pelo que estava sentindo, pois durante um breve instante acreditou ser realmente a menina das lembranças de Simon — Não sou Maria.

Essa frase, pronunciada com tanta determinação, parou Simon.

—Não sou Maria — repetiu — Sou Mara.

Ele fechou os olhos e respirou fundo várias vezes. Mara notou que os dedos com que segurava o extremo da calcinha foram se afrouxando até que soltou o objeto por completo. Os dois continuavam de joelhos no chão, mas Simon jogou a cabeça para trás para poder olhá-la.

—Não é Maria. —Fez uma pausa— E apesar de tudo estava me beijando. —Não sabia o que era o que o incomodava mais, que Mara seguisse sem lembrar se seu passado, ou que sem recordá-lo estivesse disposta a deitar-se com ele. Simon esteve com muitas mulheres que não eram Maria, e não queria continuar fazendo; embora nessa ocasião o corpo fosse o adequado, queria que a alma também o fosse— Não é Maria e estava me tocando — jogou na cara dele ofendido— Estava permitindo que a tocasse.

—Eu... —A reação dele a surpreendeu, mas a surpresa logo passou para o aborrecimento— foi você o que não deixou que me despisse sozinha. E quem me arrastou até aqui sem me dizer nenhuma palavra?

Furioso consigo mesmo por ter permitido que as coisas chegassem tão longe, e com ela por tê-lo obrigado a lembrar de que ainda não encontrara a sua alma gêmea, ao menos não de tudo, Simon ficou em pé e puxou Mara para que fizesse o mesmo. Sem dizer uma palavra, aproximou-se o pulso em que levava a fita aos lábios, estendeu as presas e a rasgou.

—Que diabos é?

Simon agarrou a camiseta, deu uma rápida olhada ao banheiro para assegurar-se de que só havia uma toalha pequena, e comprovou que não havia nenhuma janela ou lugar para escapar.

—Tome banho.

Deu as costas à Mara, que continuava atônita de pé em frente à ducha, e se dirigiu para a porta.

—E quanto ao que eu sou — acrescentou ao girar o trinco— quando lembrar quem você é, contarei. Não feche a porta.

Afastou-se do banheiro e foi se vestir. Da sacola tirou uma muda de roupa íntima limpa, uma camiseta e um pulôver negro, assim como seu jeans. Vestiu a cueca e a camiseta, e o resto deixou preparado para o dia seguinte. Para Mara escolheu a camiseta que pareceu menor, mas quanto aos jeans e a roupa íntima, que jamais conseguiria esquecer, teria que vestir a mesma. Já vestido, furioso e ainda excitado, sentou-se na cama. Por todos os deuses, se não chegasse logo à



Vancouver⁵ e encontrasse um modo de que Mara se lembrasse que era Maria, terminaria por ficar louco. E não só isso, tinha que averiguar que diabos faziam aqueles soldados do exército das sombras no local de seu antepassado. *Sim, e achar uma maneira de acalmar o guardião*, pensou ao sentir que revolviam as vísceras. Os guardiões não ficavam nada bem quando suas almas gêmeas os rejeitavam.

Capítulo 13

Quando Sebastian chegou ao cais, logo teve o pressentimento de que ele não era o único soldado do exército das sombras que havia por ali essa noite. Embora tivesse desertado desse exército, continuava sendo um deles e podia detectar sua presença, o que significava que eles também o detectavam e que tinha que andar com cuidado.

Lembrava perfeitamente onde estava o local do qual falou Simon; foram ali juntos algumas vezes durante sua juventude e sempre pareceu à Bastian, que ali dentro se respirava tranquilidade. Faltavam algumas horas para que amanhecesse e as sombras da noite começavam a se dissipar. Estava a uns dez metros do lugar quando viu que um carro negro, muito caro para estar por aqueles bairros, se aproximava. Escondeu-se entre as pilastras e seguiu dirigindo ao local, e não se surpreendeu minimamente ao comprovar que aquele era também o destino do misterioso carro. Procurou um lugar do qual pudesse olhar sem ser visto, e esperou.

—O que aconteceu? —perguntou furioso Jeremiah Claybourne desceu do carro.

—Escapou — respondeu Demétrius pressionando uma ferida com uma suja parte de tecido—. Havia uma mulher com ele.

—Está me dizendo que Simon Whelan e uma mulher conseguiram derrotar quatro dos mais temíveis soldados do inferno?

—Nunca vi um guardião assim — justificou Demétrius — era como um animal selvagem, e acredito que estava assim por causa da garota.

—Pois poderia ter dado um tiro na fulana e pronto. Já lhe disse que queria Whelan vivo, os danos colaterais não me importam o mínimo.

—Não era uma fulana — replicou o outro— Eu já a vi antes, em casa de lorde Ezequiel.

—O que disse?

—Essa mulher que estava com Whelan, não sei como se chama. —ficaram pensativos uns segundos— Stokes, acredito. A vi na casa de lorde Ezequiel faz alguns uns anos.

—Tem certeza?

—Totalmente, senhor.

⁵ Cidade no Canadá.



Claybourne suspirou resignado.

—Está bem. Limpe tudo isso. —Levantou as mãos para assinalar os cadáveres dos outros soldados— E procure não chamar a atenção durante uns dias.

Jeremiah subiu no carro e foi-se dali a toda velocidade, e Demétrius carregou os seus companheiros mortos em uma caminhonete. Sebastian esperou que se fossem e logo saiu de seu esconderijo. Reconheceu Jeremiah Claybourne das revistas de sociedade, e a julgar pela conversa que acabava de escutar, pretendia capturar Simon; parecia que ele estava fugindo com uma mulher vinculada lorde Ezequiel. Tinha que avisar seu amigo, e também Montgomery. Se lorde Ezequiel estava tramando algo, eles tinham que estar alerta. Enquanto isso, em algum lugar da Rússia...

Simona sabia perfeitamente que cruzar o estepe russo em busca de alguma pista a respeito de seu passado, sem ter nenhum plano e sem ponto de partida era uma completa loucura, mas nada comparável a trair lorde Ezequiel e abandonar o único lar que conhecera. E se fez o segundo e o terceiro, bem podia fazer o primeiro. Em Moscou encontrou um velho louco que contou uma fábula sobre um famoso guardião chamado Babrica. O idoso insistiu que era verdade, e quando ela fez um de seus típicos comentários sarcásticos, o homem, com a sabedoria e paciência que só a idade concede, perguntou se tinha medo de enfrentar à realidade. Sim, possivelmente sim, tivesse medo, porque se tudo o que ela sabia era mentira... Então, como justificaria seu passado, ou mesmo sua existência?

Acelerou a moto e deixou que o vento se levasse consigo todas aquelas incertezas. Já faltava pouco para chegar ao povoado no qual, segundo o ancião, encontraria algumas respostas. E muitas perguntas. Antes, Simona teve a sensação de que a estavam seguindo, mas depois de testar vários desvios, conseguiu se livrar daquele turista de aspecto aparentemente inocente, cujo olhar continuava pego à ela.

Viu um cartaz meio bambo, que anunciava o nome do povoado e girou nessa direção. Havia neve em ambos os lados da estrada, e a surpreendeu não ver nenhum rastro em meio da brancura. Avistou um grupo de casas e se dirigiu para ali, mas não encontrou ninguém e foi nesse instante quando percebeu do silêncio. O único que podia ouvir, além do motor, era um silêncio sepulcral.

Parou e desligou a moto. Nada. Só silêncio. Tirou o casco, deixou-o em cima do assento, e desmontou ao mesmo tempo em que comprovava que tinha uma de suas espadas pregadas à coxa. Percorreu a rua em busca de algum dos habitantes, mas a julgar pelas janelas fechadas e o estado das casas, fazia muito tempo que ali não vivia ninguém. O melhor seria retornar. E isso era exatamente o que ia fazer até que um edifício em concreto captou sua atenção: a escola.

Simona estava convencida de que nunca estivera ali, mas sabia com absoluta certeza que dentro da escola havia um banco de madeira vermelho e uma sala cheia de camas com cabeceiras de ferro que ressonavam ao golpear contra a parede. Chegou aos degraus da entrada e parou; demorou uns segundos ao perceber o que acontecia: tinha medo. Um horrível calafrio percorria as



costas e notava as mãos úmidas de suor. Por que tinha medo de entrar em um edifício abandonado? Obrigou-se a subir um degrau, e outro. Ela não tinha medo de nada, repetiu, ela não tinha nada à perder — embora nesse instante o rosto de um policial londrino veio à mente. Desembainhou a espada e abriu com um chute a porta da escola. O ruído de umas pegadas na neve a obrigou a voltar, e graças a seus instintos, e a anos de treinamento, conseguiu esquivar-se de uma adaga que sem dúvida levava seu nome.

Apareceram de repente, e estavam por toda parte. Primeiro acreditou que eram dois, mas em seguida viu que, no mínimo, teria que enfrentar a oito... Que diabos eram aquelas coisas? Simona se criou em casa de lorde Ezequiel, assim estava familiarizada com o exército das sombras, mas aqueles homens, por chamá-los de algum jeito, não se lembravam nada de sua humanidade. Tinham a pele pálida, quase translúcida, e presas muito mais compridas do que a habitual e que não pareciam retroceder jamais. Os olhos pareciam espelhos, e a não ser pela certeza com que disparavam, os teria acreditado cegos.

Dava igual, fosse o que fossem, iriam morrer. Simona ainda não encontrara à nenhuma criatura capaz de sobreviver à decapitação. Dois foram atrás dela, que os recebeu com a espada em alto. Ao primeiro cortou a cabeça imediatamente, mas o segundo a derrubou ao chão e chegou inclusive a dar um murro antes que conseguisse deixá-lo sem a possibilidade de voltar a ficar com um chapéu. Estava se ocupando de outros quando mais dois a atacaram por trás. Aqueles malditos ratos não brigavam limpo. Simona recorreu a todos os truques que sabia, mas uma guerreira como ela sabia quando estava perdendo. Aquele era o fim. Ia morrer em uma escola russa abandonada no meio da neve. Sozinha. Sem...

Os dois monstros que a cobriam saíram pelos ares. A cabeça de um deles com um disparo, e o outro caiu derrubado com um tiro no torso. E o homem que brandia a escopeta da qual saíram ambas as balas não era outro senão Mitch Buchanan, o policial londrino que queria que ela o chamasse de Michael. E ao qual Simona abandonara em Londres para seu próprio bem. E nem as boas obras saíram tal como previra?

—Que diabos está fazendo aqui? —perguntou Mitch quando ficou em pé e antes de se ocupar dos dois tipos que a atacaram pelas costas.

—Eu também me alegro em te ver, Michael —disse de maneira sarcástica imitando seu tom de voz— Obrigado por me salvar à vida. Agache! —Disparou por cima dela e matou a um que esteve a ponto de pegá-la despreparada— Deus, achei que os assassinos pagos como você estavam melhores treinados.

—Eu não sou uma assassina paga — se defendeu Simona— E já sabia que estava atrás.

—Certo. —Mitch disparou nos outros dois que pretendiam aproximar-se— Igual sabia que estava sendo seguida.

—Sabia. Da próxima vez peça que lhe deem um carro de uma cor mais discreta, o vermelho destaca muito no meio da neve. A sua direita — advertiu.

Mitch se ocupou desse homem e de dois mais.

—Era o último carro que restou. E por que ficou dando tantas voltas? Não me diga que pretendia me despistar. Agache! Deus é tão alta — amaldiçoou, mas na verdade era que soou



como um elogio. E era Mitch adorava que Simona fora tão alta.

—Não sabia que era você — disse ela, e nem tinha terminado a frase e já se arrependera.

—Isso quer dizer que se soubesse não teria tratado de me perder de vista?

—Importa que deixemos isso para mais tarde? —Começava a ser duro isso de lutar contra uns assassinos aparentemente incansáveis e manter uma conversa com o homem que prometera conquistar seu coração.

—Como quiser, céu — assegurou, e lançou-lhe um beijo— nos ocupemos primeiro de nossos convidados.

Em Londres, Simona já percebera que Mitch era um homem extraordinário, mas vê-lo ali, disposto a defendê-la sem questionar sequer contra o que, ou contra quem, deixou-a sem fala.

Depois de que ela o abandonou em Londres, Mitch disse que esperaria que retornasse, mas quanto mais dias se passavam desde a sua partida, mais convencido estava de que Simona corria um grave perigo. Assim disse à seu capitão que se tiraria todas as férias que não havia tirado nos dez anos que estava de serviço, e fez as malas. Antes de dar com seu rastro, Mitch teve que fazer uma parada na Escócia, onde Ewan lhe deu informações muito valiosas, e dinheiro em moedas europeias. Mas havia valido a pena, e dava graças a Deus, ou a quem fosse que estivesse ali acima, por ter permitido chegar a tempo de salvá-las daquelas coisas que a atacou.

Simona e Mitch lutaram com uma coreografia perfeita, como se fizessem isso há anos, e ela foi quem matou ao último de seus adversários.

—Acabou — disse, quando viu cair o cadáver no chão.

Mitch desligou o rifle do ombro e plantou-se em frente à Simona.

—Está bem? —perguntou preocupado, segurando o rosto entre as mãos.

—Sim — assegurou.

—Pois vou beijar você — sussurrou com ternura. Mitch morria de vontade de voltar a senti-la entre seus braços, mas depois do que aconteceu em Londres sabia que tinha que ir devagar.

—De acordo — murmurou Simona e passou nervosa a língua pelos lábios.

Mitch dedicou aquele sorriso que chegava ao coração e inclinou a cabeça.

Foi um beijo tão intenso que inclusive as folhas das árvores estremeceram.

Lorde Ezequiel saiu da cama em que agora havia um homem e uma mulher inconscientes. Fora muito proveitoso, e, possivelmente, em outras circunstâncias teria feito algo mais, como por exemplo, deixá-los secos e ficar com suas almas, mas essa noite não estava de bom humor. O que sem dúvida salvaria a vida desses desgraçados, que despertariam no quarto de algum hotel sem lembrar nada do acontecido.

Levava anos, décadas, séculos, preparando-se para a decisão. Os guardiões eram os únicos que lhe geraram dificuldade, e isso porque os idiotas não tinham nem ideia de que na Terra existiam outros seres tão poderosos como eles, ou inclusive mais. E não seria ele quem contaria.



Não quando estava tão perto de conseguir o que tanto ansiava. Durante muito tempo, ninguém suspeitou nada, excetuando algum caso, como por exemplo, quando Royce Whelan e esse humano, Tom Gebler estiveram a ponto de jogar tudo a perder. Outro problema que teve que enfrentar ultimamente fora o abandono de Simona. Ele se encarregou dela desde que era muito pequena, não porque a quisesse nem nada do estilo, mas sim porque sabia que a filha de um guardião era uma criatura muito poderosa e que seria muito útil, e necessária, no futuro. Tinha que reconhecer que em algum momento chegou a sentir algo um pouco parecido ao afeto pela jovem, em especial quando a via matar alguém a sangue frio. Ou possivelmente era orgulho. Mas a idiota terminou por desenvolver uma consciência e jogou seu futuro fora. A ingrata. Olhou o relógio e sorriu. Bom, há essas horas, tinha certeza que seus pequenos fetos já a teriam encontrado. E suas instruções eram claras: matar Simona. Ele não dava segundas oportunidades, já encontraria outra ilíada em alguma parte; enquanto isso poderia se entreter vendo sofrer os humanos. Se entreteinha menos agora, do que com as guerras de antigamente; Vietnam, as Duas Guerras Mundiais, as Cruzadas. Sim, as Cruzadas foram guerras fantásticas; morte e miséria se estendendo pelo mundo igualmente. Torturas inimagináveis, homens que tratavam seus congêneres como animais, e milhares de feridos dispostos a entregar sua alma em troca de nada. As Cruzadas foram incríveis, ali encontrou soldados muito fiéis e que deram grandes lucros ao exército das sombras.

As guerras modernas eram muito distintas, a crueldade estava acostumada a ser exercida em algum escritório em Washington ou Londres, e os chamados exércitos mais capitalistas do mundo, iludidos, lutavam com armas tiradas de um vídeo games. Apesar de tudo, pensou satisfeito, a última briga sempre se livra no campo de batalha, e ali só sobreviviam os melhores... Ou os piores.

Graças aos seus infiltrados nas altas esferas políticas e militares, lorde Ezequiel sabia da existência de um grupo de soldados de elite, alguns homens que foram escolhidos entre os melhores de seus regimentos e aos que logo treinou em segredo. Esse era exatamente o tipo de soldado que lorde Ezequiel precisava para seu exército, e já que o governo fez o favor de selecioná-los, agora a única coisa que tinha que fazer era convencê-los de que se unissem a ele. E isso seria muito fácil, por um lado, todos os humanos tinham alguma debilidade, ele só tinha que encontrá-la; e, por outro, todos, absolutamente todos, tinham medo de morrer.

Bateram à porta de seu dormitório. Devia ser importante, pois seu mordomo sabia que corria o risco de perder a cabeça se o incomodasse sem motivo; essa foi à causa de falecimento de seus predecessores.

—Adiante — ordenou sereno, embora passasse a língua pelos caninos.

—Meu senhor, tem visita. O senhor Jeremiah Claybourne diz que tem algo para lhe contar.

—E por isso me incomoda? —Já podia saborear o sangue de seu empregado.

—O senhor Claybourne diz que sabe como apanhar Simon Whelan.

Claybourne era um humano que estava obcecado por conseguir a imortalidade, e o idiota acreditava que ele poderia lhe dar. Mas a única eternidade que concedia lorde Ezequiel era a que se passava no inferno, embora tivesse que reconhecer que o humano merecia alguma



recompensa.

Estava a tempo querendo apanhar um guardião, mas não podia ser qualquer um. Tinha que pertencer à uma família em que todos os membros tivessem sido grandes guardiões e tinha que ser puro de alma e coração, algo que, conforme averiguou lorde Ezequiel, muito poucos guardiões possuíam. E Simon Whelan era um deles.

—Acompanhe-o ao salão. Em seguida já vou — indicou o mordomo— e diga a John que se ocupe disto. —Assinalou para a cama.

—É obvio senhor.

O servente fechou a porta e lorde Ezequiel se aproximou dos dois corpos que havia em sua cama. Sempre tinha fome antes de uma reunião.

Capítulo 14

Mara saiu da ducha e se secou com a diminuta —e única— toalha que Simon lhe deixou no banheiro. Penteou-se e escovou os dentes. O idiota não deixou nada de roupa, mas sim uma escova de dente e um pequeno tubo de pasta; ah, e um pente. Quando saísse, diria onde podia colocar o ditoso pente.

Simon podia ouvir, e ver, Mara dentro do banho, e sabia que estava furiosa, mas ele também estava, e, além disso, ela atirara nele. E parecia agora que raciocinava como um menino de treze anos. Respirou e soltou o ar devagar. Mais sereno, pôs os pés no chão e se levantou da cama em que estivera meio deitado, esperando. Coxeou até a cômoda em que deixou a sacola e agarrou a camiseta que selecionara para Mara, e com ela na mão se dirigiu ao banheiro. Através do espelho, viu como o fulminava com o olhar, mas a ignorou e deixou a camiseta em cima da tampa do vaso.

Já dera meia volta quando ouviu que ela balbuciava:

—Obrigado.

—De nada — respondeu ele, também em voz baixa, e seguiu até a cama.

Passou pelos canais da televisão sem prestar atenção a nenhum, procurando algo que conseguisse afastar seus pensamentos da Maria, mas nada funcionava. Resignado, apagou o televisor e esperou que ela terminasse de se arrumar.

Quando ela saiu do banho, tratou de não pensar que estava nua por debaixo daquela camiseta que tinha o cheiro dele, e se aferrou ao ódio que durante tantos anos alimentou sua sede de vingança. A única luz que havia no sórdido dormitório, proporcionava o abajur da mesinha de noite que separava as duas camas, e Mara se encaminhou para a que estava livre. Dois segundo depois, deu um salto quando viu Simon de pé a seu lado.

—Quero dormir sozinha — sentenciou ela.

—E eu também — respondeu orgulhoso— Dê-me a mão — pediu ao mesmo tempo em que



a agarrava.

—Não, por favor.

—Não torne isso mais difícil, Mara. Nós dois estamos cansados e precisamos dormir.

Ela o olhou nos olhos e viu que não conseguiria convencê-lo, assim se resignou a que amarrasse um pulso ao travesseiro da cama. Além disso, ele tinha razão em uma coisa, precisavam descansar, então bem que poderia aproveitar e dormir um momento. Possivelmente se dormisse um pouco, veria tudo com mais clareza e deixaria de ter vontade de beijar e abraçar o homem que a sequestrou. *Você lhe deu um tiro*, disse uma voz em sua cabeça, mas Mara decidiu ignorá-la e fechar os olhos.

Depois de amarrar um pulso à cama, Simon teve que recorrer a toda sua força de vontade para se obrigar a dar meia volta e voltar para a outra cama. Voltou-se, e um a um, foi abrindo os dedos de seus punhos fechados para ver se assim conseguia resistir à vontade, a necessidade que sentia de tocá-la. Apertou as pálpebras e tratou de regular a respiração. Era impossível que conseguisse dormir com ela tão perto, mas possivelmente, no mínimo, conseguisse descansar, e suas feridas, ao menos as do corpo, teriam tempo de cicatrizar.

O sonho começou como sempre. Mara aparecia em meio de um jardim de sonho no qual brilhava o sol, os pássaros cantavam e cheirava a jasmim, mas a diferença das ocasiões anteriores em que visitou esse sonho, desta vez estava sozinha. Não via seu pai e a sua mãe em nenhum lado e a cada passo que dava, o céu do jardim onírico ia se escurecendo, os pássaros se transformavam em umas criaturas horripilantes que a olhavam famintos e o aroma de jasmim era substituído pelo de enxofre. Mara beliscou um braço para ver se assim despertava, sem consegui-lo, e então ouviu a voz de sua mãe.

—Mamãe — sussurrou ela — onde está? — perguntou, subindo o tom de voz — Mamãe? — gritou.

—Estou aqui, querida — respondeu sua mãe de trás de umas árvores cujos ramos a prendiam.

—O que aconteceu? — perguntou Mara assustada — Quem a prendeu?

—Tem que se lembrar, querida — pediu sua mãe tocando a bochecha — Claire precisa de você. Todos nós precisamos. Tem que encontrar Claire.

O bosque inteiro começou a desvanecer. Era como ver cair um castelo de cartas; tudo ia se esfumando ao redor da Mara e em seu lugar só ficavam o frio e a escuridão.

—Mamãe, se não vá! — Tratou de segurá-la com uma mão, mas foi inútil, sua mãe se converteu em fumaça e desapareceu — Quem é Claire? Mamãe!

—Chsst, calma. Calma — repetiu uma voz quente — Já estou aqui.

—Simon? — Abriu os olhos e viu que ele estava na sua cama e que a estava abraçando — Simon — voltou a dizer, e fechou os olhos aliviada — Está aqui — sussurrou.



—Sim, estou aqui — respondeu, acariciando o cabelo e as suas costas. Ela o vira, mas pelo brilho de seus olhos, Simon soube que não estava acordada de tudo.

—Achei que te tinha perdido — sussurrou Mara, abraçando-o, e todo seu corpo se relaxou imediatamente— Temos que encontrar Claire.

Ele se esticou ao ouvir o nome. Ewan contara que Dominic havia passado vários meses encarcerado nos porões do Vivicum Lab. Talbot e seus cientistas submeteram o guardião centenário, a vários experimentos cujas sequelas ainda não sabiam se seriam permanentes. Na noite em que Ewan e Mitch, um policial humano muito vinculado ao clã Jura, resgataram Dominic, encontraram um guardião duro e distante, e decidido a encontrar sua alma gêmea, uma mulher que também estivera prisioneira naqueles malditos laboratórios. Uma mulher que se chamava Claire. Depois do que aconteceu nas últimas vinte e quatro horas, estava convencido de que essa Claire e a do pesadelo de Maria eram a mesma. E seus instintos de guardião diziam que não era tão humana como Ewan acreditava.

Por todos os deuses, Simon levava tempo se convencendo de que algo grave estava a ponto de acontecer. No clã dos Whelan houve vários guardiões com o dom de prever o futuro. Não era seu caso, mas sua mãe sempre lhe dissera que seus instintos eram muito poderosos, e que tinha que escutá-los. E estes diziam que o que estava tramando o senhor das sombras, era muito mais escuro e perigoso do que acreditavam.

Apertou Maria entre seus braços e ao sentir que ela relaxava confiante sentiu um pouco de esperança. Acordada, não lembrava nada dele, mas dormindo sabia que não havia lugar no mundo no que estivesse mais a salvo, que ao seu lado. Simon acariciou o cabelo e se atreveu inclusive a dar um casto beijo na fronte. Pouco a pouco, ele também foi adormecendo, e antes de perder do todo a consciência, pensou que não queria voltar a deitar sem Maria a seu lado.

Ronan Stokes entrou na cabana que alugou em Anchorage, Alaska, a poucos metros dos laboratórios onde trabalhava, e ficou petrificado ao ver o homem que estava esperando sentado em uma das poltronas do salão. Fazia anos que não via lorde Ezequiel, desde aquela chuvosa manhã em que o levou ao hospital no que Mara estava internada, e não mudara em nada. Possivelmente, inclusive, parecia um pouco mais jovem. Todo ele emanava poder, e igual àquela vez, quando o olhou nos olhos, Ronan sentiu uma mistura estranha de medo e desejo. Apertou a mandíbula e tratou de controlar ambas as reações.

—Olá, Ronan — saudou lorde Ezequiel com um sorriso— quanto tempo.

—Sim, passou-se muito tempo — respondeu ele, e sem poder remediá-lo, deu um passo para o senhor das sombras.

—Suponho que já sabe por que vim — disse lorde Ezequiel, que ficou em pé e passou um dedo pela bochecha.

Ronan estremeceu e negou com a cabeça. Se tivesse podido pensar, possivelmente teria acertado, mas a decadente atração que sentia o impediu.

—Vim a cobrar minha dívida — sussurrou lorde Ezequiel perto de seu ouvido— chegou o



momento de que me compense por ter devolvido a sua preciosa sobrinha.

O corpo de Mara foi o primeiro a perceber que estava entre os braços de Simon. Sua mente certamente trataria de negá-lo mais tarde, mas nunca antes se havia sentido tão a salvo. Tão bem. A camiseta que emprestara para dormir era muito grande, e ao longo das horas de sonho fora subindo, e agora a tinha toda por cima da cintura. Uma de suas pernas estava entre as dele, e Simon tinha a cabeça em cima da dela. Mara tinha o rosto no pescoço dele, e podia impregnar-se do aroma de sua pele sem que ele se inteirasse. O pijama de Simon consistia só em uma cueca e uma camiseta negra, e nenhuma dos dois objetos podia esconder seu espetacular físico e como estava excitado. Sempre seria assim? Pensou Mara, e sentiu uma incrível pontada de ciúmes ao imaginá-lo excitado por outra mulher. Abriu os olhos lentamente e, ao ver que ele continuava dormindo, aproveitou para estudar aquele rosto duro e ao mesmo tempo capaz de olhá-la da maneira mais tenra que já vira. Tinha as maçãs do rosto mais marcadas do que acreditava, e debaixo dos olhos apareceram umas sombras, provavelmente a consequência do cansaço e das feridas. Tinha os lábios apertados, inclusive dormindo parecia estar alerta, e uma incipiente e sensual barba negra. Baixou a vista para seu pescoço e viu que no lateral esquerdo, roçando a borda da camiseta, insinuava-se uma tatuagem. Não sabia que Simon tivesse nenhuma, e sentiu uma enorme e quase incontrolável curiosidade para saber se o desenho continuava por debaixo da roupa. Colocou a mão direita, aquela não estava algemada, em seu torso e notou que ele acelerava a respiração. Esperou uns segundos, e quando o subir e descer do peito de Simon voltou para a normalidade, seguiu com sua inspeção. Sem se atrever a deslizar a mão por debaixo da camiseta, Mara o percorreu com os dedos e desenhos os abdominais que se marcavam no tecido. Podia sentir sua ereção pressionando o ventre, mas embora nem ela mesma conseguisse entendê-lo, não dava medo, mas sim gostava de sentir que conseguia despertar aquela reação tão intensa nele.

Como se seu corpo tivesse tomado a decisão sem consultar a seu cérebro, levantou o rosto e beijou o Simon na mandíbula. Ele ronronou um pouco igualmente sensual, e moveu o rosto para deixar mais espaço. Mara não tinha nem ideia do que estava fazendo, mas depois do horrível sonho da noite e de se sentir que em seus braços estava a salva, decidiu deixar se levar. Algo nada típico nela e do que certamente terminaria arrependendo-se. Deu outro beijo a Simon, desta vez no queixo, e deslizou a mão até afundá-la no cabelo da nuca. Estava tão grudada ao seu corpo que podia sentir cada batimento do coração, cada respiração, e isso lhe deu coragem para fazer o que de verdade queria fazer: beijá-lo nos lábios.

Colocou os lábios a escassos milímetros dos de Simon, sentiu sua respiração roçando a pele, e o beijou. Primeiro foi um beijo delicado, inocente, mas quando seus corpos se deram conta de que se encontraram, essa inocência se converteu em puro desejo.

Simon acreditou estar sonhando quando notou o fôlego da Maria sobre sua pele, mas quando a boca o tocou, o guardião decidiu que tinha chegado o momento de fazê-la sua. Separou os lábios e deixou que sua delicada língua o saboreasse a seu desejo. Ele jamais adotara um papel



passivo, mas estava descobrindo que por sua alma gêmea era capaz de tudo, inclusive de deixar que o deixasse louco com seus beijos inexperientes. Tratou de seguir fazendo de conta que estava dormindo durante uns segundos, mas a ânsia de tocá-la e possuí-la terminaram por derrubar a o controle. Gemeu de prazer e a beijou. Devorou, e ela se deixou devorar. Suas línguas brigaram por tomar o controle, e seus lábios estavam sedentos por beber um do outro.

Ela tinha a mão esquerda amarrada ao travesseiro da cama, assim não podia mudar de postura, mas ele tinha as duas mãos livres e aproveitou para levantar a camiseta e deixar descoberto seus preciosos seios. Era preciosa, perfeita, e Simon passou a língua pelos lábios. Inclinou a cabeça e beijou um dos seios com a mesma determinação com que antes a estivera beijando na boca. Notou que Maria movia a mão que tinha livre, e durante um terrível instante acreditou que o afastaria, mas quando sentiu que se aferrava a ele e retinha a cabeça entre os seios, um gemido gutural escapou de sua garganta. Abandonou o seio que estivera torturando com lábios, língua e dentes, e foi em busca do outro. Um delicioso som saiu dos lábios de Maria, o som mais doce que Simon já ouvira, e deslizou uma mão para baixo para tirar a calcinha. Com a outra mão acariciou o estômago e as costas. Ela tremia, mas não de medo, e ele estava a ponto de se precipitar pelo abismo. Desesperado por olhá-la nos olhos, voltou a aproximar-se de seu rosto. Maria sustentou o olhar um segundo, e então o puxou e o beijou como nunca antes beijara alguém, como se precisasse para seguir vivendo, e Simon soube então, sem dúvida, que faria o que fosse para que Maria se lembrasse e o amasse tanto como ele a amava.

O beijo continuou e continuou Simon não podia respirar, e também não o precisava, se Maria continuasse consumindo-o com aquela paixão... Mas queria algo mais, precisava saber o que parecia dar prazer à única mulher que o completava e completaria para sempre, assim deslizou uma mão para sua virilha. Simon estremeceu e deu graças aos deuses por ter lhe dado esta oportunidade. Maria estava quente, excitada, e movia timidamente os quadris em busca de sua mão. Colocou a palma em cima do seu sexo, e ambos ficaram imóveis durante um segundo. Aquela reação não era normal. Era como se seus corpos se fundissem, e Simon já não sabia se o tremor que sentia era dele ou de Maria. Lentamente, deslizou um dedo até encontrar o lugar mais íntimo de sua alma gêmea, e voltou a parar. Ia ser incapaz de fazer amor. Não ia poder aguentar, assim suplicou:

—Me toque.

Devagar, agonizantemente devagar, Maria afrouxou os dedos da nuca de Simon e baixou a mão até a ereção. Ela nunca fizera algo assim, mas seu instinto a guiou. Parecia que sabia exatamente como tinha que atuar para fazê-lo feliz, como se tivesse nascido sabendo. E apesar de tudo o que ele significava em seu passado, queria satisfazê-lo, ao menos ali, nesse instante.

Quando os dedos de Maria rodearam sua ereção, Simon soltou o ar que não sabia que estivera contendo e afundou um dedo em seu interior. Maria arqueou as costas, e ele aproveitou para beijar o pescoço. Agora que por fim sabia o que parecia ser ao estar dentro dela, soube que quando por fim fizesse amor, seria o guardião mais feliz do mundo. Da história. E ao mesmo



tempo soube que quando isso acontecesse queria que Maria o amasse. Negando-se a danificar o encontro, o melhor encontro sexual de toda sua existência, com sonhos que demorariam um pouco em ser realidade, Simon se deixou levar pelo prazer e a paixão que só ela fora capaz de despertar nele. Acariciou-a e beijou como se sua vida dependesse disso. E dependia disso. E recorreu a tudo o que aprendeu com outras mulheres para levá-la ao orgasmo. Se Mara continuava negando-se a lembrar de seu passado, talvez o sexo conseguisse derrubar aqueles muros que os separavam.

Mara sentiu como o calor que nascera em seu estômago ia estendendo-se por todo seu corpo. Os lábios de Simon não deixavam de beijá-la, de levá-la a um lugar no qual não existia a solidão, nem a tristeza, nem os pesadelos, um lugar no que só estavam eles dois e o incrível prazer que criavam juntos. Com os dedos, ele se apoderou de um espaço que nunca entregara a ninguém, e se deixou guiar até aquele lugar, até então desconhecido. As pernas tremiam, e ao mesmo tempo não podia deixar de acariciar a poderosa ereção que se deslizava entre seus dedos. Notou que Simon se esticava que se aferrava a ela e a apertava contra seu torso.

—Lembre-se Maria — ouviu sussurrar.

E com essa súplica, esse rogo, ambos alcançaram o orgasmo. Seus corpos se estremeceram juntos, abraçados o um ao outro, o único lugar seguro em meio da deriva de prazer em que se perderam.

Capítulo 15

Depois daqueles beijos e carícias, tanto Simon como Mara voltaram a ficar adormecidos. Ele foi o primeiro em despertar e durante uns segundos se permitiu o luxo de abraçá-la e não pensar em todos os problemas que os esperavam fora daquele motel que, embora horrível, convertera-se em seu lugar preferido da terra. Ela se encolheu entre seus braços e respirou profundamente, e Simon deu um último beijo na testa. Com muito cuidado, e esforçando-se por não despertá-la, saiu da cama e a deixou dormindo. Afastou apenas um passo quando viu que o pulso de Maria continuava atado ao travesseiro. Retrocedeu e acariciou a pele do antebraço. Ia soltá-la, queria soltá-la, mas não fez, porque uma parte dele sabia que até que lembrasse seu passado, não poderia confiar nela.

Mara ouviu correr a água da ducha e abriu os olhos. Demorou uns instantes em identificar aquela horrível colcha e o papel estampado da parede, e quando o fez, imediatamente reviveu em sua mente os beijos e carícias de Simon, e se ruborizou dos pés à cabeça. Ela nunca fizera nada remotamente parecido ao que compartilharam os dois, e ainda não sabia como foi capaz de confiar nele dessa maneira. Sem limites. Sem reservas. A água parou e Mara se voltou como pôde para o lado do banheiro. Simon não demorou nem cinco minutos em aparecer; recém tomado



banho, sem se barbear e com um sorriso tímido e vacilante nos lábios.

—Bom dia — disse ao ver que estava acordada.

—Bom dia — respondeu ela.

Os dois pareciam inseguros, e andavam nas pontas dos pés por cima daquela trégua que se instaurou entre eles. Uma trégua forjada a base de beijos.

—Quer tomar banho? —perguntou ele aproximando-se do travesseiro com uma navalha. Cortou a fita pelo extremo da cama e logo se aproximou o pulso da Mara aos lábios. Deu um beijo na parte interior e cortou o outro extremo do plástico.

—Obrigado — disse ela quando Simon soltou o braço— Sim, eu gostaria de tomar banho. — Para ver se assim conseguia esclarecê-las ideias.

—Temo que não tenho calças de seu tamanho, mas posso emprestar outra camiseta. — Deixou o objeto em cima da mesinha da cabeceira— E um pulôver.

—Está bem, obrigado.

—Ducha. Espero aqui. —sentou-se na cama vazia e ligou seu telefone celular.

Mara saiu da cama e foi tomar banho, ainda surpreendida por essa nova faceta dele. Colocou-se sob a água e, durante uns segundos, não pensou em nada, mas as dúvidas a respeito do que havia passado, e o que ficara por passar, não demoraram em aparecer em sua mente. Onde estavam? Aonde foram? O que pretendia fazer Simon com ela? Quem diabos era Simon? Como podia avisar seu tio? Muitas perguntas que ela não sabia como responder, e a única pessoa que podia ajudá-la a fazê-lo, era o homem misterioso que estava esperando-a ali fora. Assim, que vestiu com aquela camiseta que cheirava a ele, pôs os jeans manchados de sangue do dia anterior e foi a seu encontro.

—Está preparada? —perguntou Simon ao vê-la aparecer.

Enquanto Mara tomava banho, aproveitou para mandar um correio eletrônico a Ewan contando o acontecido e dizendo que se dirigia para Vancouver com Maria e as amostras de sangue. Escutou uma mensagem de Bastian no que este dizia que fosse com cuidado e Simon o chamou imediatamente. Sebastian não pegou o telefone, assim decidiu que voltaria a tentar mais tarde; seu tom o deixou inquieto.

—Sim.

Simon desligou, colocou a mochila no ombro e abriu a porta.

—Vamos, temos que ir daqui. Não quero que os soldados do exército das sombras nos encontrem.

Ela saiu ao corredor e o olhou.

—Vejo que já não acha que estou com eles — disse.

—Digamos que estou disposto a contemplar novas hipóteses.

Uma vez diante do carro, abriu a porta e esperou que Mara se sentasse. Ela viu que segurava outra daquelas ditosas fitas entre os dedos, e levantou a vista para olhá-lo.

—Me diga que não tratará de fugir — pediu ele— e não porei isso.

—Simon, ponha-se em meu lugar, não sei aonde vamos, não sei o que é, não sei...

Colocou um dedo nos lábios para silenciá-la.



—Proponho uma coisa. Eu responderei a suas perguntas se você responder às minhas. —Fez uma pausa—. Sempre que me diga a verdade e se me prometer que não tratará de fugir até me escutar. De acordo?

—O da verdade também vale para você?

—É obvio — afirmou ele, ofendido pela insinuação.

—Então de acordo — respondeu Mara sincera. Sua proposta parecia mais do que sensata, e quanto mais averiguasse a respeito dele, mais provas teria em seu contrário. Se é que no final era culpado de algo, disse uma voz em sua cabeça.

Simon guardou a fita no bolso e sorriu.

—Feche o cinto — disse, antes de fechar a porta e dirigir-se para o lado do condutor.

Sentou-se depois do volante e durante um momento dirigiu em silêncio. Ela parecia estar pensando sua nova situação, e ele também aproveitou aqueles instantes de paz para pensar.

—Aonde vamos? —foi à primeira pergunta de Mara.

—A Vancouver — respondeu Simon— A família de minha mãe era dali, e meu pai construiu uma casa para que pudéssemos ir até lá de férias. Você nunca chegou a ir lá.

—De verdade, acha que nos conhecemos quando éramos pequenos? —perguntou ela, olhando-o com suspeita.

—Sei que nos conhecemos de pequenos.

—Quando?

—Quando você tinha uma semana. Meus pais me levaram para vê-la; parecia um rato.

—É uma história linda, mas não é verdade.

—Como sabe? —Simon decidiu mudar de tática; embora doesse, não ia zangar-se se com ela porque tivesse se esquecido— É impossível que se lembre do que aconteceu quando só tinha uma semana de vida.

—Tem razão — conveio Mara—, e, segundo você, quando passamos tanto tempo juntos?

—Agora minha vez de perguntar —disse ele com um sorriso— De onde sai o sobrenome Stokes? Sua mãe, Nina, não se chamava assim.

—Meu tio e minha mãe na realidade eram meios-irmãos, só irmãos por parte de mãe. Meu tio se chama Stokes, Ronan Stokes, e quando se encarregou de mim trocou meu sobrenome.

—Por quê?

—Porque não queria que ninguém, e quando digo ninguém, me refiro ao seu pai e a sua família, me encontrassem.

—Compreendo.

Depois dessa resposta, que lembrava o grande abismo que existia entre os dois, voltaram a ficarem mergulhados em um longo silêncio.

—Qual é sua primeira lembrança de seu tio? —Nesta ocasião, foi ele quem reiniciou a conversa.

—Do dia que o conheci no hospital.

—No hospital? —Simon apertou o volante até que os nódulos dos dedos ficaram brancos—.



Esteve doente? Quando, o que teve?

Mara o olhou durante uns segundos antes de responder. Era impossível que alguém conseguisse fingir a angústia e preocupação que havia sua voz.

—Não estive doente. Sofri um acidente.

—Um acidente? —Simon tinha suas suspeitas à respeito do que aconteceu, mas queria escutar a versão que o tal Ronan Stokes contara a sua sobrinha.

—Depois do assassinato de meus pais — Mara decidiu omitir a insinuação a respeito da identidade do assassino— acharam-me com uma tia avó de Ronan, a senhora Rubens.

—Não me diga isso, que não se lembra dela? —interrompeu-a Simon.

—Era muito pequena — respondeu Mara na defensiva—. Quer saber do acidente, ou não?

—Claro, me perdoe. Continue.

—Parece-me, que a senhora Rubens me levava de carro a casa de uns amigos quando um motorista passou um sinal de pare. Ela morreu no ato, e eu estive vários meses internada no hospital.

A morte da senhora Rubens não surpreendeu Simon, e tinha certeza que a data desse acidente de carro, coincidia com o sequestro de Maria na Escócia e a aparição, dias mais tarde, daquele vestido ensanguentado.

—E seu tio se apresentou no hospital?

—Sim, disse-me que ele e minha mãe brigaram anos atrás e que por isso eu nunca o havia visto.

—Sabe por que brigaram?

—Não, a verdade é que não. Perguntei uma vez e me disse que não valia a pena falar de algo que já não tinha solução.

Simon tomou nota mental de averiguar o motivo dessa briga. Se fosse verdade que o tal Ronan Stokes era meio-irmão da Nina Gebler, possivelmente o motivo de sua briga estivesse relacionado com o assassinato do casal.

—Posso perguntar uma coisa? —disse Mara depois de ter passado os últimos quilômetros olhando pela janela.

—É obvio, acreditava que isso era o que estávamos fazendo. —Simon desviou um segundo o olhar da estrada para se dirigir à ela— perguntar coisas.

—Olha, não quero que pense que estou lhe dando razão, mas ao mesmo tempo é a primeira vez que conheço alguém que sei que... E bom você e seu pai... —divagou Mara, nervosa.

Ele afastou a mão direita do volante e agarrou a esquerda dela. Entrelaçou os dedos com os seus e esperou uns segundos para que se acalmasse.

—Me pergunte o que quisesse, prometo que seguirei pensando que me considera um delinquente. —pisçou um olho e voltou a olhar para a estrada— Vamos, o que quer saber?

—De verdade, conheceu meus pais?

—Sim.

—E...

—E, o que?



—Como eram? Amavam-se? —secou uma lágrima com a outra mão e Simon fingiu não perceber.

—Minha mãe estava acostumada dizer que Tom era a única pessoa capaz de ganhar do meu pai nas cartas e não perder sua amizade. E sua mãe era muito carinhosa, sempre que vinham por casa perguntava-me coisas e me despenteava. Eu era muito pequeno, mas lembro de que estavam acostumados a chegar agarrados pela mão e que, enquanto estavam jantando, tocavam-se e se davam beijos. Meus pais faziam o mesmo, suponho que por isso me lembro. Quando você nasceu, ficaram tão contentes que seu pai quase deixou a cidade de New York sem bonecos de pelúcia. O meu pai ficou rindo do seu durante semanas, mas ele também foi comprar alguns, da nossa parte. O que você mais gostava era...

—Um cachorro — Mara terminou a frase por ele.

O coração de Simon deu um salto e teve que respirar fundo para voltar a falar.

—Sim, um cachorro. —Respirou fundo e se obrigou a esperar que ela dissesse algo mais, e quando viu que não o fazia, perguntou — Se lembra disso?

—Não exatamente, mas quando começou a falar me veio à mente à imagem de um cão de pelúcia. Durante anos, insisti para meu tio para que me comprasse um, mas como me passava quase todo o ano no internato, nunca o convenci. Quando aluguei meu primeiro apartamento, assegurei-me de que permitissem ter animais no edifício e com meu primeiro salário fui ao canil municipal e adotei um cão.

—Puzzle.

—Como sabe? —perguntou ela assombrada e um pouco assustada.

—Sua mãe tinha um que se chamava assim, e um dia você disse à minha que queria um igual — se limitou ele a dizer.

Mara não podia assimilar tudo aquilo. Se o que dizia Simon era verdade e os Whelan não só não mataram seus pais, mas também choraram sua perda, então, por que seu tio estava convencido do contrário? Não, Simon tinha que estar inventando tudo aquilo, se não, toda sua vida era uma grande mentira.

—Isso poderia ter sido averiguado de algum modo. Possivelmente levou anos me vigiando — o atacou confusa.

—Poderia, mas não o fiz. Se tivesse sabido que estava viva... —parou e respirou. Já conversaram suficientes coisas difíceis por um dia, o melhor seria deixá-lo para mais tarde— Passou toda sua infância e adolescência na Suíça? —perguntou, mudando de assunto.

—Quase toda. Vim aos Estados Unidos algumas vezes; meu tio é geólogo e trabalha em uma expedição afincada na Alaska.

—Que tipo de geólogo?

—Está especializado em jazidas petrolíferas.

«Que interessante», pensou Simon, e acrescentou imediatamente esse detalhe à lista mental que estava confeccionando sobre o Ronan Stokes.

Mara bocejou e disse um pouco envergonhada:

—Acredito que dormirei um momento.



—Sem problemas. Aviso quando pararmos.

Ele seguiu dirigindo e repassando tudo o que ela lhe contara. Agora já não tinha nenhuma dúvida de que Mara era Maria, mas no que ainda não chegara a nenhuma conclusão era à respeito desse tal Ronan. Atuou junto com o exército das sombras desde o começo? Ou era outro peão mais, outra vítima de lorde Ezequiel?

Capítulo 16

New York, delegacia de polícia do distrito 13.

Oliver Cardoso estava farto de que todos seus casos terminassem relacionados com Simon Whelan. O detetive não gostava de nada que ocultasse informação, e estava convencido de que aquele homem estava escondendo algo.

Depois da explosão do armazém, Cardoso investigou os armazéns que Whelan falou e conseguiu encontrar um vídeo gravado por uma câmara de segurança do cais no que aparecia uma caminhonete branca saindo a toda velocidade de uma das propriedades do grupo Whelan-Jura. A mesma caminhonete que agora tinha diante de si, com três cadáveres. Três homens que morreram sangrados por causa de umas feridas que pareciam feitas por um tigre com garras de aço. Genial, parecia que um X-Men andava solto pela cidade. Era o que faltava. A dita caminhonete estava registrada por uma empresa de nome impronunciável, mas os agentes do departamento de delitos financeiros, conseguiram dar informação. Oliver sempre acreditara que os membros dessa unidade eram muito mais perigosos que os policiais comuns como ele. Ou mesmo da Fazenda, eles sim que conseguiam dar medo a todo mundo.

A empresa em questão estava registrada em nome de Jeremiah Claybourne, um rico empresário de New York que recentemente anunciou seu compromisso com a ex-esposa de Simon Whelan. O senhor Claybourne denunciou o roubo da caminhonete dias atrás, mas Cardoso não acreditava na história. Algo não encaixava.

Abandonou o laboratório e retornou à sua mesa. Repassou os informes que Whelan lhe dera e os que confeccionou ele mesmo, depois de interrogar a todas as testemunhas e analisar todas as testes de que dispunha. Não tinha sentido, por que diabos alguém entrava naqueles locais se não levavam nada? O que havia matado aqueles caras?

—Detetive — uma agente chamou a sua porta— tem visita.

Oliver levantou a vista do relatório e sorriu.

—Sebastian, que alegria vê-lo! —Abraçou aquele que fora seu melhor aluno na academia de tiro. Sebastian Kepler pertencia a um corpo de elite que o detetive treinava de vez em quando— O que o traz por aqui?

—Tenho que pedir um favor.



Mara despertou e viu que estava escurecendo. Deveria ter dito algo, mas seu estômago se antecipou. Devia estar mais cansada do que acreditava, ou seu corpo decidiu que precisava se desconectar para tratar de assimilar aquelas surpreendentes revelações a respeito de seu passado. Ela jamais pode dormir em um carro, e parecia que agora o fizera durante horas.

Simon tem que estar cansado, pensou, e imediatamente se repreendeu por isso.

—Tem fome? —perguntou ele.

—O que? —disse Mara um pouco confusa.

—Perguntei se tem fome — repetiu com um sorriso, alheio ao que acontecia na mente dela.

—A verdade é que sim — respondeu um pouco envergonhada— Eu sinto.

—Não se desculpe, eu também estou faminto. De fato, acredito que o que a despertou é meu estômago roncou— mentiu, para ver se assim conseguia devolver o sorriso. E quando Mara em efeito sorriu, quase o deixou sem respiração— Lamento que não possamos parar para comprar roupa, tenho certeza que em casa há algo que lhe sirva.

—Tem por costume sequestrar a garota? —Tratou de parecer ofendida, mas terminou soando como um flerte.

—Não, você é a primeira, embora acredite que estou pegando o jeito. Minhas primas vão frequentemente para casa — explicou.

—Quantas primas tem?

—Muitas. Parece que o irmão de meu pai é incapaz de ter filhos.

Era uma conversa tão mundana, tão de casal que sai para jantar ou ao cinema, que ambos ficaram mudos. Mas a diferença dos anteriores silêncios, esse não foi incômodo para nenhum dos dois.

—Aí há um posto de gasolina. Possivelmente encontremos algo para comer.

Reduziu a velocidade e girou para o posto. Simon saiu primeiro e foi abrir a porta para ela. Ajudou-a sair e deu a carteira com um gesto que à Mara pareceu muito íntimo.

—Porei gasolina, já a alcanço — disse.

Ela pegou sua carteira e assentiu, voltando-se para a cafeteria do posto de gasolina. Simon ficou embevecido olhando-a enquanto realizava de modo automático, os gestos necessários para encher o depósito. Nunca gostou do aroma de gasolina, mas aquele fedor...

—Maria, vai embora! —gritou, segundos antes que uma criatura horripilante aparecesse diante dela— Corre!

Mara não reagiu, e quando aquela coisa tratou de apanhá-la, Simon deu rédea solta ao guardião e estendeu as garras de aço e as presas ao mesmo tempo. Lançou-se sobre o monstro e cravou as afiadas lâminas no esterno até sentir que o atravessava até as costas. Logo deixou cair o cadáver ao chão e com a extremidade do olho viu que se aproximavam mais.

—Foge daqui, Maria! Corre! —Procurou com o olhar algum lugar seguro— Esconda-se ali — assinalou o que devia ser um celeiro e deu a Glock com a qual ela havia atirado— Irei te pegar.

Mara correu e tratou de não dar meia volta para assegurar de que Simon continuava vivo. Aquelas coisas eram asquerosas. De onde diabos saíram? Entrou no celeiro e, ao cruzar a soleira, uma mão cobriu a boca enquanto outra a segurava pela cintura. Iria morrer.



Simon se enfrentou em mais de uma ocasião os soldados do exército das sombras. Inclusive teve que lidar com alguns cães do inferno, mas nunca tivera que lutar contra seres como aqueles. Pareciam uma estranha mistura de soldados do inferno, zumbis de um filme de terror e seu pior pesadelo. Não tinham medo de nada e demoravam para serem mortos. Era como se não sentissem dor, a diferença dele, que acusava cada um dos golpes que recebera. Mas bastava pensar em Maria para seguir lutando. Como fora tão tolo, como não percebera de que o posto de gasolina estava deserto e que estavam sendo seguidos. Amaldiçoou uma e outra vez enquanto ia acabando com aquelas criaturas. Sairia dessa, não, quando saísse dessa, dirigiria à casa de Vancouver sem parar. Ali poderia proteger sua alma gêmea.

—Tio Ronan! —exclamou Mara, surpreendida ao descobrir a identidade do homem que a retinha. Em um ato reflito, abraçou-se a ele, mas em seguida se soltou para poder olhá-lo ao rosto— O que está fazendo aqui? Como sabia...?

—Seu celular tem localizador GPS. O instalei pessoalmente — explicou seu tio antes que ela pudesse terminar a pergunta.

—E por que não veio me buscar antes?

Ele tocou nervoso o pescoço da camisa antes de responder.

—Não pude até agora — respondeu incômodo.

—Temos que sair daqui. Umas criaturas horríveis estão atacando Simon — disse ela dirigindo-se já para a porta.

—Não, espere. Têm ordens de não matá-lo.

—O que disse? —Mara parou em seco— Ordem de quem? Que diabos são essas coisas? E como sabe você o que elas têm que fazer? —Abatida, sentou-se em uma lata de palha— Será melhor que comece a falar, tio.

—Lembra de que disse que se não fosse por lorde Ezequiel e o exército das sombras jamais a teria encontrado?

—Sim, lembro-me — respondeu alerta.

—Pois bem, outro dia lorde Ezequiel me lembrou de que tenho que saldar minha dívida com ele.

—Que tipo de dívida, tio? O que são essas coisas? Eu sempre acreditei que o do nome era só um exagero, e quando perguntei isso me disse que não tinha importância. Mas depois do que vi...

—Agora não tenho tempo de contar isso tudo, mas tem que saber que sempre será minha sobrinha, e que se pudesse voltar atrás e fazer as coisas diferentes com sua mãe, eu...

—Sei tio — assegurou-a, interrompendo.

Ronan pigarreou e recuperou sua habitual compostura.

—Lorde Ezequiel veio para ver e me disse que chegou o momento de saldar minha dívida.

—E o que tem que fazer para saldá-la?

—Entregar Simon Whelan vivo e abanando o rabo.

O coração de Mara deu um salto e decidiu que analisaria mais tarde se era por medo de



perder Simon, ou por não poder colocá-lo nas grades.

—Por quê? O que tem que ver ele com lorde Ezequiel?

—Não sei, e a verdade é que não me importa, mas lorde Ezequiel se antecipou a sua reticência...

—Eu não...!

—Espere, já o falaremos mais tarde. —Voltou a pigarrear—. Lorde Ezequiel me pediu que se dissesse que entregaria Simon, ele diria onde está Claire.

Mara ficou estupefata, e a não ser porque estava sentada, teria caído no chão. Como sabia?

—A verdade é que não tenho nem ideia do que significa —prosseguiu Ronan— que eu saiba, não conhece nenhuma Claire, não?

—Quando quer que entregue Simon? —perguntou ela.

Sua mãe pediu em sonhos que encontrasse Claire, e possivelmente lorde Ezequiel pudesse ajudá-la a achar respostas. Não queria trair Simon, mas sua mãe... Além disso, saltava à vista que ele sabia ocupar de si mesmo. Tinha certeza que conseguiria escapar, ou possivelmente ela, quando soubesse o paradeiro de Claire, pudesse chamar à polícia e pedir ajuda.

Ronan a olhou surpreso e aliviado ao mesmo tempo.

—Você continua como está até agora. O celular nos dará sua posição exata. Sabe aonde se dirigem?

—A Vancouver, à uma casa da família materna de Simon.

—Perfeito. Lorde Ezequiel me disse que irá pegar Whelan dentro de dois dias. Retorne com ele e age como se nada tivesse acontecido; tudo terá terminado dentro de pouco, você verá.

—Sim, tudo terá terminado.

Simon chegou ao celeiro com a respiração entrecortada, a ferida do ombro e da coxa abertas, e algumas mais acrescentadas à coleção, mas nada doeu tanto como o que ouviu ao se apoiar na parede de madeira para descansar. Mara estava falando com um homem, que identificou como Ronan Stokes depois de alguns frases, e estava negociando sua entrega ao senhor das sombras. Ia entregá-lo a seu pior inimigo em troca de obter a informação sobre onde estava Claire. E Simon que acreditou que ela começara a sentir algo por ele. Ficou ali, escondido entre as sombras, até que Ronan se foi pela parte detrás do celeiro, e durante todo esse momento tratou de fazer retroceder ao guardião. Não podia acreditar que a mesma mulher que o beijou essa manhã, a mesma com a que compartilhou confidências no carro, estivesse disposta a traí-lo sem pestanejar, mas parecia que era assim. Já deveria estar acostumado que as mulheres o usassem; sua ex-esposa o quis por seu dinheiro e posição social, e, parecia, Mara, agora que a descobriu se negava a referir a ela como Maria, o queria como moeda de mudança. Se o tivesse pedido, ele a teria ajudado a encontrar Claire. Por todos os deuses, faria algo por ela. Furioso, bateu a parede com a palma da mão.

—Há alguém aí? —perguntou Mara— Simon?

—Sim, sou eu — respondeu decidido a seguir com a farsa— Estou aqui.



Entrou e, quando ela o viu, lançou o pescoço e o abraçou.

—Estava tão preocupada — sussurrou, grudada aos seus lábios antes de beijá-lo.

Foi um beijo curto, porque Simon o interrompeu incapaz de beijá-la sem lembrar a frieza com que disse a seu tio que o trocava por informação.

—Temos que ir — disse, para justificar a urgência.

—Claro.

Juntos correram para o carro, que, por sorte, saiu ileso do ataque das criaturas, e Simon ligou antes de sentar.

—Meu Deus, está sangrando! —exclamou Mara— Tem que ir a um hospital.

—Não, amanhã estarei bem — o assegurou— já o verá. Procurarei um lugar onde passar a noite e amanhã seguiremos nosso caminho. Se não tivermos mais surpresas, ao anoitecer poderíamos estar em Vancouver.

—Como pode estar tão tranquilo? —Ela começava a tomar consciência do que aconteceu— Como pode dizer que manhã estará bem se está deixando o assento do carro ensopado de sangue? —Mas assim que terminou de pronunciar a última sílaba, se deu conta de que uma das feridas do braço direito se estava fechando diante de seus olhos— O que...?

—Quando no armazém me apontou uma pistola, não parecia que o sangue te afetasse tanto— brincou ele— Além disso, uma garota que conhece exército das sombras já deveria estar acostumada a estas coisas. —Supôs que aquele momento era tão bom como qualquer outro para medir o terreno em relação aos conhecimentos que Mara tinha sobre os guardiões e outras criaturas.

—Já disse então que não estavam comigo — se defendeu ela outra vez.

—Mas vejo que não nega que os conhece. Quantas pessoas acha que terá ouvido falar do exército das sombras, ou de lorde Ezequiel?

—Meu tio me levou na casa de lorde Ezequiel um verão. —Simon conseguiu ocultar o surpreso que ficou ao ver que Mara o contava— Mas não nunca o vi. Sei que meu tio tem alguns assuntos com o exército das sombras, e, segundo ele, foram eles que me salvaram a vida depois do acidente. —Viu que Simon apertava o volante até ficar com os nódulos brancos— Mas até a alguns dias acreditava que só era um nome. Não tenho nem ideia do que são — respirou— igual a não tenho nem ideia do que é você.

O que sou eu? —pensou ele—. Um estúpido? Um incrédulo? Um cínico?

—Sou um guardião. Um guardião de Alexandria — respondeu.

Ainda não sabia como ia escapar da armadilha que Mara estava preparando, mas chegou à conclusão de que o fato de que soubesse a verdade a respeito dele não iria mudar as coisas.

—O que significa isso?

—Significa que pertenço a uma raça de guerreiros cuja missão é proteger os humanos. Meu pai também era um guardião, e meu avô, e todos meus antepassados.

—Meus pais sabiam?

—Sim, os dois sabiam. Na realidade, seu pai estava no controle de um projeto muito importante para meus.



—Que projeto?

Simon quase se esqueceu do projeto Ícaro e de suas consequências.

—Agora não é o melhor momento para falar sobre disso. —Não queria dizer que continuava viva graças ao sangue dele e aos descobrimentos dos pais de ambos— contarei isso quando chegarmos. —*E tenha diante de mim provas que sustentem minhas palavras*, pensou.

—Pode estender às garras e as presas à vontade? —Mara sempre fora muito curiosa, e ter diante de si um ser que em parte pertencia a outro mundo, a fascinava.

Simon não respondeu, mas sim se limitou a afastar a mão direita do volante e estender e retrain as garras.

—E os olhos negros?

—Não, os olhos não. Mudam quando o guardião acorda.

—Acorda?

—Assim é como chamamos os momentos nos que afloram nossos instintos.

—Você é humano?

—Sim. Nasci igual a você, e morrerei igual a você.

—Se não é um ser imortal, por que vi como a ferida do braço curava sozinha?

—Um guardião é imortal até que conhece sua alma gêmea.

—Alma gêmea?

—A única mulher que poderá amar, capaz de completá-lo e dar filhos — explicou direto.

—Que romântico!

Duvido que dentro de uns dias pareça assim, isso pensou.

—E a tatuagem?

—Que tatuagem?

—Que tem no pescoço — disse ela, e com um dedo assinalou a zona.

Merda estava perdido. Simon não percebeu de que a tatuagem começara a aparecer. Esta aparecia quando um grande guardião encontrava a sua alma gêmea, o que significava que Mara era a sua, e embora essa notícia, tempos atrás o teria embriagado de felicidade, agora o enchia de tristeza.

—A tatuagem não tem nada que ver com isso — respondeu distante. Não queria se humilhar diante daquela mulher que não sentia nada por ele.

—É bonito — disse ela olhando-o de forma estranha.

—É uma tolice. —Viu umas luzes e girou o volante— Nos deteremos aqui.

—E o que acontece quando um guardião encontra a sua alma gêmea? —Não sabia muito bem por que, mas tinha o pressentimento de que quanto mais soubesse a respeito dos guardiões e seu mundo, melhor seria.

—Quando um guardião encontra a sua alma gêmea perde o dom da imortalidade. Segue convertendo-se em guardião, e se for ferido de gravidade há um modo em que pode seguir enganando a morte.

—No que consiste?

—Tem que beber sangue de sua alma gêmea.



Parou o carro de repente no estacionamento do motel e, igual à noite anterior pegou o casaco e agarrou a mochila. Pediu um quarto no andar de baixo e perto do estacionamento, e o recepcionista o deu sem perguntar nada. Talvez fosse o traço distintivo dos desse ofício, pensou ao lembrar-se do outro motel; a capacidade de não se alterar por nada.

Entraram no quarto, cujo modelo era igual ao outro, e Simon deixou a sacola no chão. Tirou outra camiseta e a nécessaire, e caminhou em direção ao banheiro.

—Irei tomar um banho — disse isso.

—Quer que ajude com as feridas? —perguntou ela, que parecia ter interpretado seu silêncio como uma amostra de cansaço e não de dor.

Claro — pensou Simon—, Mara não sabe que a ouvi falar com seu tio.

—Não precisa —respondeu— tenho certeza que você também está cansada. Sabe de uma coisa? Tome banho você primeiro, assim poderá se deitar.

Ela o olhou nos olhos. Aquele Simon tão distante não se parecia em nada ao que a tinha despido nessa mesma manhã. Claro que havia brigado com uns seres sanguinários e que parecia pó.

—Obrigado — aceitou o cavalheiresco gesto— Não demorarei em nada. Posso pegar outra camiseta?

—Pegue o que quiser. —*Já que ficou com meu coração.*

Mara cumpriu sua palavra e saiu do banho em menos de cinco minutos. Simon entrou depois e se colocou sob a ducha da água quente até que esta começou a sair fria. Logo se sentou no privada e se remendou o melhor que pôde. Seu corpo começava a ser mortal, e se não bebesse de sua alma gêmea iria demorar uns dias para se curar. Ficou no banheiro muito mais tempo do necessário e quando saiu conseguira seu propósito: Mara estava completamente adormecida. Deitou na outra cama sem fazer ruído e fechou os olhos, possivelmente assim se esqueceria de que ela iria traí-lo.

Capítulo 17

Uma voz quebrada que não deixava de sussurrar um nome como se fosse uma prece despertou Mara. Girou a cabeça e viu que a agônica palavra escapava dos lábios de Simon: *Maria*. Não deixava de pronunciar seu nome. Dizia com dor, com raiva, com amor, e ao mesmo tempo em que mudava a inflexão da voz, seu corpo não deixava de se mover em cima da cama. Igual a se estivesse brigando contra um exército invisível. Brigando e perdendo.

Não podia encontrá-la em nenhum lugar. Sabia que Maria estava ali perto, quase ao alcance de seus dedos, mas por mais que o tentasse não a encontrava... Ou se desvanecia diante de seu nariz igual a uma miragem.



—Maria, Maria...

E o mais cruel era que, quando por fim podia tocá-la, ela o olhava nos olhos e dizia que iria matá-lo. E o fazia, enfiado uma adaga no coração.

—Maria, Maria...

Mara o chamou:

—Simon, acorde.

Nada, ele continuou sacudindo a cabeça de um lado a outro sobre o travesseiro. Se continuasse assim, terminaria por se machucar, pensou ela, e se levantou da cama para ir à sua.

—Simon. —Pôs uma mão no peito e, apesar do tecido da camiseta, viu que estava ardendo de febre. Tocou a testa e a encontrou coberta de suor— Simon, acorde. Temos que ir ao médico.

Ele seguiu prisioneiro da febre e de seu pesadelo.

—Simon, acorde, está-me assustando!

Abriu os olhos de repente.

—Maria? —perguntou ao vê-la.

—Sim, sou eu — disse Mara sem pensar. Sua mente só tinha espaço para preocupar-se com ele.

—Está assustada?

—Um pouco. —Ela sabia que Simon não estava consciente do que estava dizendo, mas respondeu de todos os modos.

—Não esteja. —Ele voltou a deitar levando-a consigo, apertando-a entre seus braços— Voltamos a estar juntos.

Essa frase pareceu tranquiliza-lo, e os dois dormiram algumas horas, mas quando a infecção voltou a fazer subir a febre, Mara se assustou mais que antes; Simon não parava de balbuciar coisas incompreensíveis a respeito de um escarpado e de sua alma gêmea, e ela já não sabia o que fazer.

—Simon, Simon, abre os olhos — ordenou, e quando ele obedeceu viu que tinha as pupilas tão dilatadas que ocupavam toda a íris— Tem que tomar algo. Sangue. —Lembrou-se do que ele lhe explicou— Sangue de sua alma gêmea. Precisa, sabe quem é? É o meu? —sentia-se tão assustada e preocupada que estava disposta a tentar o que precisasse.

—Maria, Maria é minha alma gêmea — confessou abatido— mas não está em nenhum lugar. Está morta.

—Estou aqui, Simon — sussurrou Mara abraçando-o—. Estou aqui. —pulou em cima dele, pegando todas suas curvas a seus músculos para que fosse bem consciente de que ela era real— Estou aqui —repetiu, acariciando o rosto e a barba. Percorreu o lábio inferior com o dedo indicador, e ele entreabriu os lábios para deleitar-se com a carícia. Mara viu que as presas se estenderam e aproximou mais— Tem que beber Simon. Por favor.

Ele continuava inerte.

—Por favor, Simon.

Nada. Mara não tinha nem ideia do que podia fazer para que um guardião bebesse sangue, mas naqueles dias aprendeu que sempre que Simon se excitava as presas cresciam mais, assim e



deu um beijo nos lábios. Um beijo que terminou com sua língua lambendo o lábio e passando por cima das presas em questão. Isso bastou para que ele despertasse o suficiente para beber dela.

Simon gemeu de prazer e a abraçou contra seu corpo. Sentindo um desejo e um frenesi que nunca antes sentira, afundou o rosto no pescoço dela e a mordeu. Mara, que esteve esperando aquele instante com um pouco de medo, estremeceu de prazer ao sentir que a mordida e começava a sugar. Jamais compartilhou algo tão íntimo com ninguém e teve inclusive a sensação de que podia ler a mente de Simon.

Cada gota de sangue que deslizava por seus lábios parecia mais deliciosa que a anterior, e podia sentir como Maria se excitava em seus braços. Podia sentir o calor que emanava de seu sexo, de todo seu ser. O líquido deslizava quente por sua garganta, e o notava percorrer por suas veias, marcando-os a ambos para sempre. Simon jamais poderia beber de outra mulher, e ela... O orgasmo foi tão demolidor que sacudiu ambos os corpos.

Minutos mais tarde, Mara notou que a respiração de Simon voltava à normalidade e suspirou aliviada. Ia ficar bem. Parecia, era sua alma gêmea. O que significava que disse a verdade. E que ela estava a ponto de trair o homem que nasceu para que ela o amasse.

Mara voltou a despertar, mas desta vez foi por culpa do ruído proveniente da rua. Abriu os olhos e viu que continuava na cama com Simon; este já não ardia de febre, mas sim descansava tranquilo. A colcha foi parar ao chão depois de... Depois, e Mara viu que a feia ferida da coxa desaparecera. Sem atrever a analisar em profundidade essa repentina cura, saiu da cama com cuidado de não despertá-lo e foi tomar banho. Mas antes de entrar no banheiro, recolheu a colcha do chão e tampou Simon com ela.

Simon não se lembrava a última vez que dormira tão bem. Despertou ao mesmo tempo em que Mara, mas decidiu continuava dormindo para ver o que ela fazia. Uma parte de si mesmo estava convencida de que procuraria o celular na mochila para chamar a seu tio ou mandar uma mensagem, ou possivelmente inclusive que agarraria a pistola e voltaria a atirar. Outra parte, a mesma ainda que não podia acreditar que nessa noite devotara seu sangue para curá-lo, não podia deixar de confiar que no final não o trairia e contaria toda a verdade. Mara não fez nenhuma das duas coisas, mas o fato de que o cobrisse com tanto carinho para que não tivesse frio o emocionou. Escutou correr a água e seguiu parecendo adormecido.

Ela saiu da ducha e ficou no banheiro cantarolando, e Simon sorriu e disse da cama:

—Já disse que Annie era seu musical preferido? — gritou.

—O que disse? —Mara pôs a cabeça. Usava uma toalha ao redor do corpo e outra na cabeça como se fosse um turbante.

—Que já disse que Annie era seu musical preferido — repetiu ele.

Ela sorriu ao se dar conta de que levava mais de cinco minutos cantando —destroçando— a canção *Tomorrow*. Não era consciente de ter visto o filme, mas Simon devia ter razão, porque se



sabia a letra de cor.

—Possivelmente a ouvi por aí — disse a falta de outra explicação.

—Possivelmente — conveio ele— umas cem vezes. —sentou-se na cama e girou o pescoço a ambos os lados.

—Está bem? Precisa mais...? —Não soube terminar. Qual era a etiqueta na hora de dizer a um cara que se quisesse, poderia beber mais sangue diretamente de seu pescoço?

—Sim, estou bem. E não, não necessito mais. —Deu uns passos até ela— Obrigado. Não precisava fazê-lo.

—De nada. —Ambos ficaram se olhando nos olhos e Mara foi primeira em quebrar o gelo— vou escovar os dentes. —Levantou a mão em que segurava a escova que pegou emprestado da nécessaire de Simon. Em um ato reflito que Mara não quis analisar muito, pegou a escova, e não ela.

—Claro.

Ele retrocedeu um pouco e deixou espaço; e fingiu não se dar conta de que ela estava fazendo algo tão íntimo como escovar dentes com sua escova. Aquele gesto o emocionou quase tanto, como o que tivesse dado seu sangue. Ele sempre desejou compartilhar momentos como esse com sua alma gêmea.

—Todo seu — disse Mara ao sair fazendo um gesto por volta do banheiro.

—Obrigado. —Simon foi entrar, mas parou na soleira— Se quiser, pegue minha carteira e vá procurar algo para tomar café da manhã. Os deuses sabem que venderia meu melhor amigo em troca de um café.

—Está certo? —Olhou-o incrédula.

—É obvio. Confio em você — mentiu.

Simon não confiava nela, mas graças ao que ouvira no celeiro, sabia que os homens de lorde Ezequiel não chegariam até o dia seguinte, e que certamente *a recolhimento* seria em sua casa de Vancouver. Não tinha sentido que ficasse paranoico, e, além disso, queria ficar só para ligar para Sebastian e olhar seu email.

Vira que Mara teve que engolir em seco depois de ouvir dizer que confiava nela, e que inclusive parecia sentir-se envergonhada de si mesma, mas se lembrou de que tudo formava parte da representação.

Mas não precisava que deixasse que a mordesse, disse o guardião.

Esperou a que se vestisse e saísse em busca dos cafés para entrar no banheiro. Tomou banho com água quente para ver se assim afrouxavam os músculos que ainda estavam doloridos, embora, depois do que aconteceu naquela noite, eram já muito poucos. Ali, nu sob a água bastou à lembrança do sabor dela para voltar a excitar-se, mas como não tinha tempo para ocupar-se de uma ereção matutina, pensou que Mara o estava utilizando e perdeu todo o entusiasmo. Terminou de tomar banho e se secou com movimentos bruscos. Vestiu-se e procurou o celular na sacola. Depois de descobrir Maria no celeiro com seu querido tio Ronan, Simon se desfez do telefone dela, mas parecia que Maria não se precaveu, nem tentou utilizar o dele. Não serviria de nada que o tentasse; o aparelho estava bloqueado e só ele conhecia a senha, mas tinha que



reconhecer que nem sequer tentou agarrá-lo.

Desbloqueou-o e ligou a Sebastian.

—Kepler — disse seu amigo ao responder.

—Sebastian, sou eu, Simon.

—Simon! Está bem? Onde diabos está? Não, não me diga isso, poderiam estar nos escutando.

—Estou bem, e não se preocupe pelo telefone, é seguro. Pôde fazer o que pedi?

—Não precisei. Quando cheguei ao local do cais, um soldado do exército das sombras chamado Demétrius estava carregando os corpos em uma caminhonete.

—Disse exército das sombras? —perguntou ele atônito e preocupado igualmente.

—Sim, isso. —Bastian soltou ar. Não foi um suspiro de resignação nem de exasperação, mas bem de cansaço— Deveria ter me contado isso, Simon.

—O que?

—Que é um guardião e que as criaturas do inferno existem no mundo real. Teria entendido, você é meu melhor amigo— *E possivelmente assim não me teria convertido em uma delas*, pensou.

Simon demorou uns segundos em responder, e o fez com duas perguntas:

—Desde quando sabe? Como descobriu?

—Descobri no Iraque, como, contarei isso quando nos virmos. —Não se via capaz de dizer por telefone que tinha a marca do inferno no pescoço, mas que não se preocupasse que tinha aprendido a dominar seus instintos— Tem que tomar cuidado, Demétrius não estava sozinho. Jeremiah Claybourne também estava no cais.

—Claybourne é o prometido de...

—De sua ex-esposa. Por certo, felicidades pelo divórcio — apontou Sebastian.

—Obrigado. Que diabos fazia Claybourne com um soldado?

—Ainda não sei — disse Sebastian—, mas pedi alguns favores e averigui que tem alguns investimentos conjuntos com lorde Ezequiel, e a mais interessante é no Alaska.

—Alaska — repetiu Simon assombrado pelo trabalho de investigação de seu amigo— Ali é onde trabalha Ronan Stokes.

—Isso também o sei — respondeu o outro. Pelo ruído que se ouvia através do telefone, Simon deduziu que Bastian estava dirigindo— A mulher que está com você é Mara Stokes, estou errado?

—Não, assim é, mas...

—Não pode confiar nela — disse seu amigo, sério.

—Sei — respondeu ele de maneira automática. Embora doesse admiti-lo, sabia que apesar do acontecido na noite anterior, não podia confiar em Mara— Fez uma armadilha. Amanhã irá me entregar para lorde Ezequiel em troca de informações a respeito de uma tal Claire.

—E posso saber por que diabos segue aí com ela? —perguntou Sebastian como se fosse idiota.

—Devo chegar à casa de minha família em Vancouver. Preciso fazer uns testes no



laboratório, e tenho que recuperar uns arquivos.

—Sempre foi teimoso como uma mula. Está bem, irei para lá, mas me faça um favor, ok? Procure que não o matem.

—Claro. Igualmente.

—E outra coisa — acrescentou Sebastian antes de desligar— Lembra que disse que tive que pedir alguns favores?

—Sim — disse Simon intrigado.

—Pois bem, Oliver me pediu que dissesse que mais vale ter uma boa explicação para tudo quando retornar, e que, por favor, não se comporte como o típico multimilionário malcriado.

—Oliver? Oliver Cardoso? Do que o conhece?

—O mesmo. Tranquilo, não é tão mau como aparenta. Tome cuidado.

E desligou antes que Simon pudesse recuperar-se da surpresa, mas este teve que reconhecer que sentia um grande alívio ao saber que Bastian o estava ajudando. Não sabia o que havia passado no Iraque, nem até onde chegavam seus conhecimentos a respeito dos guardiões e o exército das sombras. Se saísse vivo dessa, teria um largo bate-papo com seu amigo.

Aproveitou que Mara ainda não voltara para escrever um email a Ewan e contar do ataque. Descreveu o melhor que pôde às criaturas e confiou em que entre seu primo e os guardiões que haviam na Escócia, pudessem averiguar algo mais a respeito delas. Também transcreveu a conversa que mantiveram Mara e seu tio Ronan às escondidas no celeiro e relatou as linhas básicas de seu plano. Certo que Ewan ficaria furioso, mas Simon sabia o que tinha que fazer.

Capítulo 18

Quando Mara retornou com os cafés e um saco cheio de pães-doce da cafeteria do motel, Simon estava esperando-a sentado em uma daquelas horríveis cadeiras com capas de plástico. Se saísse com vida dali, jamais voltaria a ir a um hotel que não tivesse no mínimo três estrelas, embora tivesse que reconhecer que o café teve sabor de glória. Mara parecia preocupada, mas ao mesmo tempo se comportava com naturalidade, como se tivesse despertado toda a vida ao lado de Simon e fossem um casal desfrutando de uma excursão de fim de semana.

Possivelmente está tranquila porque sabe que logo se desfará de mim — pensou Simon— Ou talvez aproveitasse o momento que esteve fora para ligar para seu tio de um telefone público e disse que não pensa me entregar.

Bebeu o último gole de café que ficava no copo de papel e ficou em pé. Deu uma olhada ao quarto; jamais teria imaginado que o primeiro dia que beberia sangue de sua alma gêmea, seria em um lugar como aquele, e colocou a alça da bolsa do ombro. Mara recolheu os guardanapos e os copos em uma bolsa e jogou tudo no cesto de papéis que havia no banheiro. Quando saiu, ele já a estava esperando na porta.

Entraram no Range Rover e estiveram um momento em silêncio. Simon porque precisava



polir os detalhes do plano que tinha começado a tecer, e Mara porque não conseguia compreender o que estava acontecendo. Por um lado, queria acreditar em seu tio; Ronan a criara e sempre fora bom com ela. Por outro lado, estava desesperada por acreditar em Simon, e cada vez que ganhava esta parte, dava um salto o coração ao lembrar que disse a seu tio que o entregaria lorde Ezequiel. *Tenho que encontrar Claire e ajudá-la; mamãe me pediu isso. Sim, mas também poderia pedir ajuda a Simon.*

—Se não nos encontrarmos com mais surpresas — disse ele iniciando a conversa— esta noite chegaremos a Vancouver.

—O que acha que eram essas coisas? —perguntou ela.

—Não sei, nunca viu nada igual. E você? —Fingiu indiferença, mas esperou atento a resposta.

—Eu? Não, é obvio que não! —exclamou ofendida de que ele acreditasse que se relacionava com seres como aqueles— Até uns dias, o mais interessante que me aconteceu era perder o metrô. —ficou pensativa uns instantes— E meus sonhos — se atreveu a dizer.

—Que sonhos? —Simon conteve o fôlego. Não podia acreditar que tivesse essa confiança e ao mesmo tempo fosse capaz de traí-lo. Possivelmente mudara de opinião. Com certeza que sim.

—Nada, não são mais que tolices — disse um pouco arrependida de ter levantado o assunto.

—Mara, está falando com um homem que tem garras de aço e presas — retrucou.

—De acordo. Está bem. —Respirou antes de continuar—. Frequentemente sonho com meus pais; sempre estamos em um jardim no qual eles estão passeando. Parecem tão contentes. Eu me aproximo e me sento no colo de minha mãe, e ela me sussurra coisas ao ouvido.

—Que tipo de coisas?

—Coisas — respondeu Mara, e por sorte Simon deixou de insistir— até agora, não dei muita importância, mas nos últimos sonhos minha mãe está presa entre árvores e tem a cara de muito assustada. Pede-me ajuda, diz-me que tenho que ajudá-la, e... —passou as mãos pelo rosto— Não sei, não posso tirar a sensação de que era real.

Simon apertou o volante. Ouvira falar das Odisseias, criaturas mágicas que se comunicavam através dos sonhos. Ele sempre acreditou que não existiam, que eram só uma lenda, mas se não o eram... Deus, se Nina Gebler era uma dessas criaturas mágicas, então Maria também o era. E não só isso, pelas veias desta não corria unicamente o sangue de seu pai e de sua mãe, também o fazia de Simon, que era um guardião. Se ele conseguisse atar os cabos, era impossível que lorde Ezequiel não fizesse isso também; e este não ia deixar escapar Maria por entre suas garras.

—Simon, acontece algo? —perguntou ela ao ver que não dizia nada.

Simon ficou em silêncio, mas o que mais preocupou Mara foram seus olhos; ficaram negros de repente, e tremia um músculo da mandíbula.

—Nina sua mãe, de onde era?

—De Boston.

—Está certa?

—Claro que estou certa. Meu tio me contou que ele e minha mãe se criaram ali depois de que minha avó faleceu.



—E sua avó, de onde era?

—Da Grécia, por quê?

O pelo da nuca de Simon se arrepiou. A avó de Mara era grega, o que significava que sua mãe e ela também. E, segundo a lenda, ali era onde nasceram as primeiras Odisseias.

—Por nada, simples curiosidade. Esses são os únicos sonhos que teve?

—Sim, a verdade é que sim. —ruborizou-se. A única coisa similar aos sonhos a que aconteceu foi quando acreditou que podia ler a mente enquanto se beijavam, e não ia dizer tal coisa.

—Acredito que sei o motivo dos sonhos — comentou Simon— mas antes de contar minhas suspeitas eu gostaria de me assegurar de algo. E antes queria explicar o que aconteceu na Escócia.

Se Mara não ligou para seu tio para mudar de planos, certamente os soldados de lorde Ezequiel apareceriam pela manhã para levá-la e antes que isso acontecesse, queria que ela soubesse a verdade sobre seu passado.

—O que aconteceu na Escócia?

—Contarei isso quando chegarmos. Certo? —Inclinou a cabeça para olhá-la nos olhos.

—De acordo.

Simon voltou a fixar a vista para frente e deu por terminada a conversa.

A lenda de Gala

Diário dos guardiões

No princípio dos tempos, vivia no Peloponeso uma jovem espartana chamada Gala. Seu prometido e seus irmãos eram guerreiros temidos ao longo de todo o mediterrâneo, e ela e o resto das mulheres defendiam orgulhosas a aldeia, sempre que eles se ausentavam. Mas Gala sempre quis ser algo mais, ela sabia que em seu povo as mulheres tinham um papel importante, vital inclusive, mas sentia a necessidade de ir além de seu rol de conselheira.

Diz a lenda que o povo de Gala fora atacado no meio da noite por umas criaturas infernais que não luziam as cores de Atenas a não ser as demônio. Os homens estavam longe e ali só ficavam os anciões, os meninos e as mulheres. Todos pegaram as armas, e os que pereceram o fizeram com honra.

Gala se ocupou de esconder os meninos no bosque que havia atrás da aldeia, e depois de assegurar-se de que estavam a salvo, pegou sua espada e foi em busca daqueles monstros que ameaçavam destroçar seu futuro. Levara anos treinando escondido de seu pai e de seu prometido, imitando os movimentos que tantas vezes os vira fazer. A esses treinamentos furtivos se uniram dois de suas melhores amigas, Melisande e Naevia, e agora essas duas mulheres também se encontravam na praça do povo, lutando contra os demônios. E as três decapitaram vários, e o resto os deixaram bastante mutilados e feridos gravemente para entorpecer seus movimentos. Mas elas não eram rival para aquelas criaturas e as três receberam feridas mortais.

Gala, Melisande e Naevia estavam caídas em um atoleiro de seu próprio sangue quando uma luz branca que cegava, apareceu em frente às três. Dessa luz saiu uma mulher muito bela, que



inclusive doía olhá-la. A mulher se dirigiu para elas, mas antes parou e levantou uma mão em direção aos demônios sanguinários que ainda continuavam ali. De sua palma surgiu uma bola de fogo que os lançou pelos ares, eliminando-os da face da terra. A mulher sorriu satisfeita e se ajoelhou junto às três espartanas que estavam à beira da morte.

Conta à lenda que a mulher de luz branca era uma deusa, uma dos Cinco Grandes, e que converteu Gala, Melisande e Naevia em Odisseias, guerreiras defensoras da paz e da luz, fiéis companheiras de armas dos guardiões de Alexandria e grandes conselheiras. Mas nunca nenhum guardião conheceu nenhuma. Segundo a história ancestral, quando os guerreiros espartanos retornaram à aldeia só encontraram os meninos, e uma menina disse que todos morreram. Possivelmente as Odisseias viram algo que as impulsionara a se esconder, possivelmente não chegaram a existir nunca. Ou talvez sempre estivessem ali, nos ajudando das sombras.

Simon olhou para o assento do copiloto e viu que Mara continuava dormindo. Ela devia sentir que a olhava, porque abriu os olhos e piscou alguns vezes, até conseguir focar a vista.

—Sinto muito, tornei a ficar adormecida — disse.

—Não é nada. Estamos quase chegando.

Mara desviou a vista para as mãos dele e algo que viu, ou melhor, dizendo, que não viu, chamou a atenção.

—Não usa anel de casado?

Simon olhou o dedo, que carecia da marca do anel.

—Não, nunca cheguei a pôr isso, Naomi não gostava das alianças, no sentido mais amplo da palavra, e eu suponho que sempre tive a sensação de que não devia usá-lo.

—Por quê?

—O guardião não aceitaria muito bem. Naomi não era minha alma gêmea. — Expressou em alta voz o que era uma realidade. E não precisou que acrescentasse: *É você*— Não deveria ter me casado com ela.

—Por que fez?

—Boa pergunta — suspirou Simon— Suponho que me cansei de estar sozinho e, não sei, pensei que se desse uma oportunidade alguém, possivelmente poderia chegar a ser feliz.

—E funcionou?

—Nada mais longe da realidade. Com Naomi me sentia mais só que sem ela. Era como se o guardião não pudesse suportar tê-la perto. Não é que defenda Naomi, nem eu muito menos: minha querida esposa foi infiel e se interessou mais por minhas contas correntes que por meus sentimentos, mas a verdade é que nunca teve nenhuma possibilidade. E eu soube desde o começo.

—Tenho certeza que nem tudo foi tão ruim. —Mara não sabia por que sentia a perversa necessidade de averiguar como foi a vida de casado de Simon. Queria assegurar-se de que ele não foi feliz com outra, e que isso importasse tanto, havia lhe deixado desconcertada.

—Tudo, absolutamente tudo. Meu pai nunca gostou dela, e nem Sebastian, ou meus primos. Como disse só se interessou por meu dinheiro e pelo prestígio social que meu nome pudesse



proporcionar. Nunca foi minha companheira, nem sequer na cama.

—Não se deitou com ela? Sinto — acrescentou em seguida— não é meu assunto.

Sim é, pensou Simon.

—Claro me deitei com ela — respondeu — e suponho que naquele tempo o sexo não me parecia ruim, mas agora...

—Agora o que?

—Agora que sei como é, nem sequer me lembro do que se passou quando me deitei com Naomi.

Mara sentiu um grande alívio para ouvir essas palavras, e ruborizou-se até a ponta das orelhas.

—Estamos chegando — disse Simon ao girar para a direita para ir para um caminho de árvores— Já que você me perguntou a respeito de Naomi, também eu gostaria de te perguntar uma coisa.

—Claro. —Se perguntasse a respeito de seu passado sentimental, ia responder em menos de um segundo: não tinha. Mara nunca tivera nenhuma relação duradoura, nem esporádica, com nenhum homem.

—Todas essas provas que diz ter contra mim e meu pai, de onde tirou?

Não, não era a pergunta que esperava.

—Meu tio me mandou isso, disse-me que quem as enviou foi um contato que tinha na polícia.

—E não parece suspeito que apareçam precisamente agora? Você sabe melhor que ninguém que na empresa estão acontecendo coisas estranhas, e, em Londres, os guardiões tiveram que enfrentar à uma situação muito grave. Não parece muita coincidência?

—Possivelmente — conveio Mara— mas não vejo que relação pode ter uma coisa com a outra.

—Segundo seu tio, como morreram seus pais? —voltou-se para ela e viu que fechava os punhos e mordia o lábio inferior— Compreendo que pareça doloroso falar do assunto, e se não quer...

—Não, quero contar sobre isso — Respirou fundo— Preciso saber a verdade, e você é a primeira pessoa que conheço, além de Ronan, que pode me ajudar a encontrá-la.

Eu sou a única pessoa que pode contar a verdade — pensou Simon— Seu tio mente, embora ainda não saiba muito bem por que.

—Ronan me contou que minha mãe se apaixonou por meu pai assim que o viu. Parece, ele e meu pai nunca se gostaram e por isso se distanciou de minha mãe.

Simon supôs que se Nina era uma Odisseia, deveria ter pressentido que Ronan terminaria por lhe fazer mal e por isso se afastou dele.

—Meus pais se mudaram para New York — prosseguiu Mara, alheia a seus pensamentos— e ali meu pai conheceu o seu e começou a relacionar-se com gente perigosa.

Se por gente perigosa se referia aos guardiões, o tal Ronan andava muito enganado.

—Uma noite, seu pai entrou em minha casa com três tipos mais e os matou a ambos. —



Engoliu em seco— No relatório da polícia diz que encontraram seus rastros por toda a casa. Eu era muito pequena, e meu tio não podia se encarregar de mim, assim contratou a senhora Rubens para cuidar de mim. E já conhece o resto; ela morreu em um acidente de carro e meu tio veio me buscar no hospital.

—Como começou a suspeitar de meu pai? —perguntou Simon, intrigado pela cronologia dos fatos.

—Parece, inteirou-se do contato de meu pai com o seu, e quando o mataram não teve nenhuma dúvida de que fora Royce Whelan.

—Seu tio trabalha no Alaska, não é assim?

—Sim, por quê?

—Perguntou alguma vez o que faz ali, quem é seu chefe?

—É obvio. Ronan está se especializando em jazidas petrolíferas e a empresa para a que trabalha está contratada pelo governo.

—A empresa pertence à lorde Ezequiel —revelou Simon— Não me olhe assim, eu também tenho contatos.

—Que quer insinuar com isso?

—Insinuo que possivelmente o utilizaram.

—Por quê?

—Olhe, não deveria ter começado esta conversa no carro. O melhor será que esperemos para continuá-la em casa. Faltam só uns minutos. —Ela o fulminou com o olhar e Simon acrescentou— Pensa no que disse. Por favor.

Mara fixou a vista na paisagem e fez o que pedia. Pouco depois, o carro parou frente à uma impressionante mansão presidida por uma fileira de olmos centenários.

Heliporto da polícia de New York

—Me lembre de por que aceitei acompanhá-lo até o Canadá em missão oficial — disse Oliver Cardoso ao seu antigo aluno enquanto ambos subiam a um helicóptero. Só foram eles dois. Antes de ganhar o distintivo de detetive, Cardoso serviu nas forças especiais e era um piloto experiente, e Sebastian Kepler sabia fazer virtualmente de tudo, embora ninguém no governo admitisse em voz alta tê-lo treinado. Ninguém exceto Oliver, claro está.

—Aceitou porque não pode resistir à um bom mistério. E porque me deve — respondeu Sebastian, colocando o capacete de copiloto.

—Está bem — acessou Oliver fazendo o mesmo— mas espero que seu amigo Whelan esteja de verdade em perigo. Odiaria ter tirado esta preciosidade para nada. —Deu uns golpes ao quadro de comando.

—Simon corre perigo, mas se minhas suspeitas são certas, todos corremos.

—Ah sim, esquecia-se de sua teoria sobre a conspiração para alterar a distribuição de petróleo nos Estados Unidos e criar o caos na economia mundial. Teria que ter sido escritor.



—Sabe que o que digo tem sentido, se não, não estaria aqui.

—Óbvio que tenha razão. Devia ter lhe dado um tiro quando nos conhecemos.

—Luke não o teria permitido — disse Sebastian, e ao ver que ao Oliver apagava a luz dos olhos se arrependeu de ter feito o comentário— sinto muito.

—Não é nada — assegurou o detetive— Já faz mais de dois anos que morreu; deveria ter me acostumado.

—Não acredito que ninguém possa acostumar-se a perder o amor de sua vida — respondeu Sebastian, apertando o joelho de seu antigo instrutor para consolá-lo.

Oliver e Luke foram companheiros durante quase vinte anos. Conheceram-se quando ambos estudavam na academia militar e se apaixonaram quase imediatamente. Devido à política de sincretismo em torno das relações homossexuais, mantiveram a sua oculta durante muito tempo, mas nunca se separaram. Quando se licenciaram, procuraram empregos que permitissem sair do armário e ser felizes juntos sem ter que esconder. Oliver entrou no corpo da polícia de New York, e em seu primeiro dia de trabalho foi ver seu superior, o capitão Collins e disse que vivia com um homem e não como companheiros de apartamento. O capitão, que por sorte ainda continuava sendo seu chefe, olhou-o e disse que importava um rabanete e que saísse a patrulhar. Oliver não teria podido pedir melhor resposta. Por sua parte, Luke sempre gostou da natureza, assim terminou trabalhando no corpo de bombeiros da cidade.

Sebastian foi um dos poucos convidados ao casamento do casal, e uma das centenas que assistiu ao funeral de Luke, que perdera a vida em um brutal incêndio.

—Obrigado — disse Oliver, ao que ainda surpreendia receber amostras de carinho de alguém tão rude como Sebastian Kepler.

—Deveria tratar de conhecer alguém — sugeriu este— Dois anos é muito tempo.

—Não o ouço! —respondeu ao pôr em marcha as hélices.

—Pois temos fone! —riu Sebastian, feliz por ter conseguido animar seu amigo.

—Proponho uma coisa —disse o detetive ao separar— Se sair com uma garota mais de duas semanas, na terceira vamos jantar os quatro: você, eu, a senhorita perfeita, e o senhor maravilhoso. Feito?

—Feito. —Bastian aceitou a provocação. Sairia com uma garota durante três semanas, embora só fosse para que Oliver voltasse a dar uma oportunidade à vida. Ele, por sua parte, já perdera. Agora, o único que podia fazer era tratar de ajudar seus amigos, e se não chegassem a tempo ao Canadá, possivelmente perderia um dos melhores.

Simon entrou na casa antes que Mara e pediu que esperasse no carro. Não acreditava que houvesse ninguém esperando, mas não queria correr nenhum risco. Não contou nada a respeito da visita de seu tio no celeiro, mas ele continuava tendo a esperança de que o escutasse e dissesse a verdade. E que decidisse estar ao seu lado em vez de entregá-lo a seu pior inimigo. Depois de assegurar-se que não havia ninguém e acender as luzes, foi procurá-la no carro.

—Bem-vinda à minha humilde morada — disse ao pegá-la pela mão.



—É linda — sussurrou ela maravilhada.

—Sim, a verdade é que sim. Minha mãe adorava vir aqui.

Acompanhou-a para dentro e foi direto aos dormitórios que havia no andar superior. Deixou a sacola no que ele ocupava sempre quando ia ali de visita e guiou Mara até outro junto; um que estava acostumado a ocupar uma de suas primas.

—Acredito que no armário e as gavetas encontrará roupas de seu tamanho. Eu tenho que fazer uma coisa, em seguida já volto. Sinta-se como em casa — acrescentou já do corredor.

Desceu até o porão e introduziu o código que abria a porta blindada do laboratório. Uma vez ali, deixou a caixa que continha os dois vidros com sangue que Ewan mandara em cima da mesa e acendeu as luzes e os diferentes equipamentos. Fazia tempo que não utilizava nenhum, mas era como andar de bicicleta, ou isso esperava. Agarrou uma pipeta e extraiu um pouco de sangue de cada vidro que colocou em diferentes lâminas, e então começou o protocolo de testes.

la demorar um pouco, e Simon supôs que bem poderia aproveitar para contar o resto de sua história a Mara, mas para isso, antes tinha que encontrar uma coisa. Começou a abrir gavetas. Tinha que estar em alguma parte, pois seu pai sempre guardava no laboratório uma cópia de tudo. Tinha que estar ali.

Até que enfim. A pasta com a informação relativa ao projeto Ícaro. Dentro havia uma foto dos três homens que o terminaram: Tom Gebler, Dominic Prescott e Royce Whelan. A foto foi tirada o dia que obtiveram os primeiros resultados positivos, e os três apareciam abraçados e sorridentes. Se Mara acreditava que algum desses homens foi capaz de matar um dos outros, é que lorde Ezequiel a influenciara mais do que o próprio Simon estava disposto a admitir. Fechou o arquivo da mesa de seu pai e deixou as máquinas trabalhando. Antes de sair, pegou outra foto que havia em cima da mesa que presidia o laboratório; uma em que estavam ele e Maria quando pequenos.

Se isso não conseguisse fazê-la lembrar, temia que nada pudesse fazer.

Capítulo 19

Simon subiu ao andar principal e ouviu um ruído na cozinha. Foi para ali sigilosamente, preparado para entrar em ação, mas baixou a guarda, ao ver que tão somente era Mara, abrindo e fechando armários.

—Sinto muito— disse ela ao ver que ele a pegou com as mãos na massa— Não queria bisbilhotar, mas é que demorava e pensei que possivelmente... —Não sabia como reagir depois daquela conversa no carro. Pigarreou— pensei que possivelmente poderia preparar um chá.

—Os bules estão ali. —Assinalou um armário— E o chá aqui. —Abriu uma gaveta— Eu esquentarei a água, você pega o bule e as xícaras.

Quando a infusão estava preparada, Simon levou a bandeja com todos os utensílios para o salão e a deixou em cima da mesinha que havia diante do sofá. Logo, se aproximou da chaminé e



agarrou uns quantos troncos da cesta de vime para acender um fogo. A casa não estava especialmente fria, mas assim tinha uma desculpa para não falar e enfrentar Mara. Possivelmente as coisas não estivessem precisamente bem entre os dois, mas ao menos a incerteza permitia manter viva a esperança.

Vamos, Simon, você nunca foi um covarde. Diga a verdade e acaba com este pesar de uma vez por todas, exigiu o guardião.

—Sente-se, Mara, por favor.

Até então, ela não percebeu de que, excetuando aquele momento de paixão na cama, Simon não voltou a chamá-la de Maria. Era estranho, e não gostava.

—Você me contou o que acha que aconteceu depois da morte de seus pais. Agora deixe que eu conte o que aconteceu.

Deu a fotografia que encontrou na pasta.

—O que é isso? —perguntou ela ao pegar com dedos tremendo.

—Olhe. — Esperou a seguir, para que Mara obedecesse— do meio é seu pai, a sua direita está Dominic Prescott, outro guardião do que logo falarei e ao que deve em parte sua vida, e o da esquerda é meu pai. Olha e me diga se acha que estes homens não teriam estado dispostos a morrer uns pelos outros. Olha e me diga se de verdade acha que meu pai —assinalou o jovem rosto de Royce — pôde ter matado sua mãe e deixar você à beira da morte.

Ela sentiu que os olhos se enchiam de lágrimas. A amizade que se professavam os três homens da fotografia, era evidente inclusive através do papel e do tempo. Acariciou o rosto de seu pai e viu que estava tremendo. Só o vira em sonhos. Era a primeira vez que tinha uma imagem dele. Seu tio, dado que brigou com sua mãe, não tinha nenhuma. Era muito bonito, e parecia se dar muito bem com os outros dois homens. Royce era uma versão um pouco reduzida de Simon, embora também fosse muito alto; mas era menos corpulento, e tinha os olhos de outra cor. E Dominic Prescott parecia um ser muito especial, desprendia uma calma e serenidade que não teria nenhum assassino.

—Eu... —Engoliu em seco— Como morreram meus pais?

Simon tratou de não dar saltos de alegria. Era a primeira vez que a via disposta a escutar o relato daquela horrível noite, e não queria cometer nenhum engano. Nem precipitar em suas conclusões.

—Meu pai conheceu o seu quando ambos trabalhavam no hospital central de New York, onde também trabalhava Dominic, e logo os três ficaram muito amigos. Não sei o que viram em seus pais, lembro-me que eu só era um menino nessa época, mas decidiram contar a verdade a respeito dos guardiões e de seus poderes, para chamá-lo de algum jeito. Tom, Royce e Dominic estavam convencidos de que conseguiam isolar o DNA dos guardiões poderiam encontrar um medicamento capaz de regenerar células mortas ou prejudiciais para os humanos. Mais ou menos. Sua intenção era ter essa fórmula e a dar de presente ao mundo, para erradicar todo tipo de enfermidades. Reuniam-se em segredo porque não queriam que nenhum laboratório farmacêutico se inteirasse de seus avanços, e porque não queriam chamar a atenção de lorde Ezequiel.



—O que lorde Ezequiel tem a ver com em tudo isto?

—Ele e seu exército das sombras se alimentam da maldade humana, da debilidade, da avareza, e desde o começo dos tempos os guardiões foram os únicos que se interpuseram em seu caminho. Eles sempre trataram que nos tirar do meio, e nessa época vários clãs de guardiões sofreram ataques por surpresa e houve algumas baixas. Além disso, no hospital no qual trabalhavam nossos pais, chegaram uns marinheiros muito doentes que morreram no final de uns dias em circunstâncias muito estranhas. Disseram que era um vírus tropical, mas meu pai e o seu não engoliram e começaram a investigar. Os testes os levaram até o exército das sombras. Receberam ameaças, e todos andavam com muito cuidado, mas é evidente que não foi o suficiente. —Fez uma pausa e a olhou. Mara se segurava à fotografia com dedos trementes, e mordida o lábio inferior— Se quer — sugeriu Simon—, podemos deixá-lo para mais tarde.

—Não, continue, por favor. Estou bem — assegurou.

—De acordo. Uma noite, meu pai ficou com o seu nos escritórios do centro da cidade, e quando Tom se atrasou teve um mau pressentimento e correu para sua casa; mas era muito tarde. Vivia em uma casa nos subúrbios, rodeada por uma linda grade branca, assim ninguém foi ajudar. Quando Royce chegou, viu que três soldados do exército das sombras entraram e o estavam atacando. Matou o primeiro e correu a ajudar sua mãe, que estava com você, protegendo-a. A essa também matou, e então ouviu um disparo. Seu pai se ocupou do terceiro, mas ele também ficou gravemente ferido. —Simon viu que uma lágrima escorregava pela bochecha de Mara, mas prosseguiu. Tinha direito de saber tudo— Tom pediu ao meu pai que se ocupasse de você, que fizesse o que fosse necessário para salvá-la. Royce faria de toda forma, mas tem que saber que os últimos pensamentos de seu pai foram para você e para Nina. —Simon relatou o que contou seu pai.

—E minha mãe? —perguntou Mara sem levantar a cabeça— Morreu no ato?

—Depois de que seu pai faleceu Royce correu ao lado de Nina e a encontrou ainda com vida. Ela a envolveu em uma manta, tapando uma ferida. A cicatriz que tem no lado. Pediu a meu pai que salvasse e a fizesse feliz. —E Royce Whelan, o grande guardião, morreu convencido de que não fora capaz de cumprir sua promessa, pensou Simon pesaroso— Meu pai me disse que sua mãe não morreu até assegurar-se de que ele a tinha nos braços.

—Eu também estava muito ferida gravemente?

—Estava à beira da morte. Perdeu muito sangue e não tinha pulso. Royce colocou-a no carro e dirigiu como um louco até o hospital no qual trabalhava Dominic. Este a operou de urgência, mas disse a meu pai que não iria sobreviver. E então, os dois tomaram uma decisão muito arriscada para tratar de salvar a sua vida.

—O que fizeram?

—Tal como disse, seu pai, o meu e Dominic, estavam trabalhando em um projeto. O projeto Ícaro. Este se encontrava ainda em uma fase muito inicial, mas seu pai tinha a teoria de que o sangue de um guardião que ainda não se transformara por completo, tinha o poder de regenerar a si mesmo com uma força e rapidez assombrosas. Segundo essa mesma teoria, se uma transfusão com o dito sangue fosse realizada em alguém muito doente ou a beira da morte, haveria a



possibilidade de que o sangue do guardião regenerasse a outra pessoa e que a curasse. Não conheço os detalhes exatos, o projeto Ícaro fechou a partir desse incidente e nunca ninguém o reabriu, mas meu pai suplicou a Dominic que tentasse com você.

—E de quem é o sangue que me deram? —perguntou com as lágrimas escorregando pelo rosto, apesar de que sabia a resposta com absoluta certeza.

—Meu.

Simon não pôde aguentar mais e correu a seu lado para abraçá-la. Mara se derrubou por completo e chorou desconsolada contra seu peito. Por isso sentia aquela conexão tão primordial com ele, estavam unidos do modo mais íntimo possível.

—Quando cheguei ao hospital e vi naquela cama, soube que faria o que fosse para que ficasse bem. Passei dia e noite sentado ao seu lado, lendo, cantando. Você só parecia descansar se eu também estava no quarto, assim não me movi de seu lado até que se curou. Dominic e meu pai disseram que foi um milagre, e acredito que se assustaram um pouco, e por isso enclausuraram o projeto. Mas eu não estava nem aí, a única coisa que me importava era que estava viva — confessava todos aqueles sentimentos com a paixão e a dor acumuladas, pelos anos de separação. Ele também estava chorando, e não se importava. Pela primeira vez em sua vida eram lágrimas de alegria. Maria estava viva e entre seus braços. Mara derrubara os muros que os separavam. Embalou o rosto nas mãos e há afastou um pouco para poder olhá-la nos olhos— Eu... a julguei tão mal.

—E eu a você, Simon — respondeu ela, e ao ver que ele a olhava atônito, sussurrou— Me lembro. —secou uma lágrima com o dorso da mão— Me lembro dos contos que lia, de passear pelo jardim dos Jura na Escócia, de ver Annie com você.

—Maria.

—Lembro-me do dia em que esse homem me sequestrou, de que me fez mal. —Acariciou as maçãs do rosto preocupada.

—Não, isso já não importa. A única coisa que importa é que está aqui. Comigo.

—OH, Simon, meus pais... Por quê? —Chorou de raiva e de dor, e ele a apertou entre seus braços enquanto acariciava as costas.

Maria foi se tranquilizando pouco a pouco, e Simon acreditou que ficou adormecida, algo compreensível, depois do pranto. Mas quando afastou o cabelo do rosto viu que continuava acordada. Seus olhares se encontraram e reconheceram por fim o que significavam um para o outro. O tempo e o universo pararam, e Maria foi à primeira em se mover. Beijou Simon com todo o amor que ainda não era capaz de compreender nem de expressar em palavras, e ele deveria ter entendido, porque respondeu com a mesma intensidade. As mãos, que minutos atrás trataram de acariciá-la, agora estavam desprendendo fogo, percorrendo as costas com ardor. Maria deslizou as suas por debaixo da camiseta de Simon, desesperada por tocá-lo e senti-lo pele contra pele. Puxou o extremo do objeto e ele compreendeu a mensagem e a tirou. Seu torso era sem dúvida uma das coisas mais belas que ela já vira, e colocou ambas as mãos em cima para poder sentir como os músculos vibravam sob seus dedos. Ele fechou os olhos e apertou os dentes em um intento de controlar o desejo, e ela decidiu inclinar e dar um beijo nos peitorais, em cima do coração, para



ver se assim o fazia enlouquecer. Simon a segurou pelos ombros, afastou-a um pouco e esperou a que o olhasse nos olhos.

—Maria — sussurrou.

—Sim?

Ao ver que respondia ao nome com o que ele sempre sonhou, sorriu.

—Preciso de você — disse.

—E eu de você— reconheceu, passando o dedo pela tatuagem, que agora parecia maior que no dia anterior— É lindo.

—Sabe o que significa? —perguntou Simon beijando-a no pescoço e tirando a camiseta ao mesmo tempo.

—Disse-me que não significava nada — respondeu quase sem fôlego.

—Menti. —Sorriu grudado à sua pele e lambeu o oco da clavícula— Significa que o guardião por fim encontrou a sua alma gêmea.

—Simon.

Depois dessa confissão, este tomou as rédeas e agarrou Maria nos braços para tombá-la diante da chaminé, em cima de um tapete antigo que sua mãe trouxera da Irlanda. Simon tinha os olhos completamente negros e as presas estendidas e ela nunca vira um homem tão atraente. Apesar da força que emanava de todo seu ser, tocava-a como se fosse à criatura mais delicada do mundo e a fazia sentir bela e poderosa ao mesmo tempo. Simon passou a língua pelo lábio superior antes de inclinar a cabeça e dar outro beijo. Enquanto a consumia com a língua, deslizou as mãos para baixo e desabotoou as calças. Logo, ficou em pé de um salto e tirou as suas antes de seguir despiendo-a. Colocou-se de joelhos entre suas pernas e tirou primeiro uma perna da calça jeans, e depois a outra, e com a língua percorreu o mesmo caminho que percorria o tecido. Quando estava de roupa íntima, Maria ouviu como Simon segurava a respiração.

—É linda — disse com adoração.

—Você também o é — sussurrou ela, e conseguiu fazê-lo sorrir.

—Não diga tolices.

—Eu sempre adorei seu sorriso — disse Maria levantando uma mão para acariciar o canto dos lábios— Beije-me.

—Como desejar.

Ele se inclinou e, a partir daquele beijo, as palavras foram desnecessárias. Beijou-a e deu uma daquelas dentadas no lábio inferior que ela tanto gostava, e logo começou sua descida pelo pescoço e os seios. Não passou por cima de nenhuma curva, nenhuma sarda, sem arrancar suspiros e gemidos de prazer sem descanso. Simon se comportava como se seu próprio prazer não importasse, seu único objetivo era satisfazer sua alma gêmea. Parou no sutiã e Maria arqueou um pouco as costas para que o desabotoasse, mas ele empurrou com delicadeza para baixo e sorriu. Deu um beijo em cada seio. Os lambeu e atormentou com seus dentes, e quando Maria acreditava estar a ponto de enlouquecer de desejo, Simon agarrou o objeto com as presas e puxou. Maria jamais vira algo tão sexy. Ele lançou o sutiã rasgado de lado e não deu trégua a sua amada. Percorreu todas e cada uma das costelas com os lábios e depois foi baixando até o umbigo. Ali



voltou a parar e uma súplica escapou de sua garganta.

—Simon, por favor.

Simon sabia o que sua alma gêmea estava pedindo, ele também morria por fazer amor, mas antes queria descobrir o sabor de seu prazer. Bebeu seu sangue, beijou-a e a acariciou, mas ainda não havia sentido seu sabor nos lábios e já não podia esperar mais. Levantou as mãos, que tinha nos quadris de Maria, e procurou sua calcinha. Afastou o suficiente para poder olhá-la nos olhos, e o gozo e desejo que viu neles quase o derrubaram. Tirou-a com cuidado, temeroso, nervoso inclusive. Não era a primeira vez que a via nua, mas queria gravar aquela imagem de Maria nua na mente. A luz do fogo fazia a pele resplandecer, e era como se as chamas dançassem sobre seus seios e seu umbigo. Simon deu as graças aos deuses por ter concedido a honra de poder amar a uma mulher como aquela, e prometeu, a eles e a si mesmo, que seria digno dela. Maria viu que ele estava emocionado, e se apoiou nos antebraços para poder levantar-se um pouco.

—Simon, querido, veem aqui.

Era a primeira vez que ela utilizava uma palavra carinhosa para se referir a ele, e Simon não soube se foi isso ou não, mas nesse instante se rendeu por completo aos seus instintos e ao amor que levava anos tratando de apagar. De joelhos, em meio das coxas de Maria, agachou-se para dar outro delicado beijo no umbigo e logo desenhou um úmido braço de fogo com sua língua até chegar a seu sexo. Poderia passar a eternidade inteira beijando-a e nunca se cansaria de seu sabor e de escutar os gemidos de prazer que conseguia arrancar com seus beijos. Com cada movimento de sua língua, com cada respiração, Maria se excitava mais e mais, e Simon a guiou até o orgasmo com a perícia e o desejo de um homem que nasceu para amá-la.

Maria gritou seu nome ao alcançar o orgasmo, e enredou os dedos de uma mão no cabelo, para que pudesse sentir o alcance do prazer que estava dando. Demorou vários minutos em recuperar o fôlego e quando o fez e abriu os olhos, viu que Simon estava ao seu lado para olhá-la.

—Faça amor comigo — pediu.

—Com toda minha alma — respondeu, e se moveu para se colocar em cima dela.

Simon não lembrava de ter estado tão excitado, e sabia que o que ia acontecer entre os dois, não poderia comparar com nada. Seu corpo esperou esse momento toda a vida, e, embora parecesse a ponto de ter um orgasmo em apenas olhá-la, ao mesmo tempo teria gostado de encontrar a maneira de prolongar aquela sensação para sempre.

Maria levantou os joelhos para que tivesse mais espaço e acariciou o rosto com uma mão. Simon parecia ficar sem fôlego cada vez que ela o tocava com ternura, e jurou que se encontrasse o modo de sair daquilo com vida, demonstraria diariamente que ninguém a merecia mais que ele. Ao notar sua palma na bochecha, inclinou a cabeça e deu um beijo. Sua ereção estava em seu sexo, e teve que recorrer a toda sua força de vontade para parar ali.

—Eu te amo, Maria — confessou, e não esperou que respondesse, pois não estava seguro de que dissesse o que queria ouvir. Mas ele sim estava seguro do que sentia, e o que quer que acontecesse ao amanhecer, Simon jamais se arrependeria de ter amado Maria aquela noite.

Afundou-se em seu interior e fechou os olhos para não se perder. No universo havia poucas



coisas perfeitas, mas o que estava acontecendo entre os dois era uma delas. Maria e Simon nasceram para esse momento, para se amar, para se complementar. Ela arqueou as costas e o gesto permitiu a ele penetrá-la um pouco mais. Por todos os deuses, o prazer que emanava do corpo de Maria o envolvia por completo. Sentia como as paredes de seu sexo tremiam cada vez que ele se movia, e juntos empreenderam uma dança que fez enlouquecer de desejo a ambos.

Ela levantou os braços e percorreu a coluna vertebral com as unhas de uma mão, enquanto enredava a outra no cabelo da nuca. Simon estremeceu com gosto, e quando essa primeira mão chegou a suas nádegas que movia com cada investida gemeu de prazer.

—Me toque —suplicou Maria— por favor.

Ele, que estava apoiado sobre suas mãos para que ela não tivesse que suportar seu peso, trocou ligeiramente de postura e se apoiou só no antebraço esquerdo. Deslizou a mão direita até encontrar os seios de Maria, e os acariciou até que ela girou a cabeça para deixar seu pescoço ao descoberto.

—Beba querido — pediu de novo com voz sensual.

Simon não tinha armas para defender-se daquele ataque e se rendeu a seus instintos. Quando suas presas atravessaram a pele, demorou uns segundos em compreender a enormidade do que estava acontecendo. Estava dentro de Maria, de sua alma gêmea, e estavam fazendo amor ao mesmo tempo em que o sangue dela umedecia os lábios. O orgasmo que o enrolou foi demolidor. Nasceu no mais profundo de sua alma e se estendeu por todo seu corpo, até que não houve lugar para nada mais exceto para o amor que sentia pela mulher que tinha nos braços.

Maria sentiu que Simon estremeceu e isso bastou para que ela alcançasse também o clímax, mas de repente notou algo estranho. Passou a língua pelas gengivas e notou presas? Sim, tinha algumas presas. Não tão largas e afiadas como as dele, mas presas enfim. E tinha muita vontade de morder. Precisava morder Simon e beber de seu sangue. Só o pensamento a excitou mais do que já estava, e, incapaz de conter e convencida de que fazia o correto, afundou-se no ombro dele.

Simon estava terminando um orgasmo quando outro igual, intenso, e muito mais primordial o engoliu de repente. Podia sentir os dentes de Maria em seu pescoço. Mordera, e não só isso, estava bebendo seu sangue. Seus corpos estavam se fundindo um com o outro de um modo irreversível. Maria formava parte dele e ele dela, e essa união não poderiam rompê-la nem os deuses, nem os homens. Sentiu como o sexo de Maria tremia junto ao dele e se precipitava para um orgasmo tão demolidor quanto o dele. Ambos continuavam com os lábios grudados ao pescoço do outro, bebendo, entregando-se por completo. Juntos cavalgaram as últimas ondas daquele orgasmo e ficaram adormecidos abraçados.

Maria foi primeira em despertar e, com muito cuidado, separou-se de Simon, que inclusive dormindo, continuava retendo-a em seus braços. Sentou-se no tapete e olhou ao homem que devolvera sua vida e seu passado. Não podia entregá-lo para lorde Ezequiel. Morreria sem ele. Ficou em pé, notando nos ossos a frenética atividade das horas passadas, e se vestiu. Caminhou



até um espelho que havia em uma das paredes do salão e olhou os dentes. As presas desapareceram, mas ainda notava o sabor do sangue de Simon em seus lábios. Deveria estar assustada, ou no mínimo escandalizada, mas não estava. Tinha certeza que aquilo tinha a ver com o que fizeram quando era pequena, ou com qualquer outra coisa. Fosse o que fosse com ele ao seu lado, poderia enfrentar tudo, e certos que juntos o averiguariam. Agora o que tinha que fazer era encontrar um modo de falar com seu tio e parar lorde Ezequiel. Vestiu-se, tampou Simon com uma manta que havia em cima do sofá e abandonou o salão para procurar um telefone.

Mas ao chegar à cozinha o coração deu um salto. Era muito tarde.

—Olá, Mara.

Capítulo 20

—Olá, tio Ronan. Ia te ligar agora.

—Ah, sim? Por quê?

Ronan estava sentado em uma cadeira no meio da cozinha. Não ligara nenhuma luz, mas pelo vidro da porta atrás entravam os primeiros raios do amanhecer.

—Tem que parar isso. Royce Whelan não matou mamãe — disse sem rodeios. Caminhou até onde estava ele e ficou diante dele com os braços ao lado— Tem que confiar em mim. Os Whelan são inocentes.

—Como sabe? Por Deus, Mara, deitou-se com ele uma vez e já acha que é um santo? É o truque mais velho do mundo.

—Não é nenhum truque. Simon é inocente. E seu pai também — respondeu furiosa— Você mesmo me disse que brigou com mamãe e que estavam anos sem se falar. Como sabe que papai e Royce não eram amigos?

—Não sei — reconheceu Ronan— Eu só sei que Nina, minha preciosa irmã, morreu por culpa dele.

—Não. Mamãe morreu porque papai e os guardiões estavam trabalhando em um projeto secreto que preocupava muito lorde Ezequiel.

—De que diabo está falando? O que tem que ver Ezequiel com tudo isso? Ele foi quem a encontrou.

—Ezequiel? Maria ficou arrepiada ao escutar essa forma tão familiar de se referir à ele— E como é que foi ele quem me encontrou? Quando?

Ronan mordeu a língua ao ver que metera os pés pelas mãos.

—Tio! —aproximou-se dele— Diga a verdade!

—Ezequiel me ligou para me dizer que a encontrara.

—Quando?

—Quando tinha mais de três anos — confessou Ronan envergonhado.

—Por Deus, tio, acaso não vê que ele foi quem me sequestrou e me arrancou do lar dos



Whelan?

—Mara, eu... —esfregou o rosto— É impossível. Ezequiel não faria algo assim. E eu, eu sempre a amei.

—Sei tio Ronan. —Afastou outra cadeira da mesa e se sentou a seu lado— Mas acredito que nos utilizaram.

—Deus — suspirou ele esgotado— Não pode ser; Ezequiel me disse que tinha provas. Disse que depois de que contaram do assassinato de sua mãe ficou muito afetado, e que pediu a um de seus homens de confiança que a procurasse pelo mundo.

Mara sabia que então não tinha tempo de contar toda a história ao seu tio, assim se centrou no que de verdade era importante.

—Temos que ajudar Simon. Ligue para lorde Ezequiel e diga que não está aqui, que me deixou plantada. Invente algo, o que seja, mas que não venham procurá-lo.

—Não posso. —Seu tio engoliu em seco.

—Claro que pode — insistiu Mara.

—Não, senhorita Stokes — disse uma voz escondida entre as sombras — temo que seu tio já não possa fazer nada. Agarrem-na!

—Não, prometeu que não ia acontecer nada a ela! Prometeu isso! —Ronan se interpôs entre sua sobrinha e os soldados do exército das sombras, que pararam à espera de receber novas ordens de seu senhor.

—E acreditou? Olhe como é inocente, Ronan, embora suponha que isso é o que mais eu gosto em você —disse lorde Ezequiel— Agarrem-na! E se o senhor Stokes quer se fazer de herói, matem-no.

Dos seis soldados que havia ali armados até os dentes, Mara reconheceu um da noite no cais; os outros não os vira Bom, ao menos morreria sabendo o que se sentia ao fazer amor com a pessoa amada, e com a tranquilidade de saber que seu tio não mentira.

Simon abriu os olhos no preciso instante em que Maria recebeu o primeiro golpe. Mataria com suas próprias mãos a quem quer que fosse que se atreveu a tocá-la. Vestiu-se em questão de segundos e se preparou para a briga mais importante de sua vida. Correu para a cozinha, pois daí provinham os gritos, e quando entrou acreditou morrer. Três soldados do exército das sombras rodeavam Maria, que tratava de defender-se com uma faca de cozinha. Inconsciente no chão, com uma ferida muito profunda na cabeça, estava Ronan Stokes e a seus pés havia mais dois soldados. O sexto era um velho conhecido dele, o líder do grupo que os atacara no cais. Mas as figuras mais horripilantes de todas estavam de pé fora da casa, escondidas entre as sombras do jardim que se insinuava depois do vidro da porta. A mais alta devia pertencer ao lorde Ezequiel, que olhava a distância, disposto a dar as ordens pertinentes. A outra lembrou a Simon um zumbi; parecia humano, mas pelo modo em que se movia não deveria ser. E lorde Ezequiel o prendia com uma correia.

Agradecido porque agora era o guardião que estava em posse de seus sentidos, Simon pôde



ouvir o que Ezequiel dizia a essa criatura.

—Vá atrás dele — ordenou ao tirar a correia.

E em menos de um segundo, aquela coisa derrubou a porta da cozinha.

—Claybourne? —Simon não podia acreditar no que estava vendo. Aquele monstro era Jeremiah Claybourne, embora, a julgar pelo vazio de seus olhos, era evidente que o prometido de Naomi fazia tempo que já não estava naquele corpo.

—Não me diga que não é um detalhe íntimo — zombou Ezequiel— Claybourne queria ser imortal, e eu precisava de um novo mascote. Temo que os experimentos não saiam como seu pai, mas já melhorarei— Agarre! —gritou furioso o senhor das sombras— A Odisseia, a quero viva, e com o guardião... Se quiserem, antes podem brincar um pouco com ele. Mas que chegue inteiro à ilha!

Assim Maria era uma Odisseia, pensou Simon. Quando tudo aquilo terminasse, teria um longo bate-papo com seus primos escoceses; os guardiões não podiam seguir assim. Tinham que ficar a par das criaturas que habitavam a Terra.

—Maria, está bem? —perguntou fazendo uma análise mental da situação.

—Sim. Sinto muito, Simon. Sinto...

—Agora não. — interrompeu. Quatro soldados do inferno estavam se aproximando, e também o estava fazendo Claybourne. Os outros dois soldados estavam indo para Maria— Vá com eles — ordenou, e ao ver que ela o olhava horrorizada, acrescentou— Confie em mim, irei te procurar.

Ezequiel riu a gargalhadas.

—Vós os guardiões e essa tolice das almas as gêmea. Nunca deixarão de me surpreender. Vamos, levem-na daqui —disse aos dois que retinham Maria— E não a entretenham muito.

Os soldados a arrastaram para fora e ela olhou para Simon para despedir-se com o olhar. Ele ouvira abrir e fechar as portas de um carro e soube que não tinha tempo a perder; tinha que fugir dali antes que o veículo se afastasse muito. Ficaram a sós, e os quatro soldados foram os primeiros a atacar, liderados por Demétrius, que demonstrou ser um guerreiro cruel e sem escrúpulos. Claybourne esperava seu turno igual a um cão fiel, mas com a extremidade do olho, Simon podia ver que gotejava sangue das gengivas e que tinha umas garras afiadas como facas. Conseguiu nocautear os dois primeiros soldados, mas recebeu várias feridas de ambos e uma delas sangrava profusamente. Então atacou o terceiro, e Simon começou a enjoar. Demétrius o olhava com um maléfico sorriso nos lábios, e o guardião prometeu que aguentaria o suficiente para apagar o sorriso do rosto para sempre. A briga o estava esgotando. Em um descuido, recebeu um chute no esterno que o mandou contra a parede da cozinha. Quase perdeu os sentidos, mas o recuperou a tempo de ver que Demétrius e o outro soldado irem atrás dele. Esquivou de seus golpes, mas Demétrius o apunhalou pelas costas. Não ia morrer, assim não. E enquanto estava amaldiçoando a si mesmo, ouviu que alguém derrubava a porta principal.

—Querida, já estou em casa.

Sebastian? Sim, aquela era sem dúvida a voz de seu amigo, pensou Simon antes de vê-lo aparecer, acompanhado pelo detetive Oliver Cardoso. Não entendia nada, mas quando viu que



ambos desencapavam semiautomáticas, deixou de questionar sua presença ali.

—Disse que eu não gostava que trouxesse animais para casa — disse Bastian ao fazer voar a cabeça de um dos soldados do exército.

—Não faça gracinhas e atire — obrigou-o Oliver.

Os dois recém-chegados se encarregaram dois soldados que ficavam, mas a criatura que antes escapara pela porta detrás fora Claybourne. Sebastian correu para ajudar Simon, que estava sentado no chão, improvisando uma bandagem para uma ferida que tinha a um lado, e o detetive se ajoelhou junto à Ronan Stokes, para ver se tinha pulso.

—Está vivo — disse—, mas temos que levá-lo a um hospital quanto antes.

—Vão vocês — respondeu Simon ficando em pé—, eu tenho que salvar Maria.

—Acaso não viu o aspecto que tem? —perguntou Sebastian— Assim não salvará ninguém.

Simon se plantou diante de seu amigo e respondeu olhando-o nos olhos.

—Tenho que salvar Maria. Em baixo, no laboratório, há umas amostras de sangue. Se acontecer algo...

—Não diga tolices— interrompeu Sebastian.

—Se acontecer algo — o prosseguiu apertando os dentes para controlar a dor— as dê a meu primo Ewan.

—Está bem.

Simon coxeou até o armário da cozinha e pegou as chaves de uma moto. Seus primos tinham várias, sempre com o tanque cheio e perfeitamente equipadas para circular pela neve e o gelo.

—Bastian, me alegro de te ver — disse antes de sair— Obrigado por trazer a cavalaria.

—De nada, e agora saia. E você dizia que eu tinha complexo de herói.

Simon viu com a extremidade do olho quando o detetive Cardoso levantava do chão Ronan Stokes e, ajudado por Sebastian, levava até um carro que estacionara fora. Oxalá chegassem a tempo ao hospital, não queria que Maria perdesse seu tio.

Chegou à garagem e montou na primeira moto. Por sorte, pegou as chaves adequadas e a ligou no ato. Saiu a toda velocidade e seguiu os rastros do carro no qual levavam Maria. Não demorou em dar com ele e acelerou até grudar no para-choque traseiro. Entendeu as garras da mão direita e as enfiou no metal. Saltaram faíscas por todos os lados, mas Simon não se soltou e subiu ao porta-malas, e dali ao teto do veículo. O condutor, provavelmente outro soldado do exército, deu sem êxito alguns golpes de volante para tirá-lo de cima. Simon afundou ambas as garras na placa do teto e o arreventou igual à lata de sardinhas. Recebeu um disparo no ombro e outro na coxa. Tinha tantas feridas, que já não sabia se ficava alguma parte do corpo ilesa. A dor era de menos, o único que importava era salvar Maria. Do teto, ou do que ficava dele, alargou uma mão e agarrou pelo pescoço o soldado que disparou. Sacudiu um pouco e o lançou fora do carro. O motorista não teve mais remédio que frear para não derrubar, e Simon aproveitou para abrir a porta e matá-lo. Logo, tirou Maria da parte detrás e comprovou que lorde Ezequiel não estava em nenhum lugar.

—Não está — disse ela, nervosa— Me sussurrou ao ouvido que nunca encontraria Claire e se desvaneceu no ar. Desamarre-me as mãos. —mostrou os pulsos — Simon, eu... Cuidado!



Estava cortando as cordas com que prenderam os pulsos quando seu grito o pôs de novo em alerta.

Voltou, mas não o suficientemente rápido para se esquivar o ataque de Claybourne. Suas garras não só abriram a pele, mas também o queimaram por dentro. Jamais sentira uma dor tão urgente. Simon estendeu suas próprias garras, apesar de que ao lado das daquela criatura, pareciam de brinquedo, e o atacou, mas só parecia ser capaz de arranhá-lo. Nenhuma ferida o debilitava. Claybourne levantou o lábio superior em uma careta horripilante e foi direto à jugular de Simon. Este o tirou de cima, mas a besta mordeu antes o braço. Já não podia mais. Perdera muito sangue.

—Vá, Maria.

Aquela cena, tão similar a do ataque e sequestro de quando era pequena, a fez recuperar todas suas lembranças. Mas não só isso, também despertou algo em seu interior, uma presença que possivelmente sentira já em algum momento de sua vida e que agora era inegável. Nada, nem ninguém, iria voltar a separá-la de Simon. Jamais.

—Não. —disse decidida.

—Vá, Maria. Por favor — suplicou-o ao sentir que o monstro enfiara as garras nas costas para retê-lo ali e poder seguir devorando.

—Não, Simon. —Caminhou furiosa até Claybourne e o empurrou—. Solte-o.

O animal não se alterou, e Maria sentiu que queimavam as palmas das mãos e, ao levanta-las, viu que tinha nelas uma espécie de bolas de luz branca. Dirigiu as mãos para a criatura e voltou a adverti-la.

—Disse que para soltá-lo.

Não fez, e Maria viu que Simon estava a ponto de desmaiar, assim fechou os olhos um instante e respirou fundo. Centrou toda sua energia nas palmas de suas mãos e lançou aquelas bolas de luz para a coisa, que saiu voando pelos ares e estalou em mil pedaços. Logo, Maria correu para Simon e o embalou em seus braços. Estava muito fraco.

—Beba Simon.

—Não. — disse ele quase sem voz—, esse monstro pode ter me infectado. —Enquanto Claybourne bebia dele, Simon percebeu de que as gengivas sangravam, assim não podia descartar a possibilidade de uma infecção. E não iria permitir que Maria adoecesse por sua culpa.

—Você me salvou uma vez, de modo que agora é minha vez de salvá-lo. Além disso, sem você não vou querer continuar vivendo. Assim, beba. —mordeu o pulso com as pequenas presas que reapareceram junto com a luz branca— Por favor.

Simon já não ficavam forças para falar, mas quando Maria pôs o pulso nos lábios, aferrou-se a ela e bebeu, embora estivesse muito fraco e não conseguiu sugar o suficiente.

—Não! —exclamou ela assustada— Não morra.

Ele conseguiu abrir um pouco os olhos e sussurrou:

—Amo você.

Maria ficou furiosa.

—Ah, não, isso sim que não. Não vou permitir que morra, ouviu-me, Simon Whelan? —



gritou com as lágrimas correndo pelas bochechas— Tenho que levá-lo à um hospital. —Deixou-o caído com cuidado no chão e correu para a estrada. Por sorte, naquele instante apareceu um carro.

—Você deve ser Maria — disse um homem misterioso—. Eu sou Dominic, Dominic Prescott.

—Graças a Deus — suspirou ela, aliviada— Temos que levar Simon a um hospital. Perdeu muito sangue.

Dominic desceu do carro em seguida e a ajudou deitar Simon nos assentos de trás. Ela também subiu atrás e Dominic pisou no acelerador.

—Converse com ele — disse para Maria— lembre-o que tem algo pelo que viver.

—Não morra Simon — disse ela, acariciando a barba que fora crescendo ao longo daqueles dias— Não morra. Amo você. —Caiu uma lágrima que foi parar à bochecha — Eu te amo.

Simon continuava sem mover, mas Maria notava que o coração ainda batia, e se aferrava a aquele sinal de vida como à um prego ardendo. Fechou os olhos e pensou nas únicas pessoas que possivelmente poderiam ajudá-la: seus pais. *Papai, mamãe, sei que estão aí. Ajudem-me, por favor. Já perdi vocês, se eu o perdê-lo não poderei suportar. Por favor, têm que me ajudar. Simon não merece morrer, ele estava me protegendo, e eu, eu o amo. Tudo isso é minha culpa.* —Maria teria jurado que sentiu que alguém acariciava o cabelo— *Mamãe, ainda não sei o que sou ou o que se supõe que tenho que fazer, mas juro que farei que se sinta orgulhosa de mim. Aprenderei tudo o que seja necessário para ser uma boa Odisseia, acredito que assim me chamou lorde Ezequiel, e prometo que se sentirão orgulhosos de mim. Digam a quem é que esteja aí em cima, que Simon tem que ficar comigo. Devoto-lhe todos meus beijos. Preciso que fique comigo. Por favor.*

Chegaram ao hospital e Dominic saltou do carro e foi em busca de uns enfermeiros. Identificou-se como médico, título que possuía entre muitos outros, e disse que o paciente fora atacado por ursos e perdeu muito sangue. Dominic conseguiu inclusive entrar na sala de cirurgia, e quando saiu umas horas mais tarde, Maria estava esperando nervosa, sentada em uma cadeira de plástico branco.

—Simon está bem. Sairá desta.

E nesse preciso instante, ela sentiu que seus pais a abraçavam.

Capítulo 21

Três dias mais tarde, Simon despertou na cama de um hospital e a primeira coisa que notou foi que tinha algo em cima da mão direita. Olhou e viu que era a cabeça de Maria, que ficou adormecida na cadeira do acompanhante, dando-lhe a mão. Tinham os dedos entrelaçados e ele pôde ver claramente que ela estivera chorando. Moveu-se um pouco, e o gesto a despertou.

—Simon — pronunciou seu nome emocionada.

—Olá — disse ele tímido. Depois de tudo o que passaram juntos, não sabia como reagir ao ver refletido em seus olhos todo o amor que também ele sentia.



—Irei procurar um médico — disse Maria.

—Não, não vá. —Apertou os dedos para retê-la— Estou bem.

Ela relaxou um pouco.

—Quanto tempo estou aqui? —perguntou, ao ver os ramos de flores—. Quem me mandou flores?

—Três dias, e as flores são de sua prima Verônica e de Sebastian.

—Verônica está aqui? —Sua prima era um perigo. Era filha do irmão menor de Royce, e Simon sempre acreditou que, se tivesse nascido homem, teria sido um grande guardião.

—Sim, chegou faz dois dias, disse que tinha o pressentimento de que algo estava errado e que precisava dela. E logo se amaldiçoou por ter chegado tarde.

—Verônica é assim. Onde está? —Sua prima possivelmente fosse temível, mas continuava sendo uma de suas preferidas.

—Suponho que está atormentando Sebastian.

—Verônica e Sebastian? Isso sim que quero ver — disse Simon. Para seu melhor amigo iria bem que uma mulher como Verônica se interessasse por ele. E seria um bom castigo.

—E seu tio? Está...? —Não se atreveu a terminar a frase.

—Ronan está bem, ou estará quando terminar de se recuperar e deixar de se sentir culpado. Está em outro andar, ainda não lhe deram alta, e não para de dizer que tudo isso é culpa dele e que nunca poderei lhe perdoar.

—E poderá? —Simon acariciou os nódulos, e inclusive aquele leve gesto o deixou esgotado. Estava mais fraco do que acreditava.

—Meu tio ainda tem que me contar muitas coisas, mas também o usaram. Antes que eu perdoe, tem que perdoar a si mesmo, e isso levará um tempo. Por sorte, o detetive Cardoso, Oliver, vai visitá-lo todos os dias, e o obriga a deixar desse compadecer durante um momento.

Ronan Stokes e Oliver Cardoso? Parecia, tinha que ficar em dia com muitos assuntos.

—Simon, naquela manhã, depois de que fizemos amor... —Maria parou nervosa. Tinha tanto medo de que ele a tirasse de seu lado, que era incapaz de olhá-lo.

—Sim?

—Eu... Meu tio... O celeiro. —Não sabia por onde começar.

—Calma, Maria, já sabia — disse — Sabia que os homens de lorde Ezequiel foram atrás de mim, e sabia que você iria me entregar em troca de informação a respeito da tal Claire.

—Sabia? —recostou-se abatida contra o encosto da cadeira— Sabia e apesar disso seguiu com a viagem, e fez amor comigo? Por quê?

—Porque precisava que você confiasse em mim, e precisava lhe contar toda a verdade. E se para isso tinha que me colocar de cabeça em uma armadilha, estava disposto a fazê-lo. Além disso, esperava que terminasse me contando isso tudo.

—la fazê-lo. Naquela manhã despertei antes e você e fui procurar um telefone para ligar a meu tio e pedir que dissesse lorde Ezequiel que não havia trato. Mas já era muito tarde. Se quiser que eu me vá, entenderei. —Provavelmente morreria se Simon dissesse que se fosse, mas entenderia.



—Maria, me olhe. —Esperou que ela o fizesse— Eu a amo, você é minha alma gêmea. De verdade acha que estou disposto a perdê-la outra vez? Lutei contra minha própria morte para estar ao seu lado, assim estou certo de que juntos poderemos superar nossos problemas. O único senão é que preciso saber de uma coisa.

—O que? —confessaria qualquer segredo para que ele ficasse ao seu lado.

—Você me ama? —perguntou com voz entrecortada— Porque eu a amo, e se você...

—Eu te amo, Simon. —sentou-se na cama e deu um tenro beijo nos lábios— Amei quando era pequena, quando foi o herói de todos meus contos. Amava quando minha mente não se lembrava de você, mas meu coração era incapaz de esquecê-lo. Amava quando o conheci e acreditava que queria matá-lo. —Acariciou-lhe o rosto— O amo agora que é o homem com o que vou compartilhar minha vida, e amarei sempre, inclusive quando nós dois formos só uma lembrança.

Simon a aproximou, incapaz de dizer uma palavra depois de escutar a declaração de amor que estava a tantos anos esperando. Seus lábios se fundiram em um beijo no qual se misturaram o amor e a paixão em partes iguais, junto com a promessa de que nunca mais voltariam a separar um do outro. Maria notou que ele tremia e se afastou para deixá-lo descansar, mas Simon insistiu para que se deitasse a seu lado.

—Se vier uma enfermeira e nos ver — disse quando ela se queixou—, direi que estamos comprometidos e que não posso dormir sem você.

—Prometidos?

—É obvio senhorita Stokes — respondeu ele dando outro beijo.

—Como você queira senhor Whelan — sussurrou ela aconchegando-se a seu lado— Eu te amo, Simon.

—E eu você, Maria. Quase morro sem você e não digo pelo ataque dessa coisa, embora sem dúvida me salvasse a vida. E agora que penso: como me trouxe para o hospital?

—Dominic — limitou a dizer ela.

—Dominic está aqui? Dominic Prescott?

—O mesmo. —Maria se apoiou com cuidado na cama para poder falar com ele olhando nos olhos.

—E apareceu no meio de um nada?

—Parece que, Dominic também está procurando Claire, e estava seguindo uma pista no Canadá, quando viu que os soldados de lorde Ezequiel foram para sua casa. Não chegou antes porque sofreu um pequeno acidente no caminho.

—Onde está agora? —Tinha que falar com ele e contar o que disse lorde Ezequiel a respeito de uma ilha. Tinha certeza que Claire estava ali.

—Não estou certa, comporta-se de um modo estranho. Mas não se preocupe, vem te ver toda noite, certeza que hoje também aparecerá. Trata de descansar. —Passou a mão pelo cabelo— Tem que se recuperar.

—Ah, sim? Acaso tem intenções desonestas ao meu respeito, senhorita Stokes? —perguntou ele, zombando, apesar de que escapou um bocejo.



—É obvio que sim, senhor Whelan. Sabe de uma coisa? Nunca lhe disse isso, mas eu adorava que me chamasse *senhorita Stokes*. Você fazia de propósito, não?

—É obvio que não, senhorita Stokes. —Voltou a bocejar.

—Dorme um pouco.

—Não quero. Tenho medo de que não esteja aqui quando acordar — atreveu-se a confessar.

—Estarei aqui, Simon. Prometo isso.

—Amo você. Não se esqueça — pediu ele antes de dormir.

—Eu também o amo, e não o esquecerei. Jamais.

Enquanto isso, na ilha do Ignaluk, Alaska.

Claire não sabia quanto mais poderia resistir. Fazia meses que lorde Ezequiel a capturara e ainda não sabia o que pretendia fazer com ela. Ao longo de todo esse tempo, fez infinidade de testes, interrogou-a até o esgotamento e a mudou várias vezes. Mas Ezequiel se assegurou de que continuasse viva e em bom estado a todo o momento, e deixou muito claro aos soldados que a vigiavam, que se alguém tocasse um cabelo seu seria executado.

Quando conseguia dormir, Nina, uma grande odisseia que fora assassinada cruelmente por um soldado do exército das sombras, visitava-a em sonhos e dizia que tinha que aguentar que logo seria resgatada. Nesses sonhos, Claire tratava de dizer a Nina que não o fizessem, que era muito perigoso, mas a odisseia sempre respondia que nada conseguiria parar Dominic Prescott, o guardião centenário que estava a meses procurando-a e enfrentando mesmo demônio para achá-la. E isso era o que Claire mais temia... Não podia deixar de pensar que isso era precisamente o que lorde Ezequiel esperava.

Ela era o chamariz, e Dominic, a presa.

E Claire preferiria morrer antes de se converter na perdição do único homem que já amara.

E na Rússia...

Simona estava furiosa com Mitch por tê-la seguido até ali. Ele era a única boa ação que fizera em sua vida, e o inspetor insistia em seguir ficando em perigo. Mitch deixou claro que não ia permitir que se sacrificasse por ele, e a ameaçou beijando se voltasse a contrariá-lo.

Michael viajou até a Rússia para ajudar Simona a averiguar a verdade sobre suas origens. Depois que ela se fora de Londres, decidiu que ia esperar e dar tempo, tal como prometera, mas como não podia afastar a sensação de que ela precisava dele, quebrou sua promessa e fez as malas. E chegou a Rússia bem a tempo de salvá-la de umas criaturas selvagens.

Juntos, Michael e Simona conseguiram derrotar aqueles monstros, e acreditaram que já passaram o pior... Mas quando entrou na escola abandonada, o que viram ali demonstrou que o pior ainda estava por vir: o inferno.



GLOSSÁRIO

Os Deuses

No princípio dos tempos, os Cinco Grandes se reuniram para decidir se acabavam ou não com a raça humana. Escutaram várias opiniões e no final, depois de observar a coragem e a nobreza de um soldado moribundo, decidiram dar outra oportunidade e criaram os guardiões de Alexandria.

Os Cinco Grandes, Urano, Gaia, Tetis, Hiperión e Cronos receberam vários nomes ao longo da história e sempre se divertiram vendo como as diferentes religiões os utilizavam a seu desejo. A autêntica verdade só eles sabem, mas estão dispostos a compartilhar com os humanos o básico; Urano domina o céu; Gaia, a terra; Tetis, os mares; Hiperión é o senhor do fogo, e Cronos, amo do tempo que, como ele diz, de todas as coisas que os humanos podem perder, é a mais irrecuperável.

Os Guardiões

Há dois tipos de guardiões, mas todos nascem ou nasceram humanos.

*Os convertidos: são homens que, por demonstrar um grande valor ou uma nobreza sem igual, recebem o poder dos deuses ao morrer e se convertem então em guardiões. Esse foi o caso do primeiro deles: Tarek de Alexandria.

*Os puros: são descendentes diretos de um guardião. Todos são homens e ao nascer são como um menino qualquer, mas ao chegar à adolescência, o guardião que habita em seu interior começa a despertar e têm que ir adaptando-se às mudanças. Negar a natureza do guardião pode ter consequências nefastas para eles; da morte até a loucura.

Não são imortais, mas ao chegar aos trinta e cinco anos, se não encontram sua alma gêmea, deixam de envelhecer até encontra-las. Por isso, seu corpo possui uma grande capacidade de cicatrização e recuperação.

Quando um guardião sai à luz da lua cheia, garras metálicas aparecem entre seus nódulos, os olhos obscurecem até ficar negros e adquire uma visão infalível. Intensificam todos os sentidos e crescem presas letais. Suas costas adquire maior envergadura e o corpo do humano passa a ter uma velocidade e força sem igual.

A alguns aparece uma tatuagem no ombro esquerdo, que chega a se estender por todo o braço e o pescoço quando por fim sua alma gêmea se converte no amor de sua vida.

O Despertar do Guardião

O guardião que habita dentro dos guardiões puros começa a despertar aos seis anos,



embora em casos excepcionais aconteça antes. Este vai ganhando presença pouco a pouco dentro da alma e do corpo do humano e terá que aprender a dominá-lo. Há dois momentos nos quais é quase impossível controlar os instintos do guardião: quando há lua cheia e quando este encontra a sua alma gêmea.

O primeiro guardião foi criado em noite de lua cheia e por isso o astro tem tal influência sobre eles.

A Alma Gêmea

Para assegurar-se de que os descendentes de sua criação fossem dignos de tal presente, os deuses decidiram que para cada guardião só existiria uma mulher capaz de completá-los. Ela é a única que pode lhe dar filhos, e a única cujo sangue poderá salvar o guardião.

Todos os guardiões têm uma alma gêmea, e negá-lo é inútil. Um guardião pode deitar-se com todas as mulheres do mundo, mas nunca sentirá prazer até que o faça com a única escolhida para estar com ele.

Entretanto, o sistema não é perfeito. Embora o guardião se sente irremediavelmente atraído para a escolhida, ela não tem por que sentir o mesmo.

O Diário dos Guardiões

Diário que começou a escrever o primeiro guardião e que passou de geração em geração.

Nele se encontram as histórias dos maiores guardiões de todos os tempos, e algum ou outro segredo sobre sua raça.

O encarregado de escrever é o grande guardião. Atualmente, essa honra recai sobre Liam Jura, e o próximo será seu neto Ewan.

O Livro Negro dos Guardiões

Parte indivisível do diário. Nele se encontram as histórias sobre os guardiões que traíram sua natureza.

A lenda diz que nem tudo o que aparece nele é certo, mas que possui o poder de fazer cambalear os alicerces dos guardiões.

Os Clãs

Os guardiões se organizam em famílias ou clãs, alguns correspondem à laços de sangue, mas outros se constituem sobre vínculos de amizade de seus líderes. O clã mais importante do nosso tempo é o clã dos Jura, e seu fiel aliado, o clã dos Whelan. Os clãs que os apoiam são, entre outros, os MacCullen da Escócia, os Ponce de Leão da Espanha, os Terrafiera da Itália e os Tamarish da Rússia. O único clã que se opôs publicamente ao dos Jura foi o dos Talbot.



Também há clãs que foram repudiados pelo resto.

O Grande Pacto

Depois da segunda guerra mundial, muitos guardiões começaram a se perguntar se deveriam de fato proteger os humanos. Vários clãs, liderados pelo dos Talbot, deduziram que estavam fartos da humanidade e que chegou o momento de pensar só neles. Outra facção, liderado pelo clã Jura, lembrou que foram criados para defender os homens.

Para evitar uma batalha que sem dúvida teria terminado com o mundo, assinaram um pacto no qual ambas as facções prometiam não enfrentar-se uma com a outra e seguir diferentes caminhos.

A única condição do pacto era não utilizar nem prejudicar os humanos. E ambas as facções o respeitaram... Até agora.

As Ilíadas

São as filhas dos guardiões. No passado, acreditava-se erroneamente que não possuíam poderes e o fato de que nascessem muito poucas, reforçou a ideia.

Seus poderes são diferentes dos guardiões e dos das odisseias.

Seu aspecto físico, embora humano, lembra às amazonas. Têm um vínculo muito especial com a natureza e com os elementos. Segundo a lenda, a ira de uma ilíada pode despertar um furacão.

Não têm uma alma gêmea, mas se o homem ao qual entregam seu coração não corresponde, morrem.

A ilíada mais importante do nosso tempo, embora ela ainda não saiba é Simona Babrica.

As Odisseias

Tetis e Gaia, as duas deusas dos Cinco Grandes, decidiram criar uma raça própria, similar aos guardiões, mas formada por mulheres.

Permaneceram escondidas durante muitos séculos, atuando frequentemente nas sombras. Mas depois do misterioso desaparecimento de sua líder, decidiram que chegara o momento de sair à luz.

Igual aos guardiões, são imortais até encontrar a sua alma gêmea.

Têm uma impressionante força mental que concede poderes telepáticos, embora nem todas as odisseias tenham os mesmos ou a mesma intensidade.

Muitas são grandes feiticeiras, e preferem recorrer à diplomacia do que às armas, mas podem ser letais.

O Exército das Sombras



Quando os Cinco Grandes se reuniram, Hades, deus do Inframundo, ofendeu-se por não ter sido incluído no grupo. E quando mais tarde descobriu que os outros deuses criaram os guardiões, decidiu demonstrar como absurdos e inúteis pareciam, pois a maldade era parte intrínseca da natureza humana, e os homens sempre caem na tentação.

Ninguém sabe o que fez Hades, mas o mal começou a estender-se pelo mundo. Um ser muito poderoso e escuro apareceu na terra e seu exército ganhou adeptos. Os homens que entregam suas almas a esse exército obtêm em troca o que mais desejam: dinheiro, poder, sexo, mas o que não sabem é que o preço é muito alto.

Convertidos em soldados com uma insaciável sede de sangue, aparece no pescoço uma marca em forma de triângulo com três pontos em um dos vértices.

Normalmente, vão acompanhados de grandes cães com enormes presas chamados cães do inferno.

Os Gladiadores

Séculos atrás, um grupo de soldados do exército das sombras, quatro humanos que foram convertidos contra sua vontade, fugiu do exército e decidiram que se vingariam daquele deus que roubaram a humanidade.

Com o passado do tempo, o reduzido grupo aumentou em número.

Os guardiões ainda não conhecem sua existência, mas os gladiadores captaram a atenção dos deuses e estes têm proposto um pacto: se um gladiador demonstrar valentia, não sucumbe ao mal e se abster de beber sangue, será liberado para sempre da marca.

Recebe o nome de Spartacus, o primeiro soldado que se rebelou e conseguiu salvar.

Atualmente estão debatendo se ajudam ou não os guardiões.

Lorde Ezequiel

Líder do exército das sombras. Através da história, recebeu vários nomes e existem diversos retratos deles, mas nenhum é fiel à realidade.

Possui a habilidade de ler os mais escuros desejos dos humanos, mas não pode fazer o mesmo com os guardiões.

Seu poder se alimenta do desespero, da maldade e da ambição. E graças aos homens cada vez é mais poderoso.

O Cisma

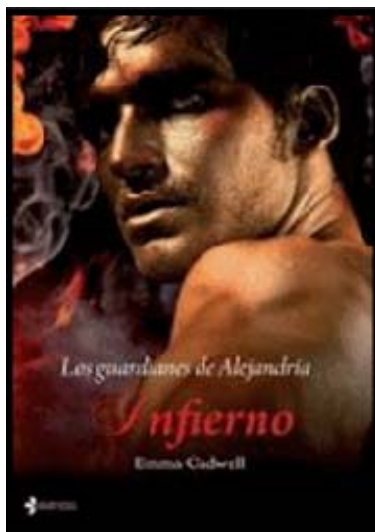
Tanto no diário como no livro negro se fala dele, mas nunca aconteceu.

Segundo a lenda, chegará um momento em que os guardiões deverão enfrentar os infernos para salvar a humanidade, embora antes que chegue esse horrível momento, deverão lutar entre



eles.

Muitos o consideram só uma lenda, mas uns poucos sabem que é verdade... E que está se aproximando.



Infierno

Os Guardiões De Alexandria 03

Vancouver, alguns dias antes.

—Não! Não! —Sebastian conseguiu despertar daquele horrível pesadelo e, com um gesto automático, levou a mão à cicatriz que tinha no estômago. Aquela ferida mortal o converteu no que era agora: um monstro. — Deus — suspirou e se sentou na cama. Não usava camiseta e tinha o torso ensopado de suor. Um suor frio e gelado, mas que agradecia, pois lembrava que já não estava preso naquela caverna do deserto.

Saiu da cama e caminhou até a janela. Nevava. Estava já há vários dias no Canadá e, embora a paisagem fosse branca desde sua chegada, era a primeira vez que via nevar. Estava tremendo, e foi em busca de suas calças com intenção de pegar um cigarro. A nicotina não apaziguaria o desejo que corria por suas veias, mas ao menos daria uns segundos mais para tratar de tranquilizar-se. Encontrou o pacote de cigarro e o acendedor e acendeu um cigarro. Ao levar aos lábios, notou que suas presas já adquiriram uma extensão mais que considerável e morria de sede. Sede de sangue. Lembrava perfeitamente o sangue de suas vítimas escorregando pela garganta, o sabor que ficava em sua boca durante dias. Sebastian estremeceu. Não, não ia voltar a cair na tentação. Não depois de tudo o que teve que passar para chegar onde estava.



Passeou nervoso sobre o tapete e consumiu o cigarro em umas poucas tragadas. Acendeu outro, desta vez com uma caixa de fósforos que havia em cima do criado-mudo. Grande engano, porque o aroma do fósforo lembrou o do sangue. Fechou os olhos e respirou fundo. Sangue que podia cheirar sentir... Precisava. Tinha que sair dali o quanto antes. Vestiu uma calça de algodão, tênis, uma camiseta e um pulôver de pescoço alto. Correria até o esgotamento, e possivelmente conseguisse dominar de novo os instintos demoníacos que corriam por suas veias.

Abriu o balcão e saltou ao chão. A distância de dois andares não era nada para quem fora um dos mais temíveis soldados do inferno. Aterrissou no meio da neve e se assegurou de que o pescoço do pulôver cobrisse a marca que o identificava como demônio. A marca de sua vergonha. Ainda não contara a Simon o que era; sabia que tinha que fazê-lo, mas fazia tão pouco que recuperara seu melhor amigo, que queria desfrutar de sua amizade tanto como fosse possível. Além disso, Simon ainda estava convalescente de seu enfrentamento com aquele monstro do inferno: uma criatura muito pior que ele, e que era o fruto perverso dos experimentos de lorde Ezequiel.

Correu por entre os carvalhos, o frio gelado açoitou o rosto e, durante um segundo, acreditou poder resistir à sede de sangue... Até que a viu. Que diabo estava fazendo Verônica ali?

Verônica Whelan era uma das três primas de Simon. Era filha do irmão mais novo de Royce, e conhecida por sua rebeldia; mas a jovem era muito mais que isso. Era a prova de que as filhas dos guardiões eram tão fantástico quanto seus irmãos varões, ou inclusive mais.

Desde muito pequena, Verônica soube que era diferente. Não era telepata, a não ser algo muito mais complexo e perigoso: podia sentir as emoções de outros como se fossem as próprias. Dominá-las. Extingui-las. A primeira vez que percebeu, foi quando encontrou uma de suas irmãs chorando desconsolada depois de cair de um balanço. Verônica desejou com todas suas forças que Amélia deixasse de sentir o braço doer e, de repente, sua irmã se encontrou bem e ela sentiu como quebrava o rádio. Durante uns segundos, acreditou morrer de dor, mas fechou os olhos, visualizou o osso quebrado e, em sua mente, imaginou arrumando-o. E conseguiu, mas quase morreu no intento.

Despertou em sua cama três dias depois e sua mãe contou que a encontrara inconsciente e que, por mais que tentasse, não puderam despertá-la até então. Seus pais chegaram à conclusão de que Verônica tomara algum golpe na cabeça, mas ela sabia a verdade e a escondeu. E a partir de então foi praticando às escondidas; primeiro com animais pequenos ou com emoções insignificantes, e pouco a pouco foi aprendendo a dominar esse dom. Dias atrás, e enquanto estava no Japão ajudando uns ecologistas a lutar contra a matança de baleias, sentiu que alguém muito próximo precisava dela. Verônica sempre fazia caso desses pressentimentos e prestava muita atenção. Em sua mente, viu que Simon corria perigo e em seguida fez as malas para ir ajudar o seu primo. Quando chegou ao Canadá, por sorte, em suas visões viu que tinha que ir à casa da família em Vancouver, Simon estava no hospital e Maria, sua alma gêmea, estava se encarregando dele. Verônica pensou então que já não precisavam dele, mas ao sair do quarto do hospital o viu, e soube que ele era o verdadeiro motivo pelo fato de ter ido ali.

Sebastian Kepler estava no meio do corredor do hospital, apoiado contra a parede e com os



olhos fechados. As mãos caídas aos lados e apertava os punhos com tanta força, que era impossível que circulasse o sangue. Verônica sentiu muitas emoções alheias ao longo de sua vida, mas jamais um desespero tão agudo como o que emanava dele. E quando Sebastian abriu os olhos, sentiu morrer: aquele homem perdera sua alma, e precisava recuperá-la quanto antes ou morreria para sempre.



*Incentive as revisoras contando no nosso blog
o que achou da história do livro.*

<http://tiamat-world.blogspot.com.br/>